

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Fernanda Machado Alves Bonfim

BDSM made in Brazil:
Análise das discursividades do fetichismo brasileiro

Juiz de Fora
2024

Fernanda Machado Alves Bonfim

BDSM made in Brazil:
Análise das discursividades do fetichismo brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Área: Comunicação e Sociedade

Linha de Pesquisa: Mídia e Processos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Machado Alves Bonfim, Fernanda.

BDSM made in Brazil : Análise das discursividades do fetichismo brasileiro / Fernanda Machado Alves Bonfim. -- 2024.
113 p.

Orientador: Wedencley Alves Santana
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

1. BDSM. 2. Comunicação. 3. Análise de Discurso. 4. Fetichismo.
5. Sadomasoquismo. I. Alves Santana, Wedencley, orient. II. Título.

Fernanda Machado Alves Bonfim

BDSM made in Brazil: uma análise de discurso do fetichismo brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 27 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. João Paulo Malerba

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Regina Facchini

Universidade de Campinas

Juiz de Fora, 28/02/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Wedencley Alves Santana, Professor(a)**, em 27/03/2024, às 21:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regina Facchini, Usuário Externo**, em 30/03/2024, às 12:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Paulo Carrera Malerba, Professor(a)**, em 13/05/2024, às 14:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1724837** e o código CRC **0B46E53E**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada um dos afetos que, ao longo destes dois anos, conheci, estiveram presentes, foram embora, voltaram, se despediram, ficaram, deixaram lembranças e trouxeram ensinamentos. Se sobrevivi a esse período, foi por conta dos seus amores terem sido muito mais frequentes do que as minhas dores.

À minha família, principalmente minha mãe, por, mesmo sem conseguir entender direito todo esse universo, tão diferente e assustador, ter me acolhido, apoiado, incentivado e se orgulhado.

A todos que no meio BDSM me acolheram, provocaram, questionaram e discordaram de mim. Agradeço pelas leituras, debates, conversas, ligações, chamadas de vídeo, cafés, eventos e infinitos áudios.

À Wilma Azevedo que abriu as portas da sua vida e da sua casa para responder as perguntas dessa jovem jornalista. Agradeço todo seu trabalho em desmistificar o sadomasoquismo, no Brasil, em acolher todos os que tinham desejos incomuns e, principalmente, por continuar querendo fazer o melhor pelo fetichismo brasileiro.

Aos curiosos e baunilhas que tiveram interesse em conhecer mais da minha pesquisa, fizeram perguntas e elogios, e ajudaram a tornar minha escrita mais acessível e sensível.

Ao meu orientador, Weden, que aceitou esse projeto nada convencional, até mesmo meio polêmico, e me fez mais confiante com a minha escrita e pesquisa.

Ao grupo de pesquisa, Sensus, que, ao longo dos últimos 8 anos, me mostra como questionar o convencional, não apenas pelo ímpeto da discordância, mas porque nada é óbvio, natural ou imutável.

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior através da concessão de bolsa de estudo de Mestrado e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

O acrônimo BDSM surge, ao final do século XX, nos fóruns online estadunidenses, como forma de nomear uma série de práticas erótico-fetichistas que envolvem as dinâmicas de: Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. Porém, sua adesão, no Brasil, ocorre, somente, a partir dos anos 2000; até então, o fetichismo nacional dividia-se entre sadomasoquistas e podólatras. Uma vez que os contextos cultural e histórico influenciam, fortemente, as formas que as subculturas e sexualidades são expressadas, era inevitável que o BDSM constituísse novos contornos na sua expressão brasileira. Inicialmente, esta pesquisa possuía como foco a análise da produção e popularização de conhecimento fetichista, por meio das redes sociais, porém, o recorte parecia muito limitado diante da amplitude do tema. Assim, optei por descrever e analisar as diversas discursividades do BDSM brasileiro, suas especificidades, discordâncias e negociações. Por meio da Análise de Discurso, da linha Orlandi-Pecheux, analisei alguns dos termos mais recorrentes do discurso BDSM nacional, suas manifestações corporais e por meio de objetos. A partir da posição não apenas de pesquisadora, mas também de praticante de BDSM, pretendo demonstrar o amplo potencial dos estudos sobre o tema no campo da Comunicação e da Análise de Discurso.

Palavras-chave: BDSM; Análise de Discurso; Fetichismo; Comunicação; Sadomasoquismo

ABSTRACT

The main questions of this research are: how the production of meaning happens in the BDSM scene, what subject-positions its practitioners takes, in the symbolic exchanges that characterize this urban subculture, and what discourses permeate its practices. The acronym BDSM appears, at the end of the 20th century, in American online forums, as a way of naming some erotic-fetishistic practices that involve the dynamics of: Bondage, Discipline, Domination, Submission, Sadism and Masochism. However, its adhesion in Brazil has only occurred in the 2000s; until then, national fetishism was separated between sadomasochists and podolators. Since the cultural and historical contexts strongly influence the ways in which subcultures and sexualities are expressed, it was inevitable that BDSM would constitute new contours in its Brazilian expression. Thus, my objective in this work was to identify how discourses constitute Brazilian BDSM, it's specificities, disagreements and negotiations. Using Discourse Analysis, along the Orlandi-Pecheux line, I analyzed some of the most recurring terms in the national BDSM discourse, it's bodily manifestations and through objects. From the perspective of a researcher and also a practitioner of BDSM, I intend to demonstrate the broad potential of studies on the topic in the field of Communication and Discourse Analysis.

Keywords: BDSM; Discourse Analysis; Fetishism; Communication; Sadomasochism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. BDSM, COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA	15
2.1 ESTADO DA ARTE	15
2.1.1 Leite Jr (2000)	15
2.1.2 Zilli (2007)	16
2.1.3 Melo (2010).....	17
2.1.4 Silva (2012).....	18
2.1.5 Facchini (2013).....	19
2.1.6 Machado (2017).....	20
2.1.7 Pinto (2023).....	22
2.2 CENTRALIDADE DA COMUNICAÇÃO.....	23
2.2.1 Wilma Azevedo e a comunicação impressa.....	23
2.2.2 Popularização da internet e a origem do BDSM.....	25
2.2.3 Miatização do BDSM	28
2.3 NARRATIVA LEATHER E SM	32
2.4 MEDICINA E PERVERSÃO	34
3. DISCURSIVIDADE BDSM	39
3.1 UMA QUESTÃO DISCURSIVA	39
3.2 CONCEITOS MOBILIZADOS	44
3.3 DECISÕES METODOLÓGICAS	49
4. DESCRIÇÃO DO OBJETO	55
4.1 SESSÃO: A COMUNICAÇÃO NEGOCIADA	55
4.2 COMUNIDADE: A COMUNICAÇÃO COLETIVA	59
4.3 REDES: A COMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL	64
4.4 BAUNILHAS: A COMUNICAÇÃO EXTERNA	70
5. ANÁLISE DO OBJETO	75
5.1 FETICHISMO E FETICHE	76
5.2 FANTASIA	79
5.3 SEGURANÇA E RISCO	82
5.4 SADISMO E MASOQUISMO	85
5.5 PODER	88
5.6 CORPOREIDADE E OBJETOS	90
5.7 REPRESENTAÇÃO E PRÁTICA	94
5.8 PSEUDÔNIMOS E HONORÍFICOS	97
5.9 BAUNILHA	100
5.10 ERÓTICO E SEXUAL	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105

1 INTRODUÇÃO

É inegável que os dois anos da pandemia de Covid-19 foram um momento muito intenso emocionalmente para todos que estiveram em isolamento social. Fomos afetados pela distância física de todos que amávamos, o perigo constante de sermos contaminados por um vírus mortal, a constante sensação de solidão, crises financeiras e reflexões acerca de nossas escolhas de vida. Todo esse cenário levou muitos de nós a repensarmos quem somos, o que gostamos e queremos, não somente para aquele momento, mas, principalmente, para quando toda aquela situação finalmente terminasse.

Estar sozinha em casa, acompanhada apenas do meu gato, me fez refletir muito sobre os tipos de relações e sensações que eu sentia falta. O que me fazia sentir saudade de estar com tal pessoa? Se as conversas online não eram o suficiente, o que na presença fazia tanta diferença? Nesse processo, percebi que a saudade que eu sentia, em alguns momentos, não era pela pessoa em si, mas as sensações que conseguiam provocar em mim. Foi então que meu lado jornalístico se empenhou em buscar quais sensações eram essas e porquê faziam tanta falta.

A presença constante nas redes sociais, em alguns momentos, me despertou sensações semelhantes a essas que eu sentia pelas pessoas que antes estavam em minha vida. Certas imagens, vídeos, áudios e palavras me transportavam para um lugar específico que eu sentia muita falta. Em meio a estes encontrei uma recorrência, o termo BDSM¹.

Até então, eu sabia apenas que estas quatro letras levavam a um tipo de pornô bem exótico, mas não pareciam dizer nada sobre mim. Essa sigla não carregava, ainda, nenhum sentido que dialogasse com a minha realidade e sentimentos. Até que, em minhas pesquisas online, encontrei duas palavras, que aí sim, eu reconhecia alguns sentidos: fetichismo e sadomasoquismo.

As sensações que eu tanto sentia saudade envolviam de fato certo tipo de mágica, uma espécie de feitiço, eu não sabia se poderia chamar aquilo de sexual, mas definitivamente era erótico. Eram momentos que pareciam deslocados da realidade e que, ao mesmo tempo, faziam o cotidiano parecer de mentira. O

¹ Acrônimo das palavras Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo; grupo de práticas erótico fetichistas. Mais a frente explico sobre seu surgimento e sentidos.

presente momento era a verdadeira realidade, afinal, carregava tantas sensações e sentimentos que era impossível negar sua existência.

Mas nenhum jornalista se contenta apenas com as próprias experiências e algumas informações online. Procurei sites oficiais ou reconhecidos por alguma instituição de saúde, governamental ou científica, porém, no Brasil, toda informação sobre o assunto parecia não alcançar esses espaços institucionais. Então, procurei por pessoas que vivessem aquela realidade e pudessem me explicar o que tudo aquilo significava. Foi quando descobri todo um universo do qual não dá para esquecer.

No segundo ano de pandemia, em 2021, passei a ter contato online com as comunidades BDSM brasileiras. Como, durante o período de isolamento social, nossa socialização estava restrita aos espaços digitais, a presença em redes sociais, como Instagram, e mensageiros, como Whatsapp, ganhou uma grande importância que levou a relações muito profundas e aproximações de maneira acelerada em curtos espaços de tempo.

Assim, tive contato com muitos nomes relativamente famosos no meio BDSM brasileiro. Todos estavam online, pois era a única forma de continuar vivendo em comunidade durante o isolamento social. Essa proximidade espacial, em que todos se encontravam nos mesmos grupos, eventos, chamadas de vídeo e redes sociais, permitiu que eu aprendesse sobre os termos, história e códigos do BDSM brasileiro com praticantes que possuem décadas de experiência e conhecimento, ao mesmo tempo em que eu não era única novata cheia das dúvidas mais básicas e triviais.

Ao passo em que as medidas de isolamento foram sendo afrouxadas, o conhecimento teórico que adquiri, com o passar dos meses, pôde finalmente ser colocado em prática. Nesse momento, eu percebi que esse é o lugar em que me encontro. Todas as sensações e sentimentos não se resumem a excitação sexual, há um lugar de paz e tranquilidade quase transcendental, como uma meditação. Eu, finalmente, consegui entender o que tanto me falaram nos grupos sobre o prazer na entrega e no poder.

Acontece que essa parecia ser uma informação a vista de todos e ainda assim desconhecida. Conheci praticantes de BDSM das mais diversas regiões do

Brasil, mas os locais de reunião estavam apenas nas capitais. Meu ímpeto foi querer contar para todo mundo tudo o que eu havia aprendido com as minhas leituras, conversas e experiências, mas eu entendia que o motivo de muitos dos adeptos do BDSM manterem sigilo sobre suas práticas não é apenas por mistério. O preconceito, infelizmente, ainda é real e acredito que um grande culpado é a ignorância.

Não posso negar que parte dessa crença pode ser por conta do meu lado jornalista que acredita que dá pra mudar o mundo por meio da informação. Acontece que meu lado acadêmico também reforça essa esperança. Assim, entrei na empreitada de colaborar com a produção de conhecimento acadêmico brasileiro sobre BDSM. Afinal, se os adeptos já produziram tanto conhecimento sobre o assunto, talvez fosse momento de conquistarmos novos espaços.

A Comunicação é a área de conhecimento que me deu muitas das lentes que hoje uso para enxergar o mundo. Perceber os processos comunicacionais como parte constituinte de toda cultura e em constante movimento de afetar e serem afetados pelos indivíduos compõe minha percepção de realidade. Logo, meus estudos não teriam como ignorar a relevância dos meios de comunicação na criação do BDSM brasileiro.

Já a Análise do Discurso apareceu para mim como uma possibilidade de compreender as práticas BDSM como produções simbólicas, e de sentidos sobre corpo, sexualidade e mesmo relações de poder. É claro que ao longo do processo surgiram mais perguntas e dúvidas do que respostas de fato, mas acredito ser parte natural de estudar qualquer objeto e se aprofundar em qualquer área do conhecimento. Assim, tentei descrever e analisar o máximo que pude dentro do espaço de uma dissertação e no tempo do mestrado. (Conto com as habilidades de outros analistas de discurso para ir além no estudo do tema)

Após repensar uma série de vezes meu objeto de análise, alterei meu recorte da produção de conhecimento fetichista nas redes sociais para as discursividades do BDSM brasileiro. Em meio a muitas reuniões com o meu orientador, conseguimos perceber que a comunicação BDSM poderia ser dividida em quatro níveis: negociada, coletiva, instrumental e externa. Indo do micro em direção ao macro, do privado ao público, realizei a descrição do objeto, para então partir para a análise.

Acredito que este movimento tenha facilitado minha percepção do que poderia ser analisado, ao mesmo tempo que deve facilitar a compreensão do leitor deste trabalho. Porém, antes da descrição do objeto, ainda desenvolvi dois capítulos referentes à tematização (2) e à fundamentação teórica (3).

No primeiro capítulo, há uma breve revisão bibliográfica dos estudos sobre BDSM, no Brasil, com destaque aos trabalhos mais referenciados em minha pesquisa e por outros pesquisadores do tema. Assim, o leitor é ambientado sobre em quais condições encontra-se a produção de conhecimento acadêmico brasileiro sobre BDSM, fetichismo e sadomasoquismo.

Também é tratado da relevância e protagonismo do uso dos meios de comunicação na história e construção da subcultura² BDSM, tanto brasileira quanto exterior. Faço uma breve apresentação de como foram utilizadas, no final do século XX, a imprensa e o correio brasileiros para a comunicação entre fetichistas e sadomasoquistas. Ferramentas estas que foram substituídas, após a popularização da internet, pelos e-mails, redes sociais, sites e blogs.

O primeiro capítulo é encerrado com um resumo de como a medicina, e outras áreas da saúde, ao longo da história, alteraram suas percepções e discursos acerca do fetichismo, sadomasoquismo e seus adeptos. O entendimento desta relação de poder entre a produção de saberes, institucionais e científicos, e os efeitos destes na construção da sociedade, que os sujeitos diagnosticados irão habitar, é essencial para a compreensão deste trabalho.

No segundo capítulo, justifico a importância em analisar discursivamente o BDSM brasileiro, o amplo potencial de produção de conhecimento acadêmico neste movimento e o porquê de eu ter considerado esta abordagem a mais adequada à minha pesquisa. Então, apresento os principais conceitos mobilizados, ao longo do

² Ainda que o termo “subcultura” tenha sido desenvolvido, inicialmente, para pensar academicamente grupos de jovens pobres, e este não seja o recorte do BDSM brasileiro, é possível identificar uma forte adesão ao termo nos discursos desta comunidade. Levando em consideração a revisão bibliográfica do termo “subcultura” realizada por Barros (2007) é possível identificar uma popularização do sentido de subcultura como grupo de sujeitos que se distinguem ao mesmo tempo que se relacionam com a cultura dominante, constituindo assim identidades e formas de solidariedade que contrastam com as normas e valores da sociedade hegemônica. Através da criação de novos estilos, símbolos e rituais, tais grupos apresentam “soluções” para as contradições sociais, o que podemos identificar nas comunidades BDSM ao proporem novos sentidos para dor, prazer, violência e consentimento, seja por meio das técnicas desenvolvidas para suas práticas, pela criação de bases morais adequadas à realidade destas, como o SSC (explicação mais à frente), ou outras construções coletivas.

meu trabalho, na área da Análise de Discurso em diálogo com teorias da comunicação e outros campos, demonstrando como o trabalho dos teóricos referenciados aproximam-se e fundamentam as reflexões propostas por mim.

Por fim, encerro o capítulo com uma narrativa das escolhas metodológicas realizadas ao longo dos dois anos de mestrado e pesquisa. O objeto empírico foi completamente alterado, entre o projeto de pesquisa inicial, qualificação e versão final da dissertação, e esse processo de mudança demonstrou nuances da comunicação BDSM brasileira que talvez eu não tivesse a mesma sensibilidade para identificar caso essas alterações não tivessem ocorrido.

Assim, chego ao terceiro capítulo, onde é descrito o objeto empírico. Dividido em quatro partes, este capítulo demonstra como a comunicação BDSM brasileira possui diferentes níveis - organizados como círculos concêntricos. A comunicação a dois, realizada em espaços privados, dá início a um cenário que se expande até a comunicação entre fetichistas e baunilhas³ nos espaços públicos. A cada nível é possível perceber diferentes padrões e expressões.

No primeiro nível, temos onde efetivamente ocorrem as práticas fetichistas. Realizadas a dois, ou mais, e restritas a espaços privados (pelo menos em teoria), as sessões são parte essencial na constituição do praticante de BDSM. Porém, a comunicação BDSM brasileira se estende até as redes sociais, cidades, ambientes acadêmicos e a mídia massiva, que, ainda que tenham sido pensados, criados e desenvolvidos por/para baunilhas, são, constantemente, frequentados por fetichistas e sadomasoquistas - este é o quarto, último e mais amplo nível.

Após a apresentação do objeto empírico, temos a sua análise. No quarto capítulo, a Análise de Discurso ganha maior presença ao serem analisadas palavras e demais materialidades do discurso BDSM brasileiro. Uma vez que é possível a identificação de sentidos não apenas nas palavras e imagens, tornam-se também analisáveis como discurso os objetos e corporalidade próprios do BDSM.

Acredito que, com este arco de apresentação da pesquisa, consigo contextualizar o leitor no objeto de estudo de maneira a tornar meu trabalho acessível não somente aos estudiosos da comunicação ou aos praticantes de

³ Não fetichistas. Explico mais a frente e amplitude dos sentidos do termo e sua origem.

BDSM, mas a ambos. Uma vez que minha intenção ao cursar o mestrado foi a aproximação dos conhecimentos dos dois campos, não faria sentido minha dissertação negligenciar um dos dois lados.

2 BDSM, COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA

O BDSM, assim como o fetichismo e o sadomasoquismo, não é um tema de comum acesso. Poucos são os que buscam informações ou que, por uma coincidência do destino, são ensinados sobre. Infelizmente, essa falta de informação não se limita ao conhecimento popular, no meio acadêmico este tema também é pouquíssimo abordado.

Por isso, elenco aqui alguns dos trabalhos acadêmicos brasileiros mais referenciados, por mim e por outros pesquisadores; demonstro a relevância da Comunicação na evolução do fetichismo e do sadomasoquismo, no Brasil; conto um pouco sobre o contexto histórico e cultural que propiciou o surgimento do BDSM, nos Estados Unidos; e trato da relação dos saberes médicos com estes grupos sexualmente dissidentes. Para assim, ambientar o leitor deste trabalho no tema de estudo.

2.1 ESTADO DA ARTE

Dentre as produções acadêmicas nacionais sobre a comunidade, cultura e práticas BDSM, alguns pesquisadores se destacam como referências recorrentes no entendimento e conhecimento do tema. Aqui abordo de maneira resumida algumas dessas contribuições dando destaque a como os estudiosos pensaram os meios de comunicação para explicar os modos de expressão e socialização fetichistas.

2.1.1 Leite Jr (2000)

O primeiro trabalho produzido sobre o tema foi publicado no ano 2000 e tratava mais especificamente sobre a Cultura S&M⁴, um recorte da comunidade BDSM. Desenvolvido por Jorge Leite Jr, como trabalho de conclusão de curso da graduação em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ainda é uma das principais referências sobre práticas e modos de socialização dos sadomasoquistas brasileiros.

A cultura S&M possui comportamentos, ritos, locais e códigos que identificam os “adeptos” ao mesmo tempo em que delimitam seu “corpus”. Mas mesmo entre os praticantes não há demarcações claras do que faz parte exclusiva do sadomasoquismo ou não. Para ser mais

⁴ S&M, S/M ou SM, são modos de abreviar os termos sadomasoquismo e sadomasoquista.

claro: existem várias “subdivisões” dentro deste conceito maior. (LEITE JR, 2000, p.17)

Leite Jr discorre sobre o uso dos termos sádico, masoquista e sadomasoquista socialmente, nas ciências médicas e nas culturas de massa. Ao observar os modos de socialização e comunicação dos praticantes não profissionais de sadomasoquismo⁵, ele constata que o sentido mobilizado por estes destoa dos sentidos encontrados nos discursos institucionais e da chamada sociedade baunilha.

Estes trechos de reportagens, parecem nos dizer como anda o “cotidiano” da aceitação de tais assuntos, ao menos de uma maneira “geral”. Por mais “engraçadinhos” que os comportamentos supostamente “perversos” possam ser vistos por uma parcela da sociedade, a aceitação de tais práticas e estilos de vida, mesmo quando baseadas em consensualidade e respeito, ainda parece distante. (LEITE JR, 2000, p.44)

2.1.2 Zilli (2007)

Já Bruno Zilli define como objeto de análise os manuais online de BDSM, para pensar os discursos de legitimação de suas práticas e adeptos, em diálogo com a psiquiatria. Com este recorte, o pesquisador já possui como contexto as interações e discursos próprios da internet, espaço esse com configurações e possibilidades muito distintas das presentes nas revistas, audiovisual e, até mesmo, correspondências.

Para acessar o discurso BDSM foi selecionado o ambiente virtual da Internet, espaço que se caracteriza pela facilidade de comunicação, a promessa do anonimato e a oportunidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum, o que o torna ideal para a formação de grupos identitários que criam comunidades virtuais. (ZILLI, 2007, p.09)

Por se tratar de um trabalho com foco na psiquiatria e na saúde coletiva, em seu desenvolvimento há extensa abordagem de como as ciências médicas trataram os comportamentos sadomasoquistas e fetichistas no Ocidente ao longo da história. Passando por perversão, desvio moral e preferências sexuais, o pesquisador demonstra a influência do contexto cultural e histórico na percepção e identificação dos comportamentos sexuais.

O discurso sobre a sexualidade muda a experiência privada dos indivíduos, e ‘sexualidade’ veio a se tornar algo mais que apenas sua atividade sexual, passando a fazer parte integral de sua identidade. Ao dar aos ‘perversos sexuais’ um nome e uma interpretação de seu comportamento a medicina também ajudou a moldar a experiência destes sujeitos. Não só um

⁵ As chamadas Dominatrix são mulheres contratadas para exercer o papel de dominadoras. Este é o contexto profissional sadomasoquista.

diagnóstico foi criado, mas uma nova 'espécie' de pessoa, um novo modo de ser pessoa. (ZILLI, 2007, p.11)

O resultado de sua análise apresenta padrões da comunicação digital da comunidade BDSM nacional que, mais de 15 anos depois, parecem se manter.

A análise de conteúdo deste discurso no formato "Manual" indicou: 1) a afirmação do BDSM como um conjunto de práticas de natureza sexual, ligadas a um "estilo de vida"; 2) a caracterização da necessidade de um "bem-estar" físico e psíquico, da segurança e do consentimento para praticar o BDSM; noções definidas no conceito 'SSC': são, seguro e consentido; 3) a preocupação com o estigma da perversão sexual; 4) um diálogo com a psiquiatria visando legitimação; e 5) a influência norte americana nas definições. (ZILLI, 2007, p.61)

2.1.3 Melo (2010)

Com maior foco na socialização em ambientes offline, Marília Melo (2010) adota como objeto de estudo as festas abertas de BDSM no Rio de Janeiro e as coloca em diálogo com os encontros realizados em bares e a comunicação via e-mail e MSN⁶. Logo de início ela identifica uma forte cisão de realidades, não online e offline, mas sim baunilha e fetichista. Há o forte movimento de tentar separar as identidades e relações fetichistas das baunilhas.

Apreendi, então, que as pessoas têm duas formas diferentes de se identificar e se relacionar no espaço virtual: têm um e-mail ou MSN "baunilha", que não é utilizado nos relacionamentos BDSM (a não ser os de sólida confiança), e um e-mail ou MSN "BDSM". (MELO, 2010, p.28)

Os modos de socialização são descritos pela pesquisadora que compartilha também como foi o processo de leitura da comunidade e dos praticantes em relação a sua presença e identidade. Analisando estes ambientes sob a ótica da antropologia, a autora realiza uma etnografia das festas fetichistas enquanto não nativa, ou seja, a partir da posição de sujeito baunilha.

Colocar-me como baunilha nesses momentos iniciais da pesquisa foi uma decisão honesta, mas também precisei refletir sobre seus efeitos entre as pessoas. Assumir-me como uma não-praticante do assunto que pesquisava colocava-me na situação incômoda de ter interesse suficiente no BDSM para fazer uma pesquisa, mas não o suficiente para praticar nas festas. (MELO, 2010, p.25)

⁶ MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela internet. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=MSN_Messenger&oldid=62316696>. Acesso em: 27 out. 2021.

Sua pesquisa comprova que a construção de espaços físicos e presenciais de socialização passa pelas interações online, assim como em outras épocas passaram por outros modos de comunicação como as revistas e cartas. Os saberes fetichistas são construídos e atualizados pelos meios digitais e a socialização dos praticantes flui entre online e offline.

A maioria das pessoas chega às festas com ajuda da Internet. No meio virtual existem redes de relacionamento, como o Orkut, listas de discussões por e-mail, como a “Gatas de solas lindas”, e páginas com espaço para divulgação de eventos e classificados de encontros. “Estar junto”, presencialmente, para o praticante de BDSM, exige todo um cuidado de aproximação, com vistas a se proteger do preconceito do mundo baunilha. A Internet, portanto, tem papel fundamental ao garantir sigilo, discrição e anonimato.

Ao potencial aglutinador da Internet soma-se a infinitude do espaço virtual para concentrar e divulgar informações sobre o BDSM. (MELO, 2010, p.50)

2.1.4 Silva (2012)

Pouco mais de 10 anos depois da monografia de Leite Jr, Jacinto Silva escreve uma nova monografia na área sobre o tema, dessa vez pensando de modo mais amplo as práticas BDSM e não mais restrita apenas ao SM. Porém, a pesquisadora define um recorte mais específico entre os modos de comunicação via internet e explicita como esta “pode auxiliar na divulgação do BDSM, dos encontros, das vivências em grupos, bem como os blogs podem servir como referência e espaço para descriminalizar as práticas e os sujeitos envolvidos”. (SILVA, 2012, p.52)

Adotando como objeto empírico de pesquisa blogs criados e mantidos por praticantes BDSM que relatam suas práticas, preferências e convicções, Silva demonstra preocupação destes sujeitos em desmistificar o BDSM por meio da escrita e do compartilhar de suas experiências. Dialogando não somente com os adeptos de práticas sexuais normativas, mas também com os dissidentes que ainda não compreenderam a natureza de seus desejos.

A utilização da internet como ferramenta de divulgação e de sociabilidades possibilita a visibilidade de novas práticas, de experiências, de vivências, de referência para outras pessoas que ainda não se descobriram, que se acham “doentes” ou “anormais” porque sentem prazer com o que não é considerado convencional. (SILVA, 2012, p.87)

Em seu trabalho, Silva demonstra como a blogosfera, universo onde os blogs existem e são consumidos, permite diversos níveis de socialização, desde a

interação autor e leitor, até a comunicação entre blogs e escritores. Porém, também destaca que este espaço não é completamente libertário para seus usuários, pois, ainda que seja uma possibilidade de dar voz aos indivíduos, que até o momento não possuíam espaço próprio para compartilhar seus pensamentos, as plataformas que sediam esses blogs derrubam contas e sites sem a menor sinalização de quando ou porquê.

Não posso deixar de comentar que durante a realização do trabalho de campo, pude perceber uma movimentação (principalmente porque eu também tenho um blog) em muitos blogs, não só sobre o tema pesquisado, mas outros blogs de conteúdo considerado erótico, uma indignação porque muitos blogs foram tirados da rede, os links foram removidos pela empresa Google (os blogs pesquisados pertencem à empresa, o Blogger). Muitos eu conhecia. O momento foi de muita indignação e de postagens coletivas, de alarme e revolta contra a política de exclusão da Google, que disponibiliza o espaço para qualquer pessoa expressar suas idéias, pessoas que cumprem a política de manter um aviso de conteúdo impróprio para menos de 18 anos, e que no ato da exclusão de seus blogs, não foram avisadas, sendo surpreendidas com o sumiço de seus links. Acontecimentos como esses reforçam a ideia de que nada está protegido porque está na rede internet, assim como há velocidade na divulgação, há também no sumiço. A internet não é só gritaria, barulho, também é silêncio, ausência. (SILVA, 2012, p.93)

Destaco esse ponto por duas razões, primeiramente, por ter enfrentado desafio semelhante ao pesquisar a comunicação fetichista realizada por perfis no Instagram - algumas das contas que acompanhei, independente de número de seguidores ou uso de linguagem inapropriada, sumiram da noite pro dia - e para demonstrar que a censura de assuntos considerados pornográficos e/ou imorais ocorre não somente nos meios de comunicação offline.

2.1.5 Facchini (2013)

Regina Facchini possui alguns trabalhos que datam de antes de 2013, mas darei foco ao seu artigo publicado no congresso Desfazendo Gênero, em coautoria com Sarah Rossetti Machado⁷, em que apresentam um panorama de como se deu o uso dos meios de comunicação, pela comunidade e indivíduos fetichistas, desde o período da redemocratização até o início do século XXI.

A apropriação com sentido erótico da categoria sadomasoquismo tem se feito presente no Brasil desde pelo menos meados da década de 1980. Num primeiro momento, isso se dá por meio da produção de literatura erótica e pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. Com o desenvolvimento da internet e de ferramentas de interação mediada por computadores, têm se multiplicado sites, blogs, salas de bate papo, listas de

⁷ No próximo subcapítulo trato da sua produção acadêmica.

discussão, comunidades online e espaços de interação presencial, como festas ou clubes, revelando os contornos do que os adeptos chamam de “meio” ou “comunidade” BDSM. (FACCHINI, MACHADO; 2013a; p.01)

Ao longo do artigo, as autoras discorrem sobre os primeiros movimentos da comunicação fetichista no Brasil e seu avanço. É dado grande foco às produções literárias e jornalísticas de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, responsáveis pelos primeiros escritos a tratar de sadomasoquismo e fetichismo no país.

A internet, porém, aparece apenas em meados dos anos 1990. Tanto a trajetória de Glauco quanto de Wilma são marcadas pelo uso dos classificados de revistas eróticas por pessoas com interesses em sadomasoquismo e em fetiches. Wilma Azevedo escrevia matérias para *Ele & Ela* e *Club* e cita também as revistas *Fiesta* e *Homem* como tendo anúncios com essas temáticas. [...] Como aqueles/as que se articulavam e tinham acesso a uma pedagogia erótica a partir dos escritos e trocas de cartas com Wilma e seus amigos, em sua busca por parceiros, Glauco se coloca como um usuário de correio sentimental e indica a crise econômica e a aids como fatores que colaboram para o fim desse tipo de comunicação. (FACCHINI, MACHADO; 2013a; pag.06)

Neste trabalho é possível perceber a relevância e impacto da comunicação impressa para a construção de uma identidade fetichista nacional. Este movimento é importante para demonstrar que a socialização e a consciência fetichistas não ocorreram apenas com a popularização da internet. Há registros de grupos e eventos presenciais ao longo de toda a década de 90 e logo no início dos anos 2000 surgem os bares voltados ao meio. Sobre os modos de socialização da comunidade, as autoras apontam que:

Olhar para as redes mobilizadas pelos romances eróticos do período da abertura política, mas também posteriormente pelos praticantes reunidos em espaços de sociabilidade online ou presencial, indica algumas articulações entre atores sociais, sendo a literatura, especialmente a literatura erótica, uma conexão muito forte, por meio das quais muitas pessoas passam a se interessar ou se aproximam do meio, saindo da situação de isolamento descrita por Glauco Mattoso e por Wilma Azevedo, numa retórica que lembra bastante a dos ativistas homossexuais. (FACCHINI, MACHADO; 2013a; pag.10)

2.1.6 Machado (2017)

Tomando como objeto empírico conteúdos online e livros que descreveram o contexto, comunidades e práticas fetichistas brasileiras, aliados de um referencial teórico da produção acadêmica nacional sobre o tema, Sarah Machado (2017) apresentou um breve panorama do sadomasoquismo em nosso país.

[...] tenho pensado no BDSM a partir de um conjunto mais amplo de mudanças nas convenções acerca de gênero e sexualidade na sociedade brasileira desde o período da abertura política até a primeira metade dos anos 2010, tomando por referência uma perspectiva recentemente creditada ao trabalho de gerações de pesquisadores brasileiros. (MACHADO, 2017, p.15)

O período analisado pela pesquisadora foi dividido em três momentos: de 1980 a 1990, período em que foram publicados os primeiros livros com a temática sadomasoquista; de 1990 até o fim dos anos 2000, quando começaram a ser realizados os primeiros encontros entre praticantes e foram inauguradas as primeiras casas fetichistas; e o momento posterior a virada da década de 2010, época em que as redes sociais se popularizaram e houve um grande crescimento na quantidade de pessoas envolvidas com o meio.

[...] se nos anos 1980 os praticantes brasileiros se comunicavam e intercambiavam conhecimento através de contos eróticos, autobiografias, cartas e anúncios em revistas e jornais, nos anos 1990 passam a comunicar-se por meio de fóruns online, blogs e sites e pela produção de livros no formato “manual”. Por fim, a partir da segunda metade dos anos 2000, passam a divulgar conhecimento especialmente por meio de redes sociais específicas para praticantes e grupos fechados em redes sociais mainstreans [...] (MACHADO, 2017, p. 120)

A pesquisadora demonstra como os fetichistas utilizaram os meios de comunicação disponíveis a seu alcance tanto para socialização quanto para o compartilhar de informações sobre as práticas fetichistas, construindo assim desde muito cedo, ainda que lentamente, certa noção de comunidade e boas práticas.

A descrição realizada por Machado permite identificar também os modos em que os praticantes atuam pela popularização e desmistificação do BDSM e fetichismo. Destoando de outros grupos que também se encontram sob o guarda-chuva da diversidade sexual, seus adeptos parecem buscar a construção de melhores condições para si mesmos apenas a nível cultural, não ocupando espaços socioestatais.

A atuação dos praticantes de BDSM na busca por direitos sexuais tem ocorrido no país muito mais no campo da mudança de mentalidades e da contestação baseada na intenção de desfazer estereótipos e estigmas. A luta por direitos parece se dar especialmente a partir da produção cultural, como no caso da publicação de livros, da realização de festas, de se fazerem presentes no cotidiano das pessoas. (MACHADO, 2017, p. 149)

2.1.7 Pinto (2023)

A pesquisa de Paula Pinto (2023) se destaca em relação às demais ao ser desenvolvida a partir da posição de *insider*. Uma vez que, além de pesquisadora, ela também é fetichista e praticante de BDSM, Pinto é capaz de realizar uma autoetnografia das emoções que envolvem as experiências de submissão erótica e de ser membro de comunidades BDSM brasileiras.

O fato de eu estar ali como uma insider fazia com que eu fosse vista como uma igual e não como uma estrangeira curiosa. Mesmo quando eu tornei pública a informação de que eu havia ingressado no Mestrado e iria estudar a comunidade BDSM, eu não passei a ser vista como etnógrafa em campo, porque para “eles” eu já era “um deles”. Logo, esse lugar privilegiado me dava acesso a confissões, desabafo e relatos íntimos, que juntamente com experiências pessoais formaram o escopo desta pesquisa. (PINTO, 2023, p. 28)

Seu trabalho é dividido em três fases: o começo de sua aproximação do BDSM, o período de sua participação na cena e quando se afastou das comunidades. Ao relatar sua trajetória de descoberta e conhecimento do que é vivenciar o BDSM brasileiro, a pesquisadora demonstra os conflitos entre suas expectativas e a realidade.

A partir dali eu entendi que há dois mundos BDSM: aquele que se vive na intimidade de quatro paredes, onde seria possível libertar suas fantasias e fetiches, da forma como for acordado entre parceiros, não se limitando às regras e protocolos de convivência, e aquele que se vive em comunidade, com muitos condicionantes e interditos. E esse BDSM público não é sobre relações e conexões, nem de caráter sexual e nem de caráter emocional, mas sim sobre manutenção de estruturas de poder e hierarquia. (PINTO, 2023, p. 80)

Pinto também revela algumas das contradições presentes nos discursos do BDSM brasileiro e como estes dialogam com os discursos hegemônicos.

Em busca de legitimidade, da busca de um olhar menos preconceituoso, despatologizante e que não os tomasse como pervertidos, os próprios membros do meio BDSM foram criando regras, protocolos e uma série de classificações. Com isso, o que poderia ser um espaço mais disruptivo, acabou por incorporar e reproduzir moralidades, cisheteronormatividades, machismos, dentre outros comportamentos que operam por exclusões sociais, reforçando e mantendo hierarquias e relações de poder e gênero. (PINTO, 2023, p. 94)

Cabe ressaltar que a pesquisadora em nenhum momento abandonou ou desmereceu as contribuições acadêmicas realizadas anteriormente por pesquisadores não praticantes de BDSM. Pinto soube dialogar suas experiências e vivências com os conhecimentos acadêmicos e teóricos produzidos anteriormente e

externos às comunidades fetichistas. Sua contribuição não vem de uma posição de superioridade, apenas de diferença.

2.2 CENTRALIDADE DA COMUNICAÇÃO

Ainda que todas as pesquisas citadas anteriormente abordem de alguma maneira a comunicação, nenhuma delas é desenvolvida a partir da grande área da Comunicação enquanto campo de saberes e conhecimento. Por isso, neste subcapítulo, apresento algumas informações relevantes sobre o processo comunicacional da comunidade BDSM nacional e alguns conceitos teóricos, próprios da área da comunicação, relevantes para refletir sobre a configuração, comportamentos e história destas subculturas.

2.2.1 Wilma Azevedo e a comunicação impressa

Na década de 80, época da redemocratização, as revistas eróticas como Ele e Ela, Fiesta, Homem e Club, exploravam os limites do erotismo e da sexualidade. Neste contexto surgiram os contos sadomasoquistas de Wilma Azevedo. O famoso pseudônimo, da autointitulada “rainha literária do sadomasoquismo”, era usado por Edivina Ribeiro, a primeira escritora a tratar abertamente sobre sadomasoquismo no Brasil.

Wilma Azevedo por sua vez, publicou seu escritos inicialmente em revistas eróticas e, depois, os compilou em livros que poderiam ser descritos como de produção a baixo custo, provavelmente é pouco conhecida fora do meio BDSM e, diferente de Glauco Mattoso, suas obras não têm caráter literário reconhecido. É considerada precursora/difusora do chamado sadomasoquismo erótico, visto que, tendo tomado contato com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, passou a produzir escritos ficcionais que davam voz às fantasias e práticas dos integrantes desse meio.(FACCHINI, MACHADO; 2013a; p.04)

O que começou com a oportunidade de ganhar mais com o jornalismo, aliada ao interesse da autora pelo tema, fez com que diversos brasileiros encontrassem pela primeira vez, nos meios de comunicação institucionais, falas que refletiam suas fantasias e desejos. A empolgação e alívio de muitos leitores foram registradas em centenas de cartas enviadas à autora.

A partir de meus primeiros artigos, senti o quanto os leitores estavam ansiosos para ter uma pessoa com quem pudessem abrir-se, aconselhar-se e discutir sobre o controverso tema. Sem aceitação, mal vistos e reprimidos, tornavam-se frustrados, com receio de declararem-se até entre os próprios praticantes.(AZEVEDO, 1998, p.11)

Por meio dos relatos presentes nas cartas endereçadas à autora e resultado de sua empreitada em conhecer o sadomasoquismo na prática, Azevedo “desvendou o mistério de todas as formas genuínas do SM” e elaborou conceitos para diferenciar os diversos tipos de sádicos e masoquistas. Neste movimento, ela separa o sadomasoquismo erótico, apontado por ela como saudável e inocente, do sadomasoquismo maldoso ou doentio, onde há a intenção de ferir verdadeiramente e não somente causar prazer pelo estímulo da dor. A intenção de causar dor ao outro e humilhá-lo passa pela encenação e acordo entre partes no sadomasoquismo erótico, consentimento que não há nas práticas maldosas e doentias. (AZEVEDO, 1998)

No âmbito da literatura feita no Brasil, a autora Wilma Azevedo ([s.d.], 1986) colaborou como precursora do chamado “sadomasoquismo erótico”, conceito que problematiza a noção de “consenso”, considerado com seriedade entre praticantes do BDSM enquanto distinção da violência. Através dos escritos dela, publicados em revistas eróticas e jornais, as pessoas começaram a criar círculos de amizade mediante correspondências e classificados, em torno do interesse em comum sobre o assunto. (ÁVILA, MACHADO; 2018, np)

A forma de abordar os desejos e práticas sadomasoquistas demonstrava o respeito da autora por seus adeptos e suas dores. O que, para além de resultar nas diversas cartas enviadas à ela, permitiu que seus leitores se sentissem confortáveis e confiantes para, finalmente, verbalizar suas fantasias e procurar por seus iguais.

Estas mesmas revistas que publicavam os contos de Wilma Azevedo também possuíam a seção de classificados, onde leitores podiam através de pequenos textos anunciar seus interesses e procurar parceiros sexuais ou de prática. As revistas eróticas e a troca de correspondência propiciaram a aproximação de indivíduos com os mesmos desejos sexuais, acontecendo assim os primeiros movimentos de socialização do que viria a ser uma comunidade sadomasoquista brasileira. (FACCHINI, MACHADO; 2013a)

Anteriormente às condições de comunicação independente propiciadas pela internet, a ousadia das revistas eróticas e a coragem de Wilma Azevedo ao falarem sobre assunto tão proibido e marginalizado afetou a compreensão que fetichistas possuíam sobre si mesmos e suas fantasias.

Nesse contexto, seu projeto de profissionalização e interesses eróticos se encontram com um conjunto disperso de sujeitos com interesse em sadomasoquismo que se comunicam via classificados e contos publicados

em revistas eróticas, aos quais, do lugar de jornalista e sob pseudônimo, decide dar voz em seus textos e acaba por ajudar a articular. (FACCHINI, MACHADO; 2013a; p.05)

Os contos que escreveu, as cartas que recebeu e os conceitos que elaborou, foram organizados em três livros publicados nas décadas de 80 e 90 - A Vênus de Cetim, Tormentos Deliciosos e SadoMasoquismo Sem Medo. Porém, hoje em dia, esses materiais são encontrados apenas em sebos ou por meio do compartilhamento pela comunidade de suas versões digitalizadas. Não há venda destes livros em forma física e apenas o primeiro livro, A Vênus de Cetim, possui edição atualizada, em formato digital e está disponível para compra.

2.2.2 Popularização da internet e a origem do BDSM

Ainda que a origem do termo BDSM seja incerta, muitos praticantes atribuem seu surgimento ao uso dos fóruns online estadunidenses, na década de 90, onde usuários categorizavam os assuntos a serem debatidos de acordo com a temática. O uso recorrente dos pares BD, DS e SM levou à sua aglutinação na forma do acrônimo. (VERDUGO, 2008; SANTOS, 2020)

Esse acrônimo foi desenvolvido numa tentativa de englobar uma diversidade de atividades sexuais, unidas por duas características definidoras: são tradicionalmente classificadas como distúrbios sexuais e entre seus adeptos são regidas e definidas pelo respeito ao consentimento dos parceiros em fazer parte dessas relações. (ZILLI, 2007, p.09)

O BDSM surge, por meio da internet, como um conjunto de práticas erótico fetichistas, porém, a internet não é a responsável por criar tais práticas, estas já existiam, há centenas de anos, por todo o globo. O surgimento do BDSM nos meios online está restrito à aproximação de determinadas práticas, à criação do acrônimo e à socialização e comunicação dos indivíduos após sua compreensão como parte integrante dos possíveis sentidos dessas quatro letras.

É importante destacar que há fortes embates na tentativa de definir quais práticas, fetiches e comportamentos encontram-se sob o amplo guarda-chuva do termo. A importância dada aos jogos de poder e hierarquias, que poderiam ser critérios de distinção entre o BDSM e demais fetiches, por exemplo, ainda que se façam presentes em muitas das dinâmicas realizadas por seus adeptos, não são necessariamente obrigatórios na realização de dinâmicas sadomasoquistas ou de bondage. (WISEMAN, 1996) Sendo assim, o critério utilizado para a união de seus

praticantes é a obrigatoriedade do consentimento de todos os envolvidos em uma sessão, prática ou relação BDSM.

No Brasil, a comunidade se organiza de modo muito disperso e há poucos consensos, como aquele que reconhece riscos e a necessidade de controlá-los, o que se tem feito com o recurso à consensualidade, à divulgação exaustiva de medidas de segurança e, mais recentemente, ao SSC como base. (FACCHINI, MACHADO; 2013b; p. .214)

O discurso de valorização do consentimento pode ser identificado já na década de 80 com a criação do SSC, a sigla reconhecida como uma base moral a ser seguida pelos adeptos trata dos critérios “São, Seguro e Consensual”, obrigatórios para distinguir as práticas sadomasoquistas sadias das doentias. (SILVA, 2012, p.33) “O diálogo com a saúde mental na legitimação do BDSM é constante. Ele aparece no SSC, e principalmente na preocupação com a distinção entre o comportamento normal e o patológico”. (ZILLI, 2007, p.73)

A adesão da comunidade a seu uso é perceptível nos trabalhos realizados pelos pesquisadores brasileiros que tomaram os espaços digitais como objetos de pesquisa para pensar a comunidade. A construção e demanda de saberes base para a prática e identidade BDSM foram potencializadas com a popularização da internet. Ainda que nos anos 80 e 90 já fosse possível perceber, nos discursos de seus adeptos, a necessidade de aprenderem o modo “correto” de realizar as práticas sadomasoquistas e fetichistas, a maior acessibilidade a esses conhecimentos na era digital potencializou sua importância.

É muito importante para a subcultura a informação, ela faz do sujeito mais experiente, embora não seja definidora de competência, pois pelo que percebemos, o BDSM é feito de estudo, de apreensão de conhecimento e de prática, e, segundo muitos, não há prática sem que haja estudo, e nem estudo, se[m] que se possa experimentar. (SILVA, 2012, p..49)

Ao entrar nas listas geralmente recebe-se uma saudação por e-mail do(s) administrador(es), e um material básico sobre o BDSM. Este material varia, e em algumas listas chega a ser composto por mais de 10 documentos de texto ou em e-mails com informações sobre o BDSM. São, por exemplo, denominações e descrições de termos e práticas e modos seguros de realizá-las; ou discussões sobre o consentimento na legitimidade das atividades que seus praticantes defendem. (ZILLI, 2007, p.57)

Esse acesso ampliado aos conteúdos informativos e uma maior facilidade na produção e no compartilhar de conhecimentos facilitou o consumo não apenas para seus adeptos, mas também para os indivíduos que ainda não entendem seus

desejos e curiosos que gostariam de saber mais sobre os comportamentos e cultura fetichistas.

A utilização da internet como ferramenta de divulgação e de sociabilidades possibilita a visibilidade de novas práticas, de experiências, de vivências, de referência para outras pessoas que ainda não se descobriram, que se acham “doentes” ou “anormais” porque sentem prazer com o que não é considerado convencional. (SILVA, 2012, p.87)

O movimento de popularização dos saberes BDSM leva também à desmistificação de suas práticas. A possibilidade de comunicarem seus pensamentos e experiências constrói o discurso dos adeptos do BDSM, o discurso do indivíduo fetichista que fala de si e soma-se, ou contrapõe-se, aos conhecimentos médicos.

Os escritos, que anteriormente eram de autoria de poucos para uma massa, como no caso das revistas; ou de muitos, mas para iguais, como era o caso da troca de correspondências; transformaram-se na comunicação de muitos para muitos, não somente iguais, mas também para os de fora do meio. Ainda que a comunicação da comunidade não seja totalmente livre - estão sujeitos a regras das plataformas, que muitas vezes limitam, censuram e punem comunicações consideradas pornográficas ou ofensivas - é inegável sua ampliação.

Enquanto na Europa existem clubes organizados e casas especializadas a várias décadas, no Brasil, até a alguns anos atrás, os adeptos desta cultura conheciam-se quase que exclusivamente através da seção de classificados de revistas eróticas. Com o advento da Internet, esta oportunidade de contatar indivíduos com os mesmos gostos tornou-se infinitamente mais fácil e rápida. Não apenas salas de conversa, mas páginas dedicadas aos assuntos S&M são uma forma de divulgação ao mesmo tempo em que, atualmente, a maior e talvez melhor porta de entrada neste universo. (LEITE JR, 2000, p.21)

O uso de emails, fóruns, chats online e a criação de blogs foram alguns dos primeiros movimentos não só da comunicação fetichista digital, mas do uso popular da internet. Porém, é importante destacar que para além do uso das plataformas já existentes e criadas para propósitos banalíssimos, a comunidade fetichista também desenvolveu seus próprios ambientes digitais. Sob a intenção de organizar as informações e conhecimentos produzidos por e para fetichistas, e sem as restrições

e censuras associadas a pornografia e “violência”⁸, em 2007 surge no Brasil o portal Verdugo e nos EUA a rede social fetichista Fetlife.

Entrevistas e conversas em campo na segunda metade dos anos 2000 indicavam o uso do MIRC, de salas de bate-papo de fetiche no portal Terra e de sadomasoquismo no portal UOL, o que se intensifica com o desenvolvimento de programas de trocas de mensagem instantâneas, que permitiam salvar uma lista de contatos no programa, e listas de discussão por email. Depois, em meados dos anos 2000, surgem comunidades em redes sociais, como o Orkut. Nos anos 2010, praticantes brasileiros começam a frequentar redes sociais para kinks e fetichistas, como é o caso do Fetlife. (FACCHINI, MACHADO; 2013a; p.07)

2.2.3 Miatização do BDSM

Para pensar as transformações que ocorreram na comunidade BDSM brasileira, na segunda metade do século XX e início do XXI, recorro a um conceito bastante debatido na Comunicação, o conceito de miatização. De forma mais ampla, este considera que as mudanças comunicacionais e socioculturais ocorrem de maneira conjunta, ambos afetando-se mutuamente. (GOMES, 2016)

Porém, mesmo que a criação do conceito não seja recente - sua noção data da primeira metade do século XX -, ainda não há consenso entre os estudiosos sobre seu sentido e abrangência. Por isso, para refletir sobre o problema deste artigo, tomarei como base dois trabalhos que discorrem justamente dessa multiplicidade de abordagens e entendimentos. Gomes (2016) e Hepp (2014) apresentam um panorama da noção de miatização, desde antes do termo em si ser cunhado até a atual divisão de suas teorias, entre as institucionalistas e as socioconstrutivistas.

A partir de suas exposições, apresentarei uma breve reflexão de como se deram os processos comunicacionais em associação com os indivíduos fetichistas e as comunidades BDSM brasileiras e a importância de identificar o processo de miatização destes.

O intuito desse tipo de pesquisa é investigar a inter-relação entre a mudança da comunicação midiática e a transformação sociocultural como parte das práticas de comunicação cotidianas, e como a alteração dessas práticas está relacionada à construção da realidade comunicativa em mudança. Em consideração aqui está não apenas a mídia de massa

⁸ Aqui faço uso do termo violência entre aspas pois alguns comportamentos, preferências e práticas fetichistas podem ser lidos pela sociedade hegemônica como violentos. Porém, a comunidade BDSM compreende que violência e agressão são atos não consentidos, enquanto toda ação BDSM passa obrigatoriamente pelo consentimento. Logo, não devem ser lidos enquanto violência. (FACCHINI, 2013b) Para outras reflexões acerca de violência e não-violência, recomendo a leitura de Butler (2021).

clássica, mas especialmente a assim chamada nova mídia da internet e da comunicação móvel. (HEPP, 2014, p.49)

Por mais que a maioria dos trabalhos produzidos no Brasil sobre o tema tenham sido construídos em uma realidade já afetada pela comunicação digital, antes de tratar sobre esta formação sociocultural, gostaria de provocar a reflexão de como a imprensa, criada no século XV, só passou a afetar e ser afetada, diretamente, pelos fetichistas nacionais a partir dos anos 1980. As potencialidades da imprensa e as transformações ocasionadas por esta só foram possíveis para estes indivíduos cinco séculos após sua invenção.

O processo iniciado encontrou sua plenitude com a invenção da imprensa, com o desenvolvimento dos tipos móveis, por Gutenberg. A popularização da escrita desenvolveu uma cultura que possibilitou um aumento da consciência crítica, o incremento das línguas nacionais e o florescimento dos estados, rompendo a hegemonia do latim e o domínio dos mosteiros. (GOMES, 2016, online)

Início a reflexão sobre como a midiatização ocorre para e pela comunidade fetichista nacional, com esta provocação, pois é essencial direcionarmos nossa atenção para as especificidades do grupo do qual aqui tratamos. Assim como cada modo de comunicação apresenta suas peculiaridades, “temos que considerar que podemos distinguir entre vários processos de midiatização em tempos diferentes e para grupos diferentes de pessoas. Todos devem ser descritos de uma forma concreta”. (HEPP, 2014, p.49)

Assim como destacado anteriormente, os conhecimentos e saberes desta comunidade raramente são compartilhados e estudados pela academia. Essa falta de importância também é perceptível por sua presença, ou ausência, na imprensa. Os poucos livros sobre o assunto são dos gêneros eróticos ou de autoajuda, enquanto as reportagens sobre o assunto tomam o viés do exótico ou da comédia. (MELO, 2010, p.16; LEITE JR, 2000, p.44)

O processo de midiatização ocorre também pelo efeito do imaginário relativo a quem são estes indivíduos. As famosas cartas de pervertidos sexuais publicadas no *Psychopathia Sexualis*, ao final do século XIX e início do XX, eram o registro de fetichistas em agonia com seus desejos. Em uma época que os discursos sobre sexualidades não normativas eram de origem médica, os indivíduos considerados saudáveis não tinham seus pensamentos e opiniões publicados. (ZILLI, 2007)

Até que ocorrer a associação de um veículo de comunicação “imoral” e uma jornalista sadomasoquista, a imprensa influenciava a sociedade apenas com concepções de desvios - ainda não havia o entendimento de prazer e identidade. Porém, a partir do momento que o indivíduo fetichista se faz presente na escrita, seus modos de afetar e ser afetado pela comunicação se alteram. Cartas são enviadas, anúncios são publicados e eventos são divulgados. O indivíduo fetichista já não é mais o mesmo.

A identidade é construída a partir da interação com os meios. A pessoa não é um “eu” que usa instrumentos como extensão de seu corpo, mas um indivíduo que se autocompreende como um ser que preza as suas relações e conexões por meio dos instrumentos tecnológicos de comunicação. (GOMES, 2016, online)

Novos processos de socialização são acarretados pela ampliação do contato entre indivíduos fetichistas. A identificação de pares que até então poderia ocorrer apenas pela comunicação interpessoal presencial, passa então a ser possível pelos meios de comunicação de massa. Nas revistas comercializadas em bancas, leitores poderiam identificar outros com desejos e fantasias semelhantes aos seus. A fala, confissão ou anúncio de um sujeito passava a ter como alcance os milhares de leitores das revistas que assumiam a responsabilidade e interesse em publicá-los.

São os meios eletrônicos (a mídia) que desempenham o papel de dispositivos enunciadoreis da informação. Nela se percebe um processo de significação que contempla a construção do discurso nas suas diversas configurações – tanto construções verbais como não verbais (por imagens, gestos e ações). No marco das possibilidades comunicativas, a mídia escolhe determinados conceitos, imagens e gestos com os quais elabora um processo enunciativo que permite a comunicação com e para a sociedade. No mesmo movimento, a mídia desenvolve uma dinâmica de processos socioculturais. A importância dessa dinâmica reside no fato de que qualquer processo significativo incide diretamente nas relações sociais. Essas, por sua vez, condicionam, determinam e influenciam tanto os processos de significações como a mídia na sua atuação comunicativa. As relações, inter-relações, correlações, conexões e interconexões acontecem num movimento de dupla mão entre os três polos dos processos midiáticos. Isto é, a mídia, os processos de significação, os processos socioculturais influenciam-se mutuamente gerando o fenômeno dos processos midiáticos. (GOMES, 2016, online)

Logo, a imprensa, inegavelmente, foi um fator decisivo para a popularização do sadomasoquismo, mas a comunidade BDSM organizada sob o acrônimo e guiada pelo SSC tornou-se realidade apenas sob o contexto sociocultural influenciado e possibilitado pelo advento e uso da Internet.

Os modos de comunicação possibilitados pelas redes sociais, blogs, chats online, sites e fóruns, tanto ampliou o número de sujeitos escrevendo sobre suas experiências e fantasias, quanto aumentou a quantidade de informações disponíveis para o conhecimento da cultura BDSM e dos modos seguros de realização das práticas fetichistas. A importância de aprender as técnicas de segurança era defendida já nos anos 70, nas casas fetichistas estadunidenses, e nos anos 80, nos textos de Wilma Azevedo. Porém, só a era digital produziu tanto conteúdo⁹ acessível para formar esses sujeitos conhecedores de técnicas e riscos.

A imprensa afetou o indivíduo sadomasoquista que em comunidades online uniu-se a indivíduos fetichistas e sob a influência e impacto de outros diversos meios de comunicação deu origem ao BDSM. Logo, “somos confrontados com o fato de que não apenas um meio molda a construção comunicativa da realidade, mas uma variedade de meios diferentes faz isto ao mesmo tempo”. (HEPP, 2014, p.53)

É importante manter em mente que o surgimento e a prevalência de um meio de comunicação não substitui os demais, pois diferentes são seus usos e funcionalidades. Assim como Melo (2012) demonstra que o uso do MSN e email se mantém relevante mesmo com a existência das festas e vice-versa, as relações interpessoais são construídas e mantidas através dos diversos modos de comunicação. O modo, profundidade e frequência de cada meio de comunicação afeta e é afetado por cada tipo de relação afetiva. (HEPP, 2014)

O BDSM teve mais divulgação por causa do uso da internet. Portanto, o ciberespaço, ou internet, seria um espaço de aquisição de conhecimento, tanto para os próprios praticantes, como para os curiosos, como eu, etc. Assim, novos espaços de vivências são criados, há possibilidade de expressão de novos interesses e necessidades, novos relacionamentos, reconfiguração de novas identidades e, como não poderia deixar de ser, há o aparecimento de novos conflitos. (SILVA, 2012, p.56)

Os ambientes digitais permitiram e permitem configurações de socialização alternativas às possíveis pela comunicação interpessoal presencial e pelos meios de comunicação clássicos. O uso da Internet possibilita o anonimato de seus usuários, respostas rápidas, contato a distância e a aproximação de indivíduos com interesses semelhantes. (ZILLI, 2007) Todas estas condições são essenciais para a construção

⁹ Optei pelo uso do termo “conteúdo”, neste trabalho, por remeter ao contexto digital como em “produção de conteúdo”.

de comunidades fetichistas online seguras e levam ao desenvolvimento de relações afetivas entre membros.

Dos chats online em plataformas baunilha a redes sociais fetichistas, as relações interpessoais possibilitadas pelos modos de comunicação online construíram o que hoje podemos entender por BDSM no Brasil. Muitas das comunidades, casas¹⁰ e relacionamentos atuais, começaram pelo contato digital e sua manutenção depende deste. O processo de midiatização fica claro quando percebe-se que estas configurações sociais são mantidas pelo uso das mídias e vice-versa.

2.3 NARRATIVA LEATHER E SM

Ainda que a história do BDSM no Brasil tenha se dado de forma bem distinta que nos Estados Unidos, a comunidade nacional utiliza muito dos termos, conceitos e conhecimentos de origem estadunidense. Logo, faz-se necessário compreender o panorama histórico do BDSM neste país para pensar as bases que guiam e influenciam as práticas e organizações fetichistas brasileiras.

Ao finalizar um período de pesquisa junto a grupos de praticantes, Facchini (2008) afirmava que o BDSM com que teve contato em São Paulo, de fato toma por base a experiência de grupos BDSM norte-americanos e europeus, e invoca o confronto político em relação à patologização, à estigmatização social e aos constrangimentos legais à fruição erótica ligada ao BDSM. O vocabulário, as práticas e os instrumentos usados no meio e nas cenas também são bastante influenciados, não só pela literatura erótica, como pelos manuais de BDSM traduzidos em sites de internet. Assim como no movimento LGBT, as viagens e os contatos internacionais dos primeiros integrantes da comunidade foram cruciais para seu desenvolvimento. (FACCHINI, MACHADO; 2013a; pag.08)

Ao final do século XIX e ao longo de todo o século XX, as sexualidades não normativas foram patologizadas, criminalizadas e oprimidas das mais diversas formas no Ocidente. Em meio às transformações da psicanálise, psiquiatria e sexologia, os indivíduos sexualmente desviantes eram separados entre doentes e imorais a depender dos riscos que ofereciam à sociedade. (ZILLI, 2007)

¹⁰ Esta é uma maneira de nomear um grupo de adeptos que vivem em comunidade, partilham dos mesmos ideais BDSM e podem, ou não, realizar práticas entre si. Pode ser lida como uma espécie de família fetichista.

No pós-guerra, os estudos sobre a sexualidade de maior impacto ocorrem prioritariamente nos EUA, fato sem dúvida relacionado ao papel americano no cenário político e científico no decorrer do século XX. Esta 'tradição americana' de pesquisa científica sobre a sexualidade tem características diversas das da Europa novecentista. Os estudos americanos contrastam em forma aos de 'tradição européia' por serem mais objetivistas e privilegiarem métodos quantitativos e laboratoriais. E contrastam no conteúdo por dedicarem-se principalmente ao tema da disfunção sexual. (ZILLI, 2007 p.36)

Nos anos 1950, nos Estados Unidos, houve mudanças significativas na organização da sexualidade. Em vez de focar na prostituição ou masturbação, as angústias dessa década tiveram como tema central a imagem da "ameaça homossexual" e o espectro ambíguo do "delinquente sexual". (RUBIN, 2018, np)

Quão mais distante as expressões da sexualidade e os modos de desejos estivessem das relações monogâmicas, do sexo heterossexual e demais normatividades, mais reprimidos e combatidos eram. No extremo das sexualidades marginalizadas encontram-se o sadomasoquismo e demais fetichismos. (RUBIN, 2018)

Quanto à perseguição de outras comunidades eróticas, existem indícios de que John Willie e Irving Klaw, os primeiros produtores e distribuidores de artigos eróticos sadomasoquistas nos Estados Unidos, atuantes do fim da década de 1940 ao começo da década de 1960, eram frequentemente perseguidos pela polícia, e de que Klaw, ao menos, sofreu um inquérito parlamentar realizado pelo Comitê Kefauver. (RUBIN, 2018, nota de rodapé)

Por consequência dessas perseguições, o acesso aos meios de comunicação institucionais é dificultado. Revistas são censuradas, artistas e escritores são presos, correspondências são apreendidas. (RUBIN, 2018) "As tentativas de fazer frente à propaganda negativa por meio de informações mais realistas geralmente esbarram na censura, e há conflitos ideológicos contínuos sobre que representações das comunidades sexuais chegam à mídia popular". (RUBIN, 2018) As tentativas de comunicação e promoção de conhecimentos sadomasoquistas e fetichistas são ostensivamente sabotadas.

Ainda assim, praticantes e adeptos desenvolvem modos de socializar por meio de eventos. "Festas de sexo foram fundamentais para o desenvolvimento da vida social dos *leathers*¹¹, pelo menos até o fim dos anos 40. Antes de existirem bares *leather*, existiam festas SM". (RUBIN, 2020) Nestes espaços, o compartilhar

¹¹ A cultura *leather* surge no pós-guerras quando ex combatentes militares voltam aos Estados Unidos à procura de uma comunidade que mantivesse os ideais de disciplina, hierarquia e a estética masculina. Assim, a estética da comunidade é orientada ao redor de roupas e acessórios de couro e a valorização da hipermasculinidade, ainda que sejam parte da comunidade gay.

de conhecimento e normas de conduta construiu de forma lenta e gradual o que conhecemos hoje das subculturas sadomasoquista, leather e de outros fetiches.

Nos anos 70, as festas gays leather e SM atingiram novos pináculos de organização, sofisticação e investimento financeiro. As Grandes Festas dos anos 70 eram inteligentemente planejadas, habilmente executadas e duradouras ao longo do tempo. Elas eram organizadas localmente, mas eram internacionalmente conhecidas e recebiam participantes de vários lugares do mundo. (RUBIN, 2020, online)

Em meio aos diversos modos de perseguição que as minorias sexuais sofreram, ao longo do século passado, nos Estados Unidos, as casas de sexo, bares e festas se tornaram espaços seguros para a socialização e construção de relacionamentos de carinho e respeito. Rubin, ao falar de uma das casas de sexo mais famosas de São Francisco, deixa claro que as relações que surgiam ali não eram apenas utilitárias e descartáveis como o senso comum imagina.

Nas Catacumbas, até as conexões mais breves eram lidadas com cortesia e cuidado. E existia um tipo de amor que emergia nas tipoias. Algumas vezes, esse amor apenas acontecia 'nos fundos'. Com frequência, se estendia para a vida cotidiana. As Catacumbas facilitaram a formação de amizades importantes e duradouras redes de apoio. Muitos dos homens que frequentavam As Catacumbas encontraram lá, relacionamentos que os sustentaram através do tempo, os nutriram com afeto, cuidaram deles na doença e os enterraram na tristeza. (RUBIN, 2020, online)

2.4 MEDICINA E PERVERSÃO

O foco da maioria dos trabalhos acadêmicos produzidos sobre indivíduos e práticas BDSM vai em direção aos saberes biomédicos, o que pretendo evitar na minha pesquisa. Ainda que eu compreenda a grande importância de levar em consideração como fetichistas e sadomasoquistas foram patologizados e criminalizados no Ocidente pelos últimos séculos, aqui, pretendo chamar a atenção dos leitores para como indivíduos cientes de seus desejos, ou tendências, fetichistas são sujeitos criadores de discursos próprios e transformadores.

Deste modo, para não faltar com um panorama histórico de disputa de sentidos sobre sadomasoquismo e fetichismo, entre os saberes médicos e os indivíduos que se encontram sob estas nomenclaturas, reservo este subcapítulo. Assim, consigo apresentar como as áreas da saúde pensam, e pensaram, sexualidades dissidentes, mas também demonstrar que estes entendimentos sempre estiveram e continuam em disputa - questão esta que revisito e me aprofundo no capítulo de análise.

As próprias terminologias - sadismo, masoquismo e fetichismo -, atreladas ao BDSM, nos sentidos que conhecemos hoje, são fruto da criação dos saberes médicos. Isso porque, apesar das palavras sadismo e masoquismo terem sido inspiradas nos escritos do Marquês de Sade e no livro de Sacher-Masoch, os sentidos construídos nestas obras literárias diferem largamente dos sentidos modernos atrelados às palavras hoje associadas a seus nomes. Enquanto Sade via os indivíduos alvo de suas fantasias como vítimas que não deveriam consentir com seus desejos e com as torturas a serem realizadas, o BDSM se baseia no consentimento de todos os envolvidos. A distorção também ocorre na leitura de Sacher-Masoch, que em sua obra demonstra como sua esposa é transformada em uma sádica para realizar, por amor, as fantasias masoquistas de seu marido, sempre com consentimento e respeito.

As palavras “sadismo” e “masoquismo” são criações das ciências médicas e estas não abrem mão de seus inventos. Os adeptos as tomaram para si, tanto por imposição exterior como por desafio e para assumir uma diferença. E por estes termos remeterem diretamente às obras “libertinas e libertárias” e não a trabalhos “normalizantes e punitivos”, são ainda mantidos por esta cultura, embora com um sentido muito mais específico. (LEITE Jr, 2000, p.11)

O distanciamento entre o entendimento médico, e das demais áreas da saúde, sobre as práticas sadomasoquistas e fetichistas, e a autocompreensão dos indivíduos que experienciam e vivenciam tais desejos e fantasias é reflexo de um movimento ocidental que desde o século XIX tenta normatizar e patologizar a sexualidade humana. “A medicalização de desvios foi a tendência geral que caracterizou a interação entre medicina e sociedade durante o século XIX, enquadrando em termos médicos comportamentos estigmatizados ou problemáticos em relação à família tradicional”. (ZILLI, 2007, p.11)

As diferenças entre homossexualidade e heterossexualidade aparecem como anatômicas e psicológicas e o mesmo acontece com o sadismo, o masoquismo e a pedofilia, entre normalidade e perversão. Aquelas que até então eram consideradas simples práticas sexuais se transformaram em identidades e condições que devem ser estudadas, registradas, perseguidas e caçadas, castigadas e curadas. (PRECIADO, 2018, p.82)

Nesta fase, a norma para uma sexualidade saudável era a realização do ato sexual apenas com o objetivo da reprodução. O prazer ou orgasmo dos envolvidos não eram considerados relevantes desde que ocorresse a ejaculação masculina no interior da vagina da mulher, possibilitando uma gravidez. Logo, práticas sexuais que visassem o prazer, e não a reprodução, eram compreendidas como perversões.

Como vimos neste artigo, a preocupação da medicina a respeito das perversões sexuais tem início apenas no século XIX. O paradigma utilizado na época para definir o que era normal sexualmente pautava-se na reprodução: o sexo era permitido apenas para fins procriativos, sendo uma pequena parcela de gozo permitido somente aos homens para que a fecundação pudesse ocorrer. O século XX vê surgir outro paradigma: o do genital. (SILVA, 2013, p.35)

Desde os primeiros manuais científicos organizados com a intenção de categorizar comportamentos sexuais normais e patológicos - como o *Psychopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing, datado da segunda metade do século XIX - as tendências sadomasoquistas e fetichistas foram consideradas anormalidades, ainda que seus adeptos não se compreendessem desta maneira.

As correspondências dos leitores de *Psychopathia sexualis* demonstraram que eles não se consideravam doentes ou pecadores. As cartas caracterizavam-se pelo uso do relato biográfico e eram marcadas pela descrição minuciosa da relação dos sujeitos com seus desejos. (ZILLI, 2007, p. 24)

Hoje, tais práticas ainda são encontradas em manuais médicos usados internacionalmente, como é o caso do CID (Classificação Internacional de Doenças), organizado, atualizado e divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e o DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders). “produzido pela Associação Americana de Psiquiatria, que norteia a prática da psiquiatria, ao definir quais são as doenças mentais existentes e seus sintomas e tem grande influência no mundo ocidental”. (FACCHINI, 2016, p.28)

Ambos os documentos tiveram início das suas publicações no século XX e influenciaram diretamente não apenas os protocolos médicos, mas também as consequências legais e sociais sob as quais indivíduos de sexualidades dissidentes estavam sujeitos. Diversas campanhas educacionais e políticas alertavam para os riscos de comportamentos sexuais doentios e até criminosos, como a masturbação, homossexualidade, sadomasoquismo, etc. (RUBIN, 2018)

Assim, entre os pânicos morais recentes, podem-se citar as campanhas americanas anti-homossexuais da década de 1950, o pânico relacionado à pornografia infantil na década de 1970 e o terror produzido pela “peste gay” nos anos 1980/1990, que justificou em alguma medida a homofobia, uma vez que sobre o estigma do homossexual se sobrepôs o estigma do aidético e a possibilidade de contaminação de todos. Esse pânico se traduziu em grandes campanhas preventivas, em escala mundial. (SILVA, 2012, p.35)

A constante perseguição destes grupos, tanto em espaços privados quanto públicos, resultou, nos Estados Unidos, em manifestações históricas pela

diversidade sexual, como é o caso da Revolta de Stonewall, uma reação coletiva às batidas policiais que possuíam como alvo bares gays nas regiões periféricas de Nova York. Em 1969, esta revolta deu início ao que hoje conhecemos por marchas do orgulho LGBTTQIA+, orgulho queer ou pela diversidade sexual.

O ponto mais significativo dessas transformações é que a classificação psiquiátrica se junta à nova sexologia ao considerar como periféricas as parafilias, equivalentes das perversões que antes representavam a totalidade dos transtornos sexuais. Se no século XIX pudemos observar como a medicalização das perversões retirou determinados fenômenos do campo estrito da moral e da religião, o sucesso do movimento gay na sua luta contra o establishment psiquiátrico aponta para a significação política dos comportamentos sexuais em substituição à visão médica dos mesmos. A partir de então, alguns dos fenômenos anteriormente vistos como perversões ou distúrbios do comportamento sexual - ou seja, fenômenos definidos como de natureza sexual - passam a ser considerados como um estilo de vida, uma opção, sub-cultura ou minoria. (ZILLI, 2007, p.48)

Essa transformação não se deu do dia para a noite, muito menos por consequência de uma única ação política, os embates, questionamentos e negociações acerca dos diagnósticos e terminologias utilizadas ocorreram ao longo de décadas e ainda não foram encerrados. Ainda que o termo “perversão” não seja mais utilizado para patologizar sexualidades dissidentes, o termo “parafilia” ainda se encontra presente em diversos manuais médicos, sob a justificativa dos comportamentos sadomasoquistas e fetichistas serem enquadrados como transtornos em casos de causar angústia para o indivíduo ou apresentar risco de dano severo ou letal para si ou terceiros¹². (SILVA, 2013)

Aqui cabe questionar, como é feito no trabalho de Zilli (2007), o quanto desse movimento, de nomeação, classificação e patologização, realmente se dá pela preocupação com a saúde e bem-estar de seus adeptos e o quanto deste discurso biologizante serve de justificativa para moralismos. A disputa entre os discursos hegemônicos acerca da sexualidade, amparados pelos saberes biomédicos, e os discursos de si dos sujeitos sadomasoquistas e fetichistas alcança as mais diversas esferas e configurações culturais - sendo distintos seus modos de ação nos EUA e no Brasil, por exemplo.

¹² De acordo com a versão mais recente da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), comportamentos sexuais fetichistas e sadomasoquistas que resultam em angústia para o indivíduo, risco de dano grave para si, ou terceiros, ou que violem o consentimento alheio podem ser diagnosticados como transtorno parafilico. Parafilia tornando-se apenas um termo que nomeia o desejo sexual não comum. (WHO, 2024)

A afirmação da autonomia política das identidades ligadas a estes comportamentos é um processo de negociação entre a determinação desses fenômenos pela instituição psiquiátrica, que os havia anteriormente classificados como desviantes; e o interesse dos que se identificam com as descrições médicas, mas querem libertá-las da marginalidade e da patologia. (ZILLI, 2007, p.81)

A partir das pesquisas realizadas por pesquisadores brasileiros, sobre os discursos, comportamentos e comunidades BDSM, é possível perceber que estes indivíduos possuem a compreensão de que seus desejos são saudáveis e não criminosos uma vez que o consentimento entre as partes envolvidas nas práticas é obrigatório. Este fator se mostra determinante para separar os saudáveis e inocentes dos doentes e criminosos, afastando assim os praticantes conscientes dos indivíduos que devem ser tratados ou punidos.

A partir do que foi observado em campo, durante minha tese de doutoramento, ainda que essas definições de patologia sejam, com alguma frequência, comentadas por adeptos em seus blogues, isso não chega a ser um grande problema a ser enfrentado pelo grupo. Muitos afirmam claramente sua não preocupação com essas categorizações e declaram importar mesmo manterem-se fiéis ao princípio do SSC e obterem seu prazer da forma como melhor lhes convier. (SILVA, 2012, p.33)

3 DISCURSIVIDADE BDSM

Apresentado o contexto histórico e cultural que propiciaram o surgimento e popularização do BDSM, passo para a apresentação dos principais conceitos mobilizados e teóricos referenciados nesta pesquisa. Foram selecionados teóricos que provocam a reflexão sobre como as formas em que os discursos sobre o sexo, sexualidade, dor e prazer circulam na sociedade exercem efeitos nos indivíduos, suas experiências, vivências e noção de realidade e natureza. Este não é um movimento de reafirmar minhas convicções, mas confrontar, questionar e contestar as certezas, minhas e dos leitores, sobre o que permeia, atravessa ou se opõe aos possíveis sentidos do BDSM brasileiro.

3.1 UMA QUESTÃO DISCURSIVA

O BDSM surge, especificamente com esse nome, pelo agrupamento de algumas dinâmicas fetichistas compreendidas como parte de um mesmo universo. Logo de início, temos o processo do nomear que é um efeito do discurso fetichista da época e dos sentidos compreendidos por este. A nomeação, como processo discursivo, está sujeita às relações de força em sociedade, da mesma maneira que mobiliza memórias e expectativas de sentido em sujeitos de seu discurso. Dessa forma, cabe questionar: O que os interessados em conteúdos e informações BDSM compreendiam por Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo?

Uma vez que o acrônimo surge, por meio do uso de fóruns online estadunidenses, para a comunicação acerca de práticas fetichistas, seus usuários, claramente, possuem certas concepções do tipo de conteúdo que dialoga com este recorte. Logo, os sentidos próprios do discurso fetichista estadunidense dão origem a uma nova categoria fetichista, subcultura urbana e minoria sexual.

O nomear-se interessado em/adepto do/praticante de BDSM, passa por compreensões de sentidos possíveis não somente do que é o BDSM, mas, a nível primário, também pela multiplicidade de sentidos do que é, ou não, cada uma das palavras presentes no acrônimo e se estas condizem com a fantasia, experiência, desejo ou prática do sujeito a adotá-las.

Embora o consideremos um fenômeno natural, um fenômeno da natureza que não se enquadra no domínio do surgimento histórico, nossa experiência da sexualidade é um produto de sistemas de conhecimento e modalidades de poder que não pretendem ser inelutáveis. (DAVIDSON, 2001, p.31, tradução nossa)

Este processo fica ainda mais claro se recordarmos como, no Brasil, o termo sadomasoquismo era amplamente utilizado, ao final do século XX, pelos mesmos sujeitos que viriam a adotar o termo BDSM, no início do século XXI, para tratar do mesmo conjunto de práticas erótico-fetichistas. O entendimento dos sentidos de sadismo, masoquismo e sadomasoquismo (discordantes dos sentidos adotados pelos saberes médicos) levaram esses indivíduos a se identificarem como parte integrante ou adepta do que passava a ser nomeado então como BDSM.

Em movimento inverso de identificação, enquanto muitos sadomasoquistas adotaram o uso do acrônimo, temos um grupo de adeptos do BDSM que se recusam a serem compreendidos como fetichistas¹³. Uma vez que o processo de negociação de sentidos do que é ou não BDSM mostra-se tão recorrente e constituinte da experiência do compreender-se enquanto adepto, ou praticante, analisar discursivamente o BDSM adquire forte relevância.

Hoje em dia a 'sexualidade' tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós 'tem', ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais. (GIDDENS, 1992, p.25)

Porém, este é apenas um nível inicial do potencial de análise discursiva do BDSM. Também é possível a análise de outros componentes estruturantes de suas dinâmicas, como é o caso da corporalidade (ALVES, 2020), ou uso dos corpos, que demonstra forte relevância tanto para o entendimento de como os indivíduos parte desta subcultura se expressam, afetam e são afetados, circulam na cidade e se comunicam, quanto para identificar e compreender, sob uma nova ótica, como os corpos dos demais indivíduos comunicam-se e são dotados de sentidos.

Uma vez que o BDSM passa pela experiência corporal das práticas fetichistas, faz-se possível a análise dos gestos, poses e marcas corporais. A comunicação da submissão pelas poses, as técnicas aprendidas nos gestos e as

¹³ No capítulo quatro desenvolvo mais como ocorre estes processos de identificação e negação.

histórias contadas pelas marcas corporais são todas formas pelas quais o discurso se apresenta por meio do corpo. A discursividade corporal demonstra sentidos de experiência, força, conhecimento, entrega, poder, etc.

Nos corpos (ou utilizados por eles) são identificáveis objetos como acessórios, vestimentas e outras tecnologias, que também podem ser analisados discursivamente e são parte importante da subcultura. Os chicotes, por exemplo, possuem diversos formatos, comprimentos e materiais a depender da condição financeira do usuário, do acesso a esses objetos, necessidade de descrição, tipos de marcas a serem realizadas e tipo de dor a ser causada. Cada um desses aspectos também desdobram-se em outras possibilidades, a intenção de causar uma dor mais branda, por exemplo, pode ser por conta da preferência do *top*, baixa resistência do *bottom*, condições de saúde ou emocionais, planejamento de uma crescente da dor, etc.

Já as vestimentas demonstram uma multiplicidade de sentidos por conta dos códigos do meio e dos fetiches em materiais. O discurso BDSM brasileiro clássico, da primeira década dos anos 2000, por exemplo, apontava certas vestimentas como adequadas para cada tipo de praticante. As submissas e submissos, principalmente com donos, deveriam fazer o uso de coleiras e o uso de salto alto era restrito às dominadoras. Estes códigos de conduta e comunicação serviam para identificação das posições e dos “verdadeiros” praticantes.

Em outra direção, as vestimentas de látex, vinil, couro, peles, seda, camurça e borracha possuem relação com os fetiches pelos materiais, num processo, que podemos ler, discursivamente, como de leitura tátil, interpretação das texturas. Em alguns casos, como é comum com o látex e a seda, o apelo fetichista se dá pelo caimento, textura e aspecto visual dos materiais no corpo, enquanto em outros casos há sentidos culturais diretamente associados, como ocorre com o couro em que a comunidade *leather* atribui sentidos de masculinidade e força ao material.

Essa relação com os objetos devem ser observadas não como uma relação de mão única, em que sujeitos “utilizam-se” de materiais e artefatos, mas como uma relação recíproca em que sujeitos mobilizam objetos e objetos produzem sentido sobre sujeitos, posicionando-os no discurso fetichista. (ALVES, 2021)

Todas essas possibilidades de sentidos e suas construções serão abordadas de maneira mais aprofundada no capítulo de análise. Aqui, me limito a demonstrar algumas das muitas possibilidades de análise do BDSM enquanto meio discursivo. Não apenas por meio das palavras por ele articuladas, mas também pelas imagens, corporalidade, seus objetos e modos de uso.

É importante estudar o BDSM e o fetichismo discursivamente não apenas por suas criações enquanto subcultura, os novos sentidos desenvolvidos em seu discurso, mas também por suas forças de negociação e negação. Os sujeitos do discurso BDSM brasileiro ao se apropriarem dos termos, de origem médica, sadomasoquismo e fetichismo, negociam com as instituições de poder e seus saberes hegemônicos. A partir da posição de objetos nomeados, um certo lugar de enunciação, sadomasoquistas e fetichistas utilizam-se de suas experiências e conhecimentos para negociar novos sentidos sobre as palavras direcionadas a eles.

Porém, os saberes médicos não são os únicos afetados. Em processo de negação de uma certa “realidade”, as demais relações de poder são confrontadas e até mesmo invertidas. No caso dos papéis de gênero, por exemplo, podemos perceber um deslocamento do imaginário patriarcal em favor de uma dominação feminina. Se, na sociedade oriental contemporânea, ainda há uma hierarquia que privilegia os homens em detrimento das mulheres, no BDSM podemos encontrar uma nova realidade discursiva em que mulheres são superiores, donas de tudo, poderosas e devem ser servidas pelos homens.

O cotidiano também é confrontado uma vez que os papéis sociais encontram um recorte espaço-temporal em que perdem sua importância. Pessoas em posições de poder em seu trabalho, no governo ou em casa, podem adotar um comportamento submisso, de entrega e falta de poder, enquanto pessoas delicadas, dóceis e carinhosas podem, finalmente, se mostrar agressivas, brutas e maldosas em um espaço seguro.

Este movimento de brincar com a realidade permite o questionar dos sentidos hegemônicos das coisas. Por exemplo, se a dor é vista como algo desagradável e a ser evitada, como justificar sua associação com o prazer? Quais são estes sentidos de dor e prazer? É possível haver um sentido único e transparente para estas palavras? O que justificaria o equívoco em sua compreensão?

Ao analisar discursivamente o BDSM, nos deparamos com palavras utilizadas de maneira recorrente na sua descrição, como: fantasia, poder, prazer, dor e segurança. Porém, visto que os sentidos são múltiplos, os discursos se atravessam, o discurso médico, jurídico, popular, intelectual, psicanalítico, clínico, etc. Dessa forma, a Análise de Discurso possibilita um processo de identificar esses diversos discursos, suas direções, como se constituem e significam.

Estes processos de identificação e análise apontam para o potencial de compreensão do BDSM não apenas como um acontecimento cultural urbano, mas também para o melhor entendimento de como as palavras estão diretamente atreladas às nossas concepções de mundo, percepção da realidade, construção da subjetividade e experiências de vida.

Uma vez que determinadas experiências sexuais ou eróticas são caracterizadas pelas instituições de poder e conhecimento como arriscadas, perigosas ou até mesmo doentias e criminosas, há certo efeito da palavra sobre nossas escolhas e empatia pelo outro. Como constituir uma visão positiva de si mesmo quando os discursos hegemônicos e populares compreendem seus desejos de maneira tão negativa? Como é possível sensibilizar-se pelo outro quando todas as “verdades” apontam para uma maldade inerente?

O uso dos termos “sádico” e “masoquista” de forma popular, por exemplo, apontam para características criminosas e doentias de sujeitos ao invés de apenas uma preferência sexual. O sádico no discurso popular aparece como a pessoa maldosa, mal intencionada e sem escrúpulos, enquanto o masoquista é a pessoa que tudo acata, aceita todo sofrimento e sente prazer ao se submeter a uma figura maldosa. Não é raro identificar este sentido também em discursos jornalísticos que ao noticiarem atos criminosos, genocidas e de guerra, adotam o termo sádico como adjetivo moralista e de valor, questionando o caráter dos responsáveis por tais ações.

Quais são os efeitos do uso dessas palavras sobre as pessoas que possuem comportamentos sexuais sádicos ou masoquistas? Há uma intenção oculta do discurso hegemônico ao reafirmar o valor negativo em tais termos? Quais são os objetivos ao não colocar em circulação, nos espaços institucionais, os discursos das minorias sexuais sadomasoquistas e fetichistas?

Fato é que ainda há muito a ser estudado, analisado e compreendido a partir da relação discurso e BDSM. Aqui, pretendo abordar apenas parte do seu extenso potencial de produção de conhecimento, para provocar o início do que acredito ser uma área de estudo revolucionária para a compreensão da complexidade da sexualidade humana.

3.2 CONCEITOS MOBILIZADOS

Para analisar discursivamente a cena BDSM brasileira, adotei a linha de Análise do Discurso, inspirada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Eni Orlandi. A questão que se coloca nesta pesquisa é: como se dá a produção de sentidos na cena BDSM, que discursos atravessam suas práticas e que posições-sujeito assumem seus praticantes nas trocas simbólicas que caracterizam esta subcultura urbana.

Primeiramente, é essencial o entendimento de que não há transparência nos sentidos, ou seja, não há sentido natural, óbvio ou único para nenhuma palavra. Mesmo as palavras consideradas objetivas ou literais, podem apresentar uma infinidade de sentidos similares ou discordantes. É possível perceber isso quando falamos de dor ou segurança no contexto das práticas BDSM.

É aí que se sustenta a noção de literalidade: o sentido literal, na concepção linguística imanente, é aquele que uma palavra tem independentemente de seu uso em qualquer contexto. [...] O falante não opera com a literalidade como algo fixo e irredutível uma vez que não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso. (ORLANDI, 2020, p. 49)

Considerando que o BDSM é uma minoria sexual, uma subcultura marginalizada, e a linguagem carrega um efeito de obviedade de sentidos próprios dos discursos hegemônicos constituídos pelas instituições poder da nossa sociedade, há um movimento constante dos sujeitos BDSM em negociar outros sentidos para palavras já existentes e criar novas para o que tentam comunicar.

Palavras como as utilizadas para nomear seus desejos e fantasias - fetichista e sadomasoquista - ainda que possuam origem médica e amplo uso popular, sofrem deslizamentos de sentidos para compreender a realidade dos adeptos e praticantes da sigla, criada por eles, BDSM.

São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2020, p. 28)

Não somente por meio das palavras, mas também pelas imagens, corporalidade e objetos, certa memória discursiva é evocada, seja para repetir sentidos já vigentes em discurso, seja para a negociação de outros. Toda materialidade possível de apreensão de sentidos, pode ser lida como discurso.

Nestes movimentos da linguagem, ocorrem os processos parafrásticos e polissêmicos, onde, concomitantemente, diferentes significantes possuem sentidos semelhantes e um mesmo significante possui múltiplos sentidos. Dessa forma, um mesmo sentido é possível em diversas palavras, imagens, corporalidades e objetos, ao mesmo tempo que nenhuma dessas formas aprisiona um único sentido.

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2020, p. 34)

Esse entendimento de que os sentidos podem tanto ser reafirmados quanto negados e ressignificados é parte essencial deste trabalho, pois o poder exercido pelos indivíduos sobre os significantes é uma força mútua. Não somente os sujeitos são capazes de atribuir novos sentidos às palavras, mas também são constituídos dentro da realidade em que tais palavras e sentidos circulam.

Pois minha hipótese é de que o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças. (FOUCAULT, 2017, p. 256)

Esses efeitos de sentidos afetam as formas que os indivíduos experienciam suas sexualidades, desejos, fantasias e corporalidades. O discurso enquanto materialização da ideologia afeta os indivíduos e seus corpos, logo, os processos discursivos não afetam apenas o simbólico, mas também se estendem ao material.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 2017, p. 144)

Uma vez que as formações discursivas (ainda aqui em sentido foucauldiano¹⁴) possíveis em uma sociedade influenciam na compreensão do sujeito de si mesmo e nas experiências corporais que podem e devem ser vividas, os indivíduos estarão em constante negociação com os sentidos hegemônicos. O embate entre os menos poderosos e as instituições de poder é próprio dos sistemas que se estruturam por meio das relações de poder.

As mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles. Essas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo, sem tentativa de reorganizar o mesmo poder apenas com uma mudança de titular. (FOUCAULT, 2017, p. 141)

Ainda fazendo uso de algumas palavras e conhecimentos criados e desenvolvidos pelas forças hegemônicas, fetichistas e sadomasoquistas conseguem realizar a negociação e deslizamento de sentidos. Os saberes produzidos pelas instituições de poder, como o direito, a medicina e outras áreas da saúde, são apropriados por estas minorias sexuais que ressignificam suas funções e objetivos para viverem de maneira mais plena suas sexualidades.

Acho que os movimentos ditos de "liberação sexual" devem ser compreendidos como movimentos de afirmação "a partir" da sexualidade. Isto quer dizer duas coisas: são movimentos que partem da sexualidade, do dispositivo de sexualidade no interior do qual nós estamos presos, que fazem com que ele funcione até seu limite; mas, ao mesmo tempo, eles se deslocam em relação a ele, se livram dele e o ultrapassam. (FOUCAULT, 2017, p. 360)

Nesta direção, Preciado (2014) propõe o conceito de contrassexualidade, que aponta para o movimento contrário a como a sexualidade é ensinada e experienciada nos dias de hoje no Ocidente, para além do foco nos genitais, no orgasmo e na reprodução. Uma vez que torna-se inegável como os corpos estão sujeitos aos discursos biologizantes, médicos e reguladores, Preciado propõe um movimento contrário consciente, contestador e contradiscursivo.

¹⁴ O conceito de formação discursiva aparece em Foucault na obra *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2008), mas é retomada posteriormente por Michel Pêcheux no quadro da *Análise de Discurso*, e sob uma compreensão marxista; mas neste trabalho não chegamos a fazer esta transposição conceitual.

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas. (PRECIADO, 2014, p. 25)

É interessante identificar como o BDSM dialoga com a contrassexualidade antes mesmo da criação do conceito. O experimentar da sexualidade para muito além das genitais, com estímulos por todo corpo, e sem correlação de papéis de gênero são propostas da contrassexualidade presentes nas práticas fetichistas e sadomasoquistas brasileiras, pelo menos, desde a década de 1980. O estímulo dos pés na podolatria, as palmadas nas nádegas dos masoquistas, a castidade dos submissos e o endeusamento das mulheres dominantes, são alguns exemplos disso.

A contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade. (PRECIADO, 2014, p. 23)

Ainda na década de 1980, nos Estados Unidos, Rubin (2017) apontava para a importância de serem realizados estudos e desenvolvidas teorias sobre dissidências sexuais. A intelectual defendia que o sexo deveria ser considerado um tema tão sério e relevante de estudo quanto política, saúde ou economia, porém, o moralismo e ideologias dominantes impedem o avanço da produção de conhecimento sobre a área.

Uma vez que o sexo pode ser compreendido tanto como parte da natureza humana quanto um comportamento culturalmente ensinado, estudos críticos sobre o tema, suas razões e potenciais deveriam ser amplamente estimulados por todo o mundo, tal como os estudos de gênero e raciais.

Uma teoria radical do sexo deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual. Tal teoria necessita de ferramentas conceituais refinadas com as quais se possa compreender o sujeito e mantê-lo visível. Deve produzir descrições ricas da sexualidade na forma como ela existe na sociedade e na história. Requer uma linguagem crítica convincente que possa transmitir a barbárie da perseguição sexual. (RUBIN, 2017, p.11/pensamentos sexuais)

Porém, uma vez que for reconhecido que os comportamentos e preferências sexuais possuem importância política semelhante às questões de gênero e raciais, se tornará inegável a existência das relações de poder na constituição da

sexualidade humana. Rubin demonstra como há uma hierarquia sexual que privilegia a heterossexualidade monogâmica, baunilha e intergeracional, enquanto qualquer comportamento sexual desviante deste ideal é marginalizado, desmotivado e penalizado.

Como o gênero, a sexualidade é política. É organizada em sistemas de poder os quais recompensam e encorajam alguns indivíduos e atividades ao passo em que punem e suprimem outros. Como a organização capitalista do trabalho e sua distribuição de recompensas e poderes, o sistema sexual moderno tem sido objeto de luta política desde sua emergência e durante o seu desenvolvimento. Mas se as disputas entre o trabalho e o capital são mistificadas, os conflitos sexuais são completamente camuflados. (RUBIN, 2017, p. 50)

O pânico moral mostra-se como ferramenta política para penalizar as chamadas dissidências sexuais. Uma vez que, os discursos institucionais mostram-se capazes de ensinar ou convencer a maioria da população sobre certo risco que as minorias sexuais poderiam representar para a segurança pessoal, das crianças e para a saúde coletiva, as medidas de controle, repressão e punição passam a ser vistas como justificadas e, até mesmo, necessárias.

Por meio de projetos de lei, missões religiosas e tratamentos médicos, as instituições de poder submetem os indivíduos, que demonstram comportamentos ou desejos sexuais que fogem à norma ou ao desejável, à medidas de conversão ou adequação. Dentro da hierarquia sexual, as dissidências não são apenas outros modos de experienciar a sexualidade humana, mas sim uma escala crescente do “sexo mau”.

Essa cultura sempre trata o sexo com suspeita. Constrói e julga quase todas as práticas sexuais segundo suas piores possibilidades de expressão. O sexo é considerado culpado até que provem sua inocência. Virtualmente todos os comportamentos eróticos são considerados maus a menos que uma razão específica para isentá-lo tenha sido estabelecida. As mais aceitas desculpas são o casamento, a reprodução e o amor. (RUBIN, 2017, p. 15)

Uma vez que o moralismo demanda justificativas para tornar o sexo algo bom ou aceitável e o discurso hegemônico vigente é o da impureza sexual, os sentidos do sexo como algo perigoso, impuro e pecaminoso apontam cada vez mais para seu extremo. Homossexuais são más influências para nossas crianças, transexuais são uma ameaça à segurança das mulheres, sádicos são criminosos maldosos, masoquistas são doentes perigosos e fetichistas são loucos sem noção da realidade.

O discurso sobre a sexualidade é menos uma sexologia do que uma demonologia. Apresenta a maioria dos comportamentos sexuais na pior luz possível. Suas descrições da conduta erótica sempre usam os piores exemplos disponíveis como se fossem representativos. Mostram a pornografia mais repugnante, as formas mais exploradas da prostituição e as menos palatáveis ou mais chocantes formas de variação sexual. Esta tática retórica consistentemente deturpa a sexualidade humana em todas as suas formas. A fotografia da sexualidade humana que emerge dessa literatura é imperdoavelmente feia. (RUBIN, 2017, p. 41)

Estes conceitos de hierarquia e dissidência sexual, criados e desenvolvidos por Rubin (2017), mostram-se essenciais para entender a partir de qual lugar os praticantes de BDSM produzem seus conhecimentos e saberes, e contra quais forças e discursos operam. Além disso, a perspectiva crítica da autora acerca dos estudos sobre o sexo, assim como os posicionamentos questionadores de Preciado (2014) e Foucault (2013), mostram-se importantes para o entendimento de como as relações de poder constituem nossos conhecimentos e experiências sexuais.

3.3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Minha intenção em estudar o BDSM brasileiro surgiu a partir de um incômodo pessoal com a falta de produção acadêmica nacional sobre o tema. Em minha formação jornalística me foi ensinado a buscar informações produzidas não apenas pelos diretamente afetados, mas também por fontes oficiais, porém, ao estudar sobre BDSM, me deparei com a escassez de informação produzida por estas fontes.

Os poucos trabalhos que tive acesso eram das áreas do conhecimento da Antropologia, Direito e Letras, para a Comunicação o BDSM e o fetichismo pareciam não existir. Para mim não fazia sentido que uma subcultura tão rica, estética e discursivamente, estivesse sendo ignorada enquanto outras minorias sexuais apresentam um crescimento exponencial em número de pesquisas.

Para atrair a atenção do campo da Comunicação para a relevância do discurso BDSM, dei destaque ao uso das redes sociais e à produção de conteúdo informativo e didático criado por praticantes de BDSM. Assim, em meu projeto de pesquisa, apresentei à banca de seleção do mestrado, do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFJF, minha intenção em analisar discursivamente os maiores perfis brasileiros no Instagram que produziam conteúdo ensinando sobre BDSM.

Porém, ao longo do primeiro ano de pesquisa, enfrentei algumas dificuldades técnicas: uma das páginas a serem analisadas descontinuou sua produção, outra privou seu conteúdo e uma terceira foi suspensa, temporariamente, pelo *Instagram*. Isso fez com que, algumas vezes, eu tivesse que alterar quais perfis seriam analisados - o que é possível acompanhar pelos artigos que produzi à época. Mesmo em meio a tantos imprevistos, apresentei em minha qualificação um dos capítulos do que viria a ser essa dissertação.

A banca compreendeu o recorte realizado e a adoção dos perfis em redes sociais como objeto empírico, porém foi apontado um potencial muito maior a ser explorado. Foi então que veio a dúvida: qual seria meu novo objeto empírico? Ao longo das orientações, eu conversava com o meu orientador sobre como cada camada do BDSM comunica algo e de alguma forma, fosse em espaços privados, comerciais, públicos, digitais ou materiais. Se tudo no BDSM é comunicação, era interessante então demonstrar estes diferentes níveis, o que englobam e até onde alcançam.

Se em minha fase de escrita do projeto eu tinha passado por uma crise com a falta de produção acadêmica sobre o tema pelo campo da Comunicação, o desenvolver da minha pesquisa agravou ainda mais esse incômodo. Isso porque por mais que a pesquisas realizadas sobre o tema sejam de excelente qualidade, duas questões, que para mim pareciam urgentes, ainda não haviam tido destaque: a produção jornalística sobre o tema, com foco na escrita de Wilma Azevedo, e o sujeito praticante de BDSM na posição de pesquisador.

Para mim, era incompreensível o fato de a primeira figura pública brasileira a falar sobre sadomasoquismo, a partir da perspectiva de praticante, ter sido uma jornalista e não haver pesquisas do nosso campo sobre seu trabalho. Wilma Azevedo tem uma produção textual muito extensa, foi entrevistada diversas vezes, inclusive para a televisão, é reconhecida no meio como a primeira produtora brasileira de conhecimento prático sadomasoquista e responsável pelo início da comunicação entre praticantes. Ainda assim, a Comunicação e o jornalismo, mais especificamente, não possuem registro acadêmico da relevância e importância da jornalista.

Com esse incômodo, dei início a uma pesquisa em que analisei a falta de produção acadêmica sobre Wilma Azevedo. Porém, muito além de apenas produzir alguns artigos, eu queria levantar o debate sobre essa ausência. Assim, apresentei meus trabalhos em dois eventos da Alcar, na USP, em 2022, e na UFF, em 2023, com a intenção de fazer outros pesquisadores e estudiosos conhecerem o trabalho de Wilma Azevedo, a relevância do BDSM e o papel da Comunicação em toda essa reflexão.

Ainda que o trabalho de Wilma Azevedo não fosse ser o objeto empírico da minha pesquisa de dissertação, estudar ele foi essencial para compreender melhor o início do sadomasoquismo e fetichismo, no Brasil, e também me aproximar, ainda mais, das comunidades BDSM brasileiras. Investigar o início do que viria a ser o BDSM no Brasil me permitiu perceber a série de mudanças que ocorreram com o passar das décadas e a entrada de novos praticantes. O discurso em constante movimento e renovação é um produto histórico a ser percebido acompanhado dos contextos em que são construídos ou ressignificados.

Esse movimento, junto do levantamento do estado da arte do tema no Brasil, me fez perceber que dentro da escassez de produção acadêmica ainda havia a ausência de pesquisadores na posição de sujeito praticante de BDSM. Em nenhum momento, foi, ou é, minha intenção deslegitimar ou reduzir o valor das pesquisas realizadas por pesquisadores baunilhas, inclusive porque suas produções são muito necessárias e de alta qualidade. Porém, acho extremamente curioso como o processo que ocorre com os estudos de outras minorias têm caminhado em direção dos próprios sujeitos desenvolverem conhecimentos acadêmicos sobre seus meios, enquanto não havia o menor sinal de acontecer movimento semelhante com os praticantes de BDSM e demais fetichistas.

Somente em 2023 encontrei um trabalho em que a autora se assumia enquanto parte da comunidade e adepta de BDSM. Enquanto em outros países é possível identificar, há algumas décadas, que muitos pesquisadores encontram-se como parte adepta e atuante da comunidade, no Brasil, este movimento é recente. Entendo, inclusive, que ainda há certa preocupação em assumir publicamente tais preferências sexuais. Infelizmente, a tolerância sexual ainda não acolhe tão bem

sadomasoquistas e fetichistas como têm acolhido, cada vez mais, homossexuais e bissexuais.

Mesmo com o receio de me assumir como praticante de BDSM, assim como ocorreu, nos EUA, com Wiseman (1996) e, aqui no Brasil, com Pinto (2023), parti do mesmo posicionamento de ambos para me colocar em minha escrita. A importância de demonstrar os conhecimentos e subjetividades próprios dos que encontram-se como parte desta comunidade. Falar, a partir, da posição de quem, diretamente, afeta e é afetado por tal subcultura. Como quem se constitui e compreende dentro desta.

Ocupando não apenas o espaço de praticante e adepta do BDSM, mas também de jornalista e acadêmica, pude descrever diferentes níveis de comunicação identificados nas práticas, comunidades, saberes e vivências BDSM. Assim, foram organizados em quatro níveis os modos de comunicação, do mais restrito ao mais amplo. No próximo capítulo, encontra-se a descrição de cada um deles.

O processo de organização de cada uma dessas camadas foi diretamente influenciado por minha experiência no meio BDSM e as formas que fui/sou afetada por ele. Sendo um meio com muitos sentidos construídos de maneira coletiva e constantes questionamentos internos de suas adequações e inadequações, ser parte do meio que não apenas acompanha os debates mas que também pode expor concordâncias, discordâncias, incômodos, desidentificações e vivências próprias, afetou e afeta a construção de minhas percepções do meio.

Considero essa posição um grande diferencial para perceber os deslizamentos de sentidos, os processos discursivos e efeitos metafóricos. Algumas vezes pude perceber a diferença de tratamento que ocorria quando passavam a me ver também como praticante de BDSM e não apenas como pesquisadora. A desconfiança muitas vezes foi grande, por conta da minha idade, alguns acreditavam que meu interesse pelo meio era apenas pelo exótico e não por eu fazer parte dele.

Esse processo permitiu identificar uma diferença de abertura e até mesmo certo tom de confissão. Os que falavam comigo pareciam se sentir mais confortáveis

em se abrir com quem compreendia suas questões e dores. Nestes momentos, eu me recordava das falas de Wilma Azevedo em que conta sobre as milhares de cartas que recebeu onde seus leitores agradeciam a jornalista por finalmente falar sobre o que eles sentiram por tanto tempo, por abrir esse espaço de escuta e compreensão, por não tratá-los como exóticos, estranhos, doentes ou criminosos. Por escrever na primeira pessoa do plural e não sobre a terceira pessoa do plural.

Com esse conjunto de informações e conhecimentos, aliado da produção acadêmica nacional sobre o tema, foi possível descrever parte dos processos de comunicação das comunidades e praticantes de BDSM brasileiros. Preciso também dar destaque aos trabalhos que tive acesso, pois foram essenciais para a construção do meu conhecimento e linha de raciocínio. Trabalhos lindíssimos e de altíssima qualidade que descrevem muito bem diversas características, comportamentos e contradições dos meios fetichistas brasileiros. Se não fosse por eles, eu estaria refém das referências acadêmicas gringas que, por mais que também sejam de alta qualidade e possuam forte influência em nossa cultura fetichista, não são capazes de compreender as complexidades e especificidades das vivências fetichistas brasileiras.

Constantemente reforço em meus trabalhos e produção de conteúdo, para as redes sociais, a importância de analisar o BDSM e o fetichismo brasileiro a partir e por meio de suas especificidades. Sim, a expressão fetichista brasileira possui forte influência das culturas fetichistas estadunidense e europeias, mas também possui características comportamentais, estéticas e discursivas muito próprias, como é o caso da forte presença da podolatria.

Por isso, escolhi o título “BDSM made in Brazil” para esta pesquisa. Ainda que o uso de uma grande variedade de termos com origem na língua inglesa seja parte do cotidiano fetichista brasileiro, esse uso não é apenas uma repetição, feito nos mesmos moldes que o original, é possível perceber seu uso como ferramentas que ao se aproximarem das experiências fetichistas nacionais podem nomear em parte nossas vivências.

O BDSM pode ter sido criado nos Estados Unidos, muitos dos acessórios podem ser importados e as palavras podem possuir origem estrangeira, mas o nosso BDSM é brasileiro. Isso porque nossa história é distinta, nossas condições

materiais, influências culturais, clima, temperatura, hábitos, tabus e clichês são outros. Cada um desses aspectos influencia a construção de uma subcultura BDSM, por isso, este trabalho procura descrever os processos discursivos específicos da nossa realidade.

4 DESCRIÇÃO DO OBJETO

4.1 SESSÃO: A COMUNICAÇÃO NEGOCIADA

O primeiro nível da comunicação BDSM se dá nos espaços privados onde ocorrem as ditas “sessões”. Uma sessão é um espaço-tempo limitado onde irão ocorrer as práticas e dinâmicas fetichistas. Precedida por um período de negociação onde são definidos limites e vontades dos participantes, a sessão delimita quando começam e terminam as práticas.

A sessão é o momento de realização material das fantasias dos envolvidos. Em um local combinado, preferencialmente privado, e ao longo de um período que pode se estender de apenas uma hora até alguns dias, os indivíduos autorizam a si mesmos e aos demais a colocarem em prática seus fetiches, desde que dentro dos limites estabelecidos.

Esse recorte temporal cria um espaço seguro que afasta os papéis, figuras e comportamentos cotidianos dos fetichistas. Assim, todo o ocorrido neste espaço não diz sobre os indivíduos, mas sim sobre suas fantasias, desejos e encenação. Uma prática de humilhação, por exemplo, demanda esse afastamento para que todos os envolvidos estejam seguros que as palavras ali utilizadas não remetem ao valor que possuem, mas sim são utilizadas como ferramentas para provocar sentimentos e sensações.

Ainda que seja de entendimento geral que é impossível a segurança absoluta, todas as práticas são realizadas tentando reduzir ao máximo a possibilidade de qualquer efeito não desejado. Assim, a segurança não trata de não haver consequências negativas, mas sim da redução das chances de que estas ocorram e o nível de sua gravidade, levando em consideração não somente as sensações que os praticantes buscam, mas também com quais efeitos e consequências estão dispostos a lidar.

Sendo assim, para que uma sessão seja possível, são necessários ao menos dois indivíduos em posições complementares, os chamados *top* e *bottom*. Há muita divergência nas comunidades em relação a descrição de cada uma dessas posições, pois podem estar associadas a possuir ou conceder o poder, como é no

caso das dinâmicas de dominação e submissão, mas também é possível levar em consideração como jogam com a dor, o que é o caso dos sádicos e masoquistas.

Aqui irei utilizar a descrição articulada por Wiseman (1996), que é com a que mais me identifico tanto como praticante quanto como estudiosa. Sendo *top* o indivíduo responsável por aplicar a prática e *bottom* quem a recebe. Assim, em uma prática de *spanking*, por exemplo, o *top* aplica palmadas sobre o corpo do *bottom*.

Porém, compreendo que a multiplicidade de dinâmicas possíveis dentro do BDSM pode confundir o uso das nomenclaturas. Pois uma vez que é possível, por exemplo, uma dominadora masoquista, ela se encontra na posição de *top* por comandar o que irá acontecer na sessão, mas pode também estar na posição de *bottom* ao comandar que seu submisso realize nela uma prática de *spanking*.

No exemplo acima, a pessoa está em diferentes posições de diferentes dinâmicas, *top* em uma dinâmica de Dominação/submissão e *bottom* em uma prática sadomasoquista. Porém, também é possível uma mesma pessoa praticar em ambas as posições de uma mesma dinâmica, é o caso dos *switchers*. Que podem oscilar entre *top* e *bottom* a depender do momento, parceiro ou vontade.

Os pares que compõem o guarda-chuva de práticas do BDSM nem sempre estão presentes ao mesmo tempo, isto é, uma pessoa pode se considerar um BDSMer por sentir prazer na dor, mas não ter qualquer fetiche com hierarquia, ou ainda justamente ter o prazer na hierarquia e nas relações de poder e não ter nenhuma atração pela dor. Porém, é comum os discursos de deslegitimação por parte dos membros do grupo quando alguém menciona não gostar de hierarquia. Essa pessoa sofre uma exclusão e passa a ser chamado de fetichista, como se fosse algo de menor valor, pois não há como manter as estruturas de poder entre iguais. (PINTO, 2023, p.83)

Tais contradições resultam em diversas concepções do que é o BDSM. Enquanto alguns descrevem o BDSM como essencialmente sexual, podendo o fetichismo ser uma espécie de orientação sexual, outros o compreendem como um jogo de poder ou erótico, não sendo necessário o desejo ou prática sexual.

Assim, *top* e *bottom* são termos guarda-chuva que englobam uma infinidade de possibilidades das dinâmicas BDSM e os integrantes das comunidades nomeiam-se a partir das posições que lhes despertam desejo. Por exemplo, temos como *top* e *bottom*, respectivamente: dominador e submisso, nas dinâmicas de Dominação/submissão; sádico e masoquista, nas dinâmicas de sadomasoquismo;

rigger e *rope bunny*, nas dinâmicas de *bondage* com cordas; *tamer* e *brat*, em algumas dinâmicas de disciplina; etc.

Dessa forma, as identidades dão-se não apenas pelos desejos e fantasias, mas principalmente por suas práticas.

As artes técnicas, estratégias e práticas envolvidas nas cenas não são, portanto, secundárias, mas constitutivas das identidades no meio sadomasoquista, ilustrando como as coisas operam neste espaço em que não adianta apenas se declarar top ou bottom ou podo ou switcher: há que se ter uma performance. (MELO, 2010, p.85)

Assim como usado por Melo (2010), é comum vermos o uso do termo “cena” como sinônimo de sessão, porém este é mais adequado às práticas realizadas em público ou gravadas. Como, por exemplo, as práticas que ocorrem em festas, as quais não são chamadas sessões, mas sim cenas. Visto que há uma espécie de encenação de uma sessão para os que irão assistir.

Enquanto a sessão é planejada e executada levando em consideração a presença e participação apenas dos praticantes diretamente envolvidos, a cena precisa levar em consideração a presença de um público assistindo as práticas - em alguns casos até mesmo participando. A estética e elementos visuais, são fortemente impactados pela presença de espectadores, porém não são os únicos a serem afetados.

Diante de um público, as técnicas ministradas pelo top são colocadas sob julgamento de praticantes com mais ou menos experiência. Enquanto o *bottom*, por sua vez, coloca-se em posição vulnerável não somente sob os olhos de seu top, mas de uma plateia inteira, algumas vezes composta por desconhecidos. Sendo assim, a própria experiência dos presentes na cena sofre efeitos mesmo quando o público se mostra passivo.

Porém, retomando o foco deste subcapítulo às dinâmicas privadas, mantenho o uso do termo “sessão” que mostra-se como momento definidor dos papéis e identidades BDSM, uma vez que os sujeitos dessas comunidades apresentam-se ao demais como praticantes de determinada dinâmica ou prática.

Os sujeitos participantes de uma sessão ao atuarem na posição de *top* ou *bottom* comunicam ao outro presente, ou outros, diversas das suas relações, identidades, conhecimentos e habilidades fetichistas. A depender das vestimentas e

acessórios utilizados ou práticas e técnicas aplicadas, os participantes comunicam sua experiência, conhecimento, criatividade, entrega, resistência e até mesmo poder econômico.

O uso em sessão de um chicote longo, como um *bullwhip*, por exemplo, demonstra poder econômico do *top* que o possui, por ser um acessório caro, artesanal e pouco acessível. Mas demonstra, principalmente, seu conhecimento, habilidade e experiência, visto que seu manuseio adequado requer muito treino e conhecimento das técnicas. Enquanto o *bottom*, neste contexto, deve ter resistência a impactos fortes e focados, ser disciplinado para não se movimentar muito e aceitar ficar com marcas em seu corpo por pelo menos alguns dias.

Assim como destacado por Melo (2010), a comunicação de habilidades e identidades concretiza-se no momento da prática e não somente no nomear-se, porém, é importante ressaltar, que, assim como citado por mim, ao início deste subcapítulo, a sessão é precedida pela “negociação”.

Esta que é menos um momento isolado e mais um processo, refere-se à comunicação entre praticantes interessados em realizar uma sessão. Neste processo, os praticantes irão compartilhar suas práticas de interesse, limites e combinar palavras e gestos de segurança.

A negociação pode ocorrer no período de apenas algumas horas ou se prolongar por meses, a depender das práticas a serem negociadas e a demanda dos envolvidos, além de poder ser feita de forma mais formal, com contratos, planilhas e tabelas; ou de modo informal, por meio de conversas ou telefonemas.

Visto que há uma infinidade de práticas fetichistas, há a necessidade de combinar quais poderão ser realizadas no momento da sessão e quais são os limites dos praticantes. Estes costumam ser divididos em dois tipos, flexíveis e rígidos, os primeiros sendo possíveis de reconsideração a depender da intimidade, parceiro ou desejo, enquanto os segundos são inegociáveis.

O uso de palavras e gestos de segurança é uma técnica muito conhecida nas práticas fetichistas como método de segurança e emergência. Os praticantes combinam uma palavra e/ou gestos para serem utilizados como sinais para que as práticas sejam interrompidas, suavizadas ou alteradas. Tanto o *bottom* quanto o *top*

podem fazer uso delas caso sintam a necessidade de interromper a dinâmica. (LEITE, 2000; ZILLI, 2007; MELO, 2010)

O mais comum nas comunidades BDSM brasileiras é o uso do sistema de cores que faz referência aos semáforos de trânsito. “Verde” sinalizando que está tudo bem, “amarelo” que é preciso que seja alterada a intensidade ou forma que a prática está sendo realizada e “vermelho” para interromper toda a sessão. Com esta última função, Azevedo (1986) utilizava “misericórdia” como palavra de segurança para suas práticas sadomasoquistas - e ainda é comum praticantes mais antigos fazerem uso desta palavra.

Porém, há também os casos em que uma ou ambas as partes podem estar impossibilitadas de se comunicar verbalmente de forma adequada, como quando há o uso de mordças ou música alta. Nestes casos há o uso de gestos de segurança, como os três toques (tradicional dos esportes de combate), estalar de dedos ou então podem recorrer a acessórios barulhentos ou luminosos. Estes são apenas alguns exemplos mais comuns, mas independente da forma, é essencial o combinado entre as partes.

Para além dos discursos tradicionais das comunidades e sujeitos fetichistas, é possível identificar, nas sessões, a mobilização de um intertexto cotidiano e baunilha. Nas dinâmicas de dominação e submissão, por exemplo, as relações de poder são manipuladas e negociadas. Ainda que as hierarquias social e culturalmente estabelecidas não sejam compulsoriamente replicadas nas dinâmicas fetichistas, estas inspiram e influenciam as fantasias que levam às práticas.

As dinâmicas cotidianas entre homens e mulheres, adultos e crianças, donos e pets, militares e civis, servem de pano de fundo para a construção do cenário erótico-fetichista da sessão. Podendo tanto replicar as estruturas dadas, quanto pervertê-las.

4.2 COMUNIDADE: A COMUNICAÇÃO COLETIVA

Ainda que ser fetichista e adepto do BDSM dependa diretamente dos desejos e fantasias eróticas individuais, é comum perceber o movimento destes indivíduos reunirem-se com iguais e compreenderem suas condições a partir destas experiências coletivas.

Faz parte do discurso nativo a ideia de que se é podólatra “desde que nasce” e o caminho de se conhecer leva à “descoberta” de seu fetiche não como uma prática isolada, mas socialmente compartilhada. O encontro com outras pessoas que compartilham o mesmo fetiche é vivido como um momento de comunhão. (MELO, 2010, p.51)

Nos registros históricos das comunidades erótico-fetichistas estadunidenses, identifica-se o início de círculos sociais fetichistas próximos a produtores de roupas, acessórios, materiais e artes fetichistas a partir da década de 1930, porém a noção de comunidade se amplia apenas com os bares *leather* ao final da década de 1950 e a organização de coletivos políticos dá-se apenas no início da década de 1970. (BIENVENU, 1998)

Já no Brasil esta evolução ocorreu e ocorre por outros formatos, espaços e épocas. Primeiro, é importante destacar que há quase nenhum registro dos praticantes e comunidades fetichistas brasileiras, principalmente nos períodos anteriores ao século XX, o que dificulta a construção de uma história fetichista brasileira. Sendo assim, aqui irei apresentar a progressão das comunidades fetichistas que deram origem ao BDSM brasileiro levando em consideração os principais livros e pesquisas que tratam sobre o tema, em diálogo sempre com os conhecimentos que adquiri com a minha vivência fetichista.

Há um forte consenso nas comunidades fetichistas e nas pesquisas sobre o tema acerca do pioneirismo de Wilma Azevedo na escrita sadomasoquista. No início dos anos 1980, ainda em meio a ditadura civil-militar, a jornalista Edevina Ribeiro adotou tal pseudônimo para publicar seus textos, em que mesclava ficção com suas experiências sadomasoquistas.

Wilma Azevedo publicou seus escritos inicialmente em revistas eróticas e, depois, os compilou em livros que poderiam ser descritos como de produção de baixo custo. A escritora é pouco notada fora do meio BDSM e, diferente de Glauco Mattoso, suas obras não têm caráter literário reconhecido. Wilma é considerada precursora/difusora do chamado sadomasoquismo erótico, visto que, tendo tomado contato com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, passou a produzir escritos ficcionais que davam voz às fantasias e às práticas dos integrantes desse meio. (MACHADO, 2017, p.17)

A escritora, que viria a ser conhecida como “rainha literária do sadomasoquismo”, foi a primeira figura pública a compartilhar suas fantasias e práticas fetichistas. Munida da responsabilidade jornalística, Wilma Azevedo buscava estudar e aprender sobre as mais diversas práticas antes de escrever os

seus textos, de forma a levar para seus leitores informações de como realizá-las de forma segura e ética.

Os textos da escritora, publicados em revistas eróticas à época, foram o primeiro contato de muitos fetichistas com uma pessoa que praticava suas fantasias. O êxtase de finalmente encontrarem outra pessoa que também possuía tais desejos dissidentes, aliado à abordagem cuidadosa, respeitosa e acolhedora da jornalista, fez com que diversos leitores se sentissem à vontade para compartilhar suas fantasias e práticas por meio de cartas enviadas à autora.

A partir de meus primeiros artigos, senti o quanto os leitores estavam ansiosos para ter uma pessoa com quem pudessem abrir-se, aconselhar-se e discutir sobre o controvertido tema. Sem aceitação, mal vistos e reprimidos, tornavam-se frustrados, com receio de declararem-se até entre os próprios praticantes. (AZEVEDO, 1998, p.11)

Estas mesmas revistas possuíam também classificados, que eram espaços abertos aos leitores para divulgarem serviços, se apresentarem, buscarem parceiros e demais praticantes. Assim, deu-se início a comunicação entre fetichistas no Brasil. A presença destes anúncios não se restringiram às revistas em que Wilma Azevedo escrevia, mas se expandiram para as demais revistas eróticas e até mesmo jornais.

Os textos em que praticantes e curiosos apresentavam suas características físicas, habilidades, interesses e fantasias, vinham acompanhados do número da caixa postal do autor para que os interessados pudessem entrar em contato. Possibilitando assim a troca de cartas entre fetichistas e que combinassem encontros e eventos.

A comunicação entre os praticantes ocorria majoritariamente através da troca de cartas e dos anúncios publicados em revistas eróticas, quando os encontros ocorriam na esfera do privado. Nesse período, observamos diversas tentativas de criação de grupos voltados para a prática do SM, que não frutificaram, tendo em vista as particularidades referentes à comunicação naquele contexto, que refletiam em uma difícil articulação entre os praticantes, sendo esta feita inclusive através do uso de espaços não específicos para este fim, como revistas eróticas que não costumavam publicar textos sobre SM. (MACHADO, 2017, p.61)

Ainda nos anos 1980, Cosam Atsidas, que ensinou muito do que Wilma Azevedo sabia e foi seu escravo por muitos anos, fundou a Associação Brasileira de Sadomasoquistas (ABS). A Associação durou apenas um ano, mas parece ter sido o primeiro grupo organizado com a intenção de aproximar praticantes sadomasoquistas e fetichistas de todo o país.

Aqui diferencio sadomasoquistas e fetichistas por conta dos termos usados à época. Sob o conceito de sadomasoquismo era possível encontrar também as práticas de bondage, disciplina, dominação e submissão. Porém, uma característica muito forte do fetichismo brasileiro que se distancia do BDSM, que conhecemos hoje, e do sadomasoquismo estadunidense, tradicional da época, é a forte presença e popularidade da podolatria.

Enquanto nos Estados Unidos é possível perceber uma concomitante proximidade e embate das comunidades *leather* com grupos sadomasoquistas, no Brasil, estes últimos constantemente entram em contato com grupos e praticantes de podolatria. As primeiras figuras públicas a serem reconhecidas como fetichistas no Brasil, como é o caso de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso, eram grandes adeptos das práticas de podolatria. Enquanto a jornalista descrevia em seus contos, em detalhes, como gostava de ter os pés estimulados, o escritor chegou a dedicar um livro inteiro a tal fetiche, o famoso “Manual do podólatra amador”.

Também é possível perceber nos relatos dos eventos organizados, que, ao longo de toda a história das casas fetichistas brasileiras, tem tido uma forte presença de indivíduos que se identificam não com o BDSM, mas com a podolatria. Eventos inteiramente dedicados às dinâmicas que envolvem tal fetiche também são recorrentes nestes espaços, mesmo quando não há relação direta com o BDSM.

Antes mesmo da criação das casas fetichistas, a realização de encontros informais em bares tornou-se frequente, nas principais cidades do país, a partir do final dos anos 1980. Ainda que estes espaços não funcionassem exclusivamente para o público fetichista, a regularidade dos encontros em determinados lugares e datas acabou por estabelecer uma tradição e cultura fetichistas. Até hoje, é possível identificar este movimento de adotar certos espaços tolerantes ao público fetichista como pontos de encontro para socialização e eventos.

O bar H.R. é ponto de encontro do rock. Quem passa furtivamente em frente ao local se depara com várias pessoas usando jeans, cabelos compridos, camisetas pretas, ocupando as mesas do piso térreo e à porta. São motoqueiros, roqueiros. O local abriga festas, shows e encontros das mais diversas ‘tribos’ urbanas, cujo denominador comum é o pertencimento a estratos desviantes/alternativos/underground dentro da noite carioca. A estas ‘tribos’ juntou-se, mais recentemente, uma nova: frequentadores de festas sadomasoquistas/fetichistas – os participantes desta pesquisa. (MELO, 2010, p.63)

Porém, por mais tolerantes que estes bares fossem/sejam, havia a demanda por lugares seguros não apenas para os encontros, mas também para a realização de práticas - no quarto subcapítulo descrevo melhor as configurações espaciais necessárias aos eventos fetichistas. As comunidades estavam crescendo e a urgência de espaços que pudessem receber mais pessoas para as mais diversas atividades também crescia.

Nesse clima surge o Valhala, que funcionou atrelado ao SoMos por um curto período, tendo seu fim em 2002, sendo a falta de apoio da comunidade um dos motivos mencionados por Bárbara para que isso ocorresse [...] Após o fechamento do Valhala e o “vácuo que ficou nos encontros de SP”, conforme relatado por um praticante, surge o Clube Dominna, que funcionou em local próprio entre 2004 e 2010, realizando posteriormente festas e outras atividades de periodicidade variada em espaços alugados pelo Clube, de 2010 a 2015. (MACHADO, 2017, p.43)

Neste mesmo período, em que as casas fetichistas começam a surgir no Brasil, a internet passa a popularizar-se, o que impacta fortemente na comunicação das comunidades fetichistas. Com o surgimento dos chats online, como o bate-papo UOL; redes sociais, como o Orkut e as listas de discussão por e-mail, a comunicação rápida, antes restrita às interações pessoais e presenciais, passa a enfrentar a concorrência dos meios digitais.

Irei me aprofundar nesta questão do uso das redes apenas no próximo subcapítulo, por hora, pretendo tratar da divisão entre *old bdsm* e *new bdsm* decorrente da chegada de uma nova geração de praticantes às comunidades BDSM brasileiras, em uma época em que as informações sobre as práticas e o meio se tornaram muito mais acessíveis e populares, por conta do fácil acesso à internet e das produções culturais sobre o tema.

A comunidade BDSM é composta por adeptos mais antigos, apelidados de dinossauros do BDSM e pela nova leva de praticantes que chegou mais recentemente, seja através do romance Cinquenta Tons de Cinza, seja por conta da pandemia da COVID-19. Esses grupos têm, cada um, sua forma de enxergar e vivenciar o BDSM e muitos embates sobre isso são travados nas redes sociais. Fora das redes é mais difícil de ver o confronto direto, mas a separação dos grupos era clara visualmente e os comentários sobre isso ficaram restritos às suas rodinhas de amigos. (PINTO, 2023, p.66)

Os praticantes BDSM que iniciaram as suas atividades e contato com as comunidades entre a década de 1980 e meados de 2010, são hoje conhecidos como “dinos”, uma redução da palavra “dinossauro”, fazendo referência à idade que possuem e ao tempo que estão no meio. (MACHADO, 2017, p.63) O termo *old bdsm*

trata da estrutura clássica construída por estes praticantes e encontrada nos meios BDSM desta época. Porém, a partir da década de 2010, é possível perceber a chegada de novos membros às comunidades BDSM brasileiras por influência de produções culturais como o livro e filme “50 tons de cinza”. Neste mesmo período, o acesso à informação e socialização fetichistas foram facilitados pela criação e uso de redes sociais fetichistas, como o FetLife¹⁵ e o Sr. Verdugo¹⁶.

O primeiro é uma iniciativa estadunidense, desenvolvida aos moldes do funcionamento do Facebook, porém tendo como público alvo pessoas fetichistas. Diferentemente das redes sociais mais populares, o FetLife aceita fotos e vídeos que contenham nudez, penetração, sangue e demais fluidos. Já o Sr. Verdugo é uma iniciativa brasileira e seu funcionamento se aproxima do formato dos antigos fóruns online, porém também com chat disponível. Ambas as redes surgiram no ano de 2008.

Assim, uma nova geração de praticantes surgiu, o *new bdsm*, sem a obrigatoriedade de contato presencial e com referências muito distintas das que influenciaram os antigos praticantes a procurarem o meio. E dentre as muitas divergências entre as gerações, a mais comum é em relação a adoção da “liturgia”. Um conjunto de regras de como se portar em comunidade, com outros praticantes, em sessão, em relacionamentos e nas redes.

Dou destaque a essa divisão entre gerações e concepções do BDSM pois esta impacta diretamente na comunicação coletiva. Melo (2010), por exemplo, conta em sua dissertação como, no primeiro exercício de campo, foi lida como uma submissa com dono, por usar um colar que se assemelhava a uma coleira, e por isso nenhum *top* ousava abordá-la. Estes são alguns dos muitos códigos do *old bdsm*, tanto o uso da coleira para sinalizar que uma pessoa possui um dono, quanto o entendimento de que *tops* não devem abordar *bottoms* que possuam um dono.

4.3 REDES: A COMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL

Machado (2017) separa a história do sadomasoquismo no Brasil em três momentos que se atravessam. O primeiro trata da era da comunicação entre praticantes por meio de cartas e anúncios, período que se estendeu pelos anos

¹⁵ Disponível em: <<https://fetlife.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

¹⁶ Disponível em: <<https://senhorverdugo.com/>>. Acesso em : 26 fev. 2024.

1980 e 1990. “O segundo momento tem a ver com a segmentação de mercado e a efetiva criação de espaços para encontro entre praticantes, como bares e clubes e, no caso da cidade de São Paulo, vai do início dos anos 1990 até o fim dos anos 2000” (MACHADO, 2017, p.62). Enquanto o terceiro momento refere-se à transição dos anos 2000 para a década de 2010 com o uso intensificado das redes sociais e o surgimento de plataformas digitais específicas para o uso do público fetichista.

[...] se nos anos 1980 os praticantes brasileiros se comunicavam e intercambiavam conhecimento através de contos eróticos, autobiografias, cartas e anúncios em revistas e jornais, nos anos 1990 passam a comunicar-se por meio de fóruns online, blogs e sites e pela produção de livros no formato “manual”. Por fim, a partir da segunda metade dos anos 2000, passam a divulgar conhecimento especialmente por meio de redes sociais específicas para praticantes e grupos fechados em redes sociais mainstreans [...] (MACHADO, 2017, p.120)

Ainda que, desde a defesa e publicização da dissertação de Machado, muito tenha mudado no uso dos meios de comunicação pelas comunidades BDSM brasileiras, irei adotar como base a divisão realizada pela pesquisadora para guiar minhas reflexões sobre o uso das ferramentas comunicacionais.

Assim como explicado no subcapítulo anterior, o primeiro momento da comunicação fetichista brasileira teve as condições necessárias para seu início possibilitadas pelo trabalho de Wilma Azevedo. Seus textos fizeram com que milhares de leitores finalmente compreendessem e se sentissem mais confortáveis com seus desejos e fantasias. Esse efeito foi percebido pela jornalista por meio das centenas de cartas que recebia todos os meses, onde seus leitores não apenas agradeciam seu trabalho, mas também compartilhavam suas experiências, fantasias e vidas.

A presença dos textos sadomasoquistas de Wilma Azevedo nas revistas eróticas e a existência de espaços para anúncios nestas, permitiu que os leitores fetichistas da época procurassem demais interessados e iniciassem o contato por cartas. Este primeiro momento da comunicação fetichista brasileira, ainda que de forma precária e demorada, possibilitou que fetichistas de todo o país compartilhassem seus desejos e organizassem os primeiros encontros do que viriam a se tornar comunidades.

Levando em consideração que, na época, sadomasoquistas e fetichistas eram lidos como criminosos, doentes ou imorais, a não identificação dos responsáveis

pelos anúncios era de extrema importância. Por isso, estes eram assinados apenas com as iniciais dos autores e os interessados poderiam entrar em contato com suas caixas postais, de forma a preservar o nome e o endereço dos praticantes e interessados.

Também por estes meios, de anúncios e cartas, foram divulgados os primeiros encontros de praticantes. Realizados em bares convencionais, as dinâmicas e diálogos eram limitados ao que poderia ser feito e dito na presença de público não fetichista. Porém, irei me aprofundar nesta questão apenas no próximo subcapítulo. Aqui chamo a atenção para esse período de socialização presencial para exemplificar como os meios de comunicação afetam e são afetados.

Esses efeitos se tornam ainda mais óbvios no século XXI. Melo (2010), por exemplo, demonstra como, ainda na primeira década do século, as informações sobre eventos presenciais circulavam apenas pelos meios digitais e relacionamentos iniciados presencialmente eram continuados pelas comunicações online. Os espaços online e offline atravessam-se constituindo um padrão comunicacional das comunidades BDSM brasileiras mais recentes.

Essa realidade é refletida na maioria das pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil sobre as práticas, comunidades e adeptos do BDSM, que possuem como objeto empírico central diversos meios de comunicação digitais, como: manuais online (ZILLI, 2007), blogs (SILVA, 2012), redes sociais (FREITAS, 2012; FACCHINI, MACHADO, 2013), listas de discussão por e-mail (MELO, 2010) etc.

Há diversos motivos para essa intensa - e quase obrigatória - presença online. Os trabalhos citados anteriormente articulam diversas dessas razões, mas destaco aqui algumas destas que caracterizam fortemente os usos digitais das comunidades fetichistas brasileiras a ponto de se tornarem parte de sua cultura e comportamento tradicional, como é o caso do uso de nicknames/pseudônimos e de contas secundárias.

Visto que a presença nos espaços digitais se tornou tão cotidiana quanto nossa presença nos espaços offline, a discrição e privacidade também tornaram-se valores a serem prezados e cuidados nos meios online. Levando em consideração, principalmente, a marginalidade das práticas fetichistas e o moralismo que cerca

toda e qualquer prática sexual dissidente, muitos dos adeptos do BDSM mantêm em sigilo suas experiências fetichistas.

Para isso, diversas técnicas foram desenvolvidas, sendo a mais antiga o uso de um segundo nome, como uma espécie de pseudônimo. Wilma Azevedo, na década de 80, já fazia uso desta estratégia que lhe foi ensinada por seu escravo Cosam Atsidas - obviamente, nenhum dos dois possuíam em sua certidão de nascimento tais nomes.

Esse comportamento comum entre os fetichistas brasileiros desde a comunicação via anúncios e cartas, disseminou-se no uso dos chats online e pode ser facilmente identificado, hoje em dia, em alguns sites famosos de informações fetichistas, como é o caso do “Senhor Verdugo” e “Dom Barbudo”¹⁷.

Perceber a criação de novos sujeitos a partir de um mesmo indivíduo é essencial para compreender a comunicação fetichista nas redes. Novamente, apesar de não ser um comportamento obrigatório, a maioria dos praticantes o faz como uma forma de proteção, visto que essa segunda identidade é criada como uma forma de preservar suas vidas baunilhas ao proteger seus nomes de registro. Porém, também é possível identificar a construção de uma outra personalidade, ou o intensificar de determinadas características, a partir do novo nome.

Isso porque, tradicionalmente, os nomes utilizados, no meio fetichista brasileiro, são acompanhados de honoríficos que identificam a posição da pessoa na principal dinâmica da qual é adepta. De forma mais geral, é possível encontrar o uso dos honoríficos “Senhor” ou “Senhora” acompanhando o nome de *tops*. Já para o caso de *tops* disciplinadores, é comum o uso do termo “*Tamer*”, ou para *tops* mulheres mais sádicas há o termo “*Mistress*”. Muito comum também é o uso de “Dom” e “Domme” para identificar dominadores e dominadoras. Assim, apresentando-se como “Dom Barbudo”, por exemplo, o praticante é lido pelos demais como um dominador.

Obviamente, também é feito o uso dos honoríficos nos espaços privados de sessão, para reafirmar as posições de prática e, principalmente, de poder, mas também é comum seu uso em espaços offline coletivos, como festas, encontros e

¹⁷ Disponível em: <<https://dombarbudo.com/>>. Acesso em 13 out. 2023.

demais eventos. Porém, optei por tratar deste assunto no atual subcapítulo pois seus efeitos podem ser mais facilmente percebidos nos meios digitais, visto que nestes espaços o primeiro contato entre praticantes já ocorre acompanhado de seus *nicknames*.

É possível perceber que, atualmente, os fetichistas brasileiros fazem um maior uso do mensageiro *WhatsApp* e das redes sociais *Instagram* e *FetLife*, sendo estes seus principais espaços digitais de consumo e socialização. No primeiro, é comum a presença dos praticantes em grupos regionais e nacionais, enquanto nas redes sociais há a criação de perfis que interagem individualmente. Cada um destes formatos apresenta oportunidades e demandas.

O uso do *Whatsapp* para socialização entre fetichistas requer apenas um número de celular cadastrado no aplicativo e conhecer outra pessoa praticante que possa lhe adicionar a um destes grupos. O mais recomendado, ainda que pouco comum, é o uso de um número de telefone que não o seu pessoal. Novamente, separando os universos fetichista e baunilha.

Algumas regras são comuns à maioria dos grupos, como: apresentação recorrente dos membros, respeitar os fetiches dos demais sem julgamentos, acesso restrito a maiores de 18 anos e a proibição de apologia ou defesa de crimes de pedofilia, necrofilia ou zoofilia.

Na apresentação, os membros devem compartilhar com os demais informações como: seu nome fetichista, idade, posição, tempo de meio, práticas favoritas, limites e o porquê de estar no grupo. Dessa forma, todos se conhecem minimamente, evitam-se curiosos (ou mal intencionados) e a exposição não se torna unilateral. Para garantir essa integração e entrega, também costuma ser demandada a participação ativa nas conversas dos grupos e, esporadicamente, em debates, podendo ser banidos os usuários que se mantiverem ausentes por longos períodos.

Já para o uso e presença nas redes sociais, há uma maior demanda de componentes visuais. Pois, enquanto, no *WhatsApp*, o texto possui maior destaque, no *Instagram* e *FetLife*, as fotos e imagens são as protagonistas. Porém, estas duas últimas possuem limites muito distintos em relação a quais fotos permitem que seus usuários compartilhem.

Primeiramente, é necessário compreender que o Instagram é uma rede social *mainstream*, criada e regulada levando em consideração o que é aceitável, desejado ou violento de acordo com uma sociedade normativa baunilha. Estes parâmetros não levam em consideração a vivência e experiências fetichistas, porém os afetam diretamente.

Ao longo dos últimos anos, diversas contas fetichistas e que defendiam uma visão mais positiva sobre o sexo foram derrubadas sob a justificativa de não se adequarem às normas da comunidade. Porém, estas normas não são bem definidas, parecendo haver uma espécie de aleatoriedade ou retaliação nas avaliações feitas por seus mediadores - sejam realizadas por inteligência artificial ou por humanos.

Como alternativa às redes sociais baunilha e normativas, em 2008, foi criado o *FetLife*, uma rede social voltada para o público fetichista (ou *kinky*, como é comumente chamado nos EUA¹⁸). Nele, além de serem permitidas fotos que contenham nudez, sangue, penetração e fluidos corporais, os usuários podem adicionar em seus perfis informações como a posição em praticam, de quais dinâmicas são adeptos, orientação sexual, relações fetichistas e românticas em que se encontram, tipos de relacionamentos aos quais estão abertos, sua localização e relação com comunidades. Informações parecidas com as que costumam ser solicitadas também nos grupos de *WhatsApp*.

Por conta das fotos protagonizarem o uso destas redes, a presença de fotos do usuário é de grande relevância para que os demais usuários o compreendam como um praticante “de verdade”. Fotos de bancos de imagem, desenhos ou frames de vídeos passam a impressão de um perfil não confiável. Nestes espaços a palavra mantém-se relevante, porém são as fotos que comprovam a prática fetichista. O que, como já vimos acima (MELO, 2010), é de extrema importância para identificar a veracidade de seus pares.

¹⁸ Os termos “*Kink*” e “*Kinky*” não possuem tradução exata para o português, sendo assim toda tradução apenas uma tentativa de aproximação de um significado mais próximo do que faria sentido na nossa língua. A tradução de “*kink*” como “*tara*”, tornaria “*kinky*”, sua flexão, em “*tarado*”, o que não condiz com seu uso original. Assim como a tradução para “*fetice*” ou “*fetichista*” pode ser considerada equivocada visto que na língua inglesa o termo mais adequado para tal seria “*fetish*”. Infelizmente, para além da falta de um termo correspondente em português, não é tão comum o uso desta palavra, em sua forma original, nas comunidades fetichistas brasileiras. Diferentemente da palavra inglesa “*gay*” que passou a ser comumente utilizada no Brasil em comunidades homossexuais e fora delas, o mesmo não ocorreu com a palavra “*kinky*”.

Porém, a presença em ambas as redes se assemelha no uso de técnicas para manter a privacidade dos praticantes. Não somente no uso de pseudônimos, mas também na manipulação de fotos. De modo a evitar que sejam reconhecidos, os usuários costumam publicar fotos em que não aparecem seus rostos, tatuagens e outras marcas corporais, ou editam tais partes com recortes, borrões ou coberturas.

A presença de fetichistas brasileiros nos mensageiros e redes sociais ampliou-se principalmente a partir da segunda década do século XXI. Porém, ainda que a socialização nos espaços online seja parte essencial da cultura fetichista nacional, o uso que esta faz da internet é muito mais amplo. Aqui cabe o destaque a como as comunidades e praticantes desenvolvem sites e blogs para a divulgação, popularização e preservação de informações relativas às práticas, história e cultura fetichista.

O site “Dom Barbudo” e o portal “Senhor Verdugo”, anteriormente citados, são bons exemplos de como as informações são organizadas e divulgadas, porém, tratando de uma comunicação não apenas entre fetichistas, mas também com baunilhas, deixo para tratar do formato no próximo subcapítulo.

4.4 BAUNILHAS: A COMUNICAÇÃO EXTERNA

Ainda que a comunidade e cultura fetichistas possuam seus próprios códigos e espaços, elas não estão isoladas do resto da sociedade. Os processos de embate e negociação entre os discursos fetichista e baunilha são constantes e nem sempre facilmente identificáveis. Neste subcapítulo, irei dar destaque a três contextos em que ocorre a comunicação entre fetichistas e a sociedade normativa: na internet, na cidade e na academia.

Primeiramente, para além do entendimento do significado da palavra “baunilha” (como apresentado na nota de rodapé número 2), é importante também compreender sua amplitude e as mudanças que enfrentou com o passar dos anos. Isso porque, assim como diversos outros códigos utilizados por fetichistas possuem diferentes sentidos a depender da geração e comunidades que fazem seu uso, o termo “baunilha” pode possuir conotações discordantes.

Originalmente, o conceito de “baunilha” surge não apenas para descrever pessoas, comportamentos, roupas, lugares, relacionamentos e práticas “não

fetichistas”, mas também como um adjetivo pejorativo. Sendo uma tradução da palavra inglesa “*vanilla*”, comumente utilizada como referência a coisas sem graça, seu uso foi importado diretamente das comunidades fetichistas estadunidenses que a adotaram também como adjetivo de oposição a qualquer coisa fetichista.

Ainda é comum ver o uso da palavra em tom pejorativo, principalmente entre os adeptos de práticas mais “extremas”¹⁹, porém, as principais personalidades do meio e comunidades mais recentes reprovam tal comportamento. Isto porque não deve haver uma hierarquização do fetichismo em relação ao baunilha, logo o tom pejorativo torna-se inadequado.

Para ser fetichista, não é preciso anular as experiências, momentos e espaços baunilha de sua vida - seria até mesmo impossível. Mesmo os adeptos de dinâmicas 24/07 (onde o praticante as mantém 24 horas por dia e 07 dias por semana, e não apenas em momentos de sessão) frequentam espaços e realizam atividades baunilha, como ir ao mercado ou encontrar a família.

Embora o termo baunilha remonte aos não-praticantes do BDSM, o termo também é utilizado para designar as práticas dos próprios adeptos fora do meio. Assim, é interessante perceber que os tops, bottoms, switchers e podos se referem a sua própria “vida baunilha”, que se desdobra em “identidade baunilha”, “atividades baunilha”, “sexo baunilha” etc. Daí pode-se pensar que ser BDSM não exclui a vida baunilha – complementa-a. (MELO, 2010, p.53)

Entendida a amplitude e complexidade do termo, aqui irei adotá-lo para me referir a pessoas “não fetichistas” e espaços criados sem o objetivo de receber/atender o público fetichista, na tentativa de simplificar a divisão entre comunidades fetichistas e seu “exterior”.

Uma vez conscientes de que não estão totalmente isolados do resto da sociedade, as comunidades e praticantes fetichistas aproximam-se e afastam-se dos demais em diversos níveis e formas. Como citado anteriormente, a comunicação da cultura, história e códigos fetichistas, nos dias de hoje, pode ser facilmente encontrada na internet por meio das ferramentas de busca. Diversos sites, blogs, portais e perfis em redes sociais foram criados, nas últimas décadas, com a intenção de organizar e popularizar o conhecimento fetichista. Acessíveis não somente a

¹⁹ Uma série de práticas consideradas “mais extremas”, no que se refere ao nível do risco envolvido, são conhecidas como *edge play*. Algumas práticas incluídas nesta categoria são: as que envolvem sangue, causam hematomas de longo prazo ou cortes, podem vulnerabilizar o psicológico ou pressionam partes sensíveis do corpo.

fetichistas, mas a qualquer pessoa que procure tais informações, a maioria dos sites apresenta seu conteúdo de maneira didática e pública.

Nem sempre as pessoas chegam a estas informações buscando por esta exata sigla, é verdade. Mas em algum momento de uma busca, ou navegando por acaso, as pessoas percebem que sua fantasia mais secreta é também a fantasia de outras pessoas; aquilo que sempre quis fazer e tinha vergonha de confessar ao parceiro era compartilhado por outros. [...] “Foi então que descobri que aquilo tinha um nome”. Frase ouvida muitas vezes, marca na trajetória do indivíduo a eficácia simbólica da nomeação daquilo que praticava. Através da nomeação, vem a socialização de sentidos que o BDSM comporta. Conhecer um nome, aqui, tem efeito de trazer para si novos sentidos para a experiência – inclusive ressignificar o que já passou em tempos tão remotos como a infância. (MELO, 2010, p.50)

Porém, o contato entre baunilhas e fetichistas não ocorre apenas nos meios digitais. Tal aproximação ocorre, de maneira recorrente e não intencional, também nos espaços físicos das cidades. Visto que as casas e bares fetichistas brasileiros podem ser encontrados apenas em poucas capitais, muitas comunidades precisam recorrer a bares, baladas e outros espaços comerciais “não fetichistas” para realizar seus encontros.

Por conta destes comércios não serem desenvolvidos levando em consideração o público fetichista, seus espaços mostram-se muitas vezes não convidativos e, em certos casos, até mesmo hostis às comunidades. Mesas muito próximas umas às outras são obstáculos para conversas transparentes e diretas pela possibilidade de serem facilmente escutadas. A música alta e a configuração espacial com mesas para duas ou quatro pessoas, apenas, dificultam a socialização em grupos. Além de, é claro, a impossibilidade de realizarem práticas, de utilizarem certas vestimentas e o alto risco de serem identificados por pessoas não tolerantes.

Enquanto isso, as casas fetichistas, além de solucionarem esses empecilhos para a socialização adequada, quando planejadas para a realização de práticas, também possuem móveis e estruturas próprias do BDSM, como: a cruz de Santo André, uma cruz em X geralmente utilizada como estrutura para amarrar ou apoiar o *bottom* que será alvo de práticas; gaiolas em dimensões humanas, para punições,

restrições e *role plays*²⁰; o pelourinho fixo ou canga²¹, para restringir a movimentação ao prender pescoço e braços; cavalete, expositor ou banco, para apoiar o *bottom* com as nádegas expostas para práticas de *impact*; ganchos para práticas de suspensão e estruturas de metal ou bambu para práticas de shibari e bondage.

Porém, visto que poucas cidades brasileiras possuem casas fetichistas, as comunidades buscam nas cidades outros espaços acolhedores, não apenas para encontros, mas também para suas festas. Conhecidas por “*play party*”, ou apenas “*play*”, elas se diferenciam dos encontros por seu foco nas práticas. Enquanto os encontros, também conhecidos como “*munch*”, possuem como foco a socialização por meio de conversas e troca de experiências, as festas são realizadas em espaços mais amplos e reservados para possibilitar também a realização de práticas.

Ambos os formatos mantêm contato com baunilhas, porém de formas muito distintas. Tanto os “*munchs*” quanto as “*plays*” (e até mesmo as casas fetichistas) podem ser abertas ao público, permitindo a presença de curiosos, ou restritas a praticantes, porém, enquanto os “*munchs*” podem ter de lidar com a presença não consentida de baunilhas que frequentam o mesmo espaço, como pessoas em mesas próximas, as “*plays*” são restritas a quem pagar pela entrada, consentindo assim em presenciar possíveis práticas.

Novamente, assim como é realizado pelos sites e blogs, nestes eventos, o contato com baunilhas acontece de forma didática. Os praticantes mostram-se abertos a tirar dúvidas, explicar seus códigos e ensinar as formas “corretas” de praticar o BDSM.

As festas querem responder o que é BDSM de verdade e o que não é. E querem responder não só a si mesmas mas à “sociedade”. As festas querem legitimá-lo e reivindicar para seus participantes o direito de exercer sua sexualidade como bem lhes convier, dentro de uma inspiração democrática e igualitária, tipicamente moderna, de respeito às diferenças e valorização do consentimento. (MELO, 2010, p.114)

²⁰ O termo “*role play*” refere-se às práticas que envolvem algum tipo de “encenação”. Ou seja, os envolvidos fingem possuir uma outra identidade ou comportamento diferente do que possuem em seu cotidiano. Como, por exemplo, nas práticas de *age play* e *pet play* em que os praticantes fingem possuir outra idade, podendo ser mais velhos ou mais novos, ou comportam-se como determinado tipo de animal, respectivamente.

²¹ Um mesmo móvel, acessório ou estrutura pode possuir diferentes nomes a depender da região e do uso que é dado a ela. É o caso, por exemplo, do pelourinho que ganha esse nome quando é fixo ao chão, porém pode ser chamado de canga quando é um acessório solto, em ambos os casos possuindo a mesma estrutura principal que prende pescoço e braços. Essa fluidez faz com que um mesmo objeto seja conhecido por múltiplos nomes.

O movimento é de desmistificar as práticas fetichistas e aproximar os que se mostram abertos a tentar compreender. O entendimento de que todos podem ter algum tipo de fetiche ou fantasia também transforma os curiosos em potenciais fetichistas. Melo (2010) e Freitas (2016) demonstraram como de maneira recorrente suas identidades como baunilhas eram questionadas.

Colocar-me como baunilha nesses momentos iniciais da pesquisa foi uma decisão honesta, mas também precisei refletir sobre seus efeitos entre as pessoas. Assumir-me como uma não-praticante do assunto que pesquisava colocava-me na situação incômoda de ter interesse suficiente no BDSM para fazer uma pesquisa, mas não o suficiente para praticar nas festas. (MELO, 2010, p.25)

De fato, a grande maioria dos estudiosos brasileiros, que realizaram pesquisas sobre as comunidades, adeptos e práticas fetichistas, são baunilhas e assumem tal identidade em seus trabalhos. A percepção de “estrangeiro” dos pesquisadores fica mais ou menos óbvia em cada caso. Porém, infelizmente, são recorrentes os equívocos de leitura e descrição dos códigos fetichistas. Ainda que o trabalho de campo, frequentemente, seja feito pelos pesquisadores, é inegável que, ainda assim, a subjetividade dos “nativos” permite percepções, entendimentos e sentidos próprios da experiência do sujeito fetichista.

Levando em consideração justamente tais subjetividades, próprias ao sujeito nativo que experiencia os desejos e práticas BDSM, Pinto (2023) desenvolveu sua dissertação por meio da autoetnografia. A partir da posição de submissa, ela dividiu sua experiência em três fases: o início de seu aprendizado sobre o BDSM, quando participou de comunidades e eventos, e o momento em que manteve apenas suas práticas, sem proximidade com a comunidade. Assim, a pesquisadora pôde demonstrar os processos de aprendizado, conflitos e questionamentos próprios aos que vivem o BDSM.

Novamente, aqui não pretendo desmerecer ou desqualificar as pesquisas realizadas por estudiosos baunilhas, mas apenas ressaltar como se dão os contatos da academia com os grupos fetichistas brasileiros. É inegável que a imensa maioria dos estudos e pesquisas realizadas sobre o tema foi conduzida por pessoas baunilhas e que tais sujeitos possuem repertório cultural, linguístico e empírico muito distintos dos repertórios de praticantes de BDSM.

5. ANÁLISE

Para dar início à análise do meu objeto, irei tratar de alguns termos estruturantes da reflexão proposta neste trabalho. Primeiramente, os conceitos de “polissemia” e “paráfrase”, na forma em que são articulados pela Análise do Discurso na linha Pêcheux-Orlandi (2020), e as noções de “fetiche” e “fetichismo”, como compreendidos, atualmente, dentro das comunidades de BDSM brasileiras.

Faz-se importante o entendimento de que, para a Análise de Discurso, não há transparência no sentido de nenhuma palavra. Ao falarmos de polissemia e paráfrase, reconhecemos que uma mesma palavra possui diferentes sentidos na mesma medida que diferentes palavras possuem sentidos semelhantes. É “saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político”. (ORLANDI, 2020, p .07)

Assim, palavras comumente associadas ao BDSM como fetichismo, fantasia, dor, sexo e prazer, não irão possuir um sentido único, verdadeiro e inquestionável. Desta forma, nesta análise serão articulados diferentes discursos, os sentidos que compreendem e os processos de disputa, resignificação e apropriação. Ao mobilizar como os discursos médico, clínico, jurídico, fetichista e sadomasoquista atribuem sentido a tais palavras, melhor compreendemos o processo de construção de sentidos no discurso BDSM brasileiro atual.

São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2020, p. 28)

Por isso, irei analisar aqui alguns termos essenciais ao discurso BDSM brasileiro atual, como: fetiche, fetichismo, fantasia, segurança, sadismo, masoquismo, poder, etc. O entendimento de suas multiplicidades de sentidos, não transparência, negociação e atravessamento por outros discursos revela nuances da presença BDSM brasileira ao longo da história e da construção dos sentidos atuais.

5.1 FETICHE E FETICHISMO

Originalmente, o termo “fetiche” surgiu do afrancesamento da palavra “fetisso” (versão arcaica de “feitiço”) utilizada por marinheiros portugueses para se referirem a objetos adorados de forma religiosa por africanos. Dessa forma, “fetiche” era um substantivo usado para nomear objetos feitos a mão por “fetisseros”, os líderes religiosos das tribos, e “fetichismo” a relação religiosa com tais objetos. (BRY, 1604, p. B2 *apud* SIMIÃO, SIMANKE, 2021, p. 166)

Porém, ao final do século XIX, o termo “fetichismo” passou a ser utilizado pelo discurso clínico para tratar dos desvios sexuais que não possuíam como finalidade a reprodução da espécie. O encanto referente à palavra “fetiche” passou a ser sobre o encanto sexual do homem por objetos ou partes do corpo, como sapatos, pés, tecidos, cabelos, roupas íntimas, etc.

Na patologia fetichismo, todo o interesse sexual estaria concentrado na impressão causada por apenas uma parte da pessoa do sexo oposto, de modo que todas as outras impressões desapareceriam ou se tornariam indiferentes. A masturbação seria priorizada e o coito, quando efetivamente buscado, também priorizaria a visão ou o contato com o fetiche. O coito normal poderia, no entanto, ser possível para um fetichista mesmo longe do seu objeto de fetiche, mas de qualquer maneira, sem o fetiche, seria sempre insatisfatório e exaustivo. (SIMIÃO, SIMANKE, 2021, p. 174)

Tais comportamentos sexuais, ainda que possuíssem de alguma forma envolvimento com um objeto sexual humano, de gênero oposto e sexualmente maduro, poderiam ser lidos como perversões por transgredirem anatomicamente a sexualidade genital. (SILVA, 2013) O fetichismo seria compreendido como perversão ou desvio sexual ao perverter as condições “naturais” ou “normais” da sexualidade humana em “que o instinto sexual teria como função primordial animar os seres ao coito com o sexo oposto para finalidade da propagação da espécie com uma prole mais apta para sobreviver”. (SIMIÃO, SIMANKE, 2021, p. 171)

Para esse uso do fetichismo como termo referente às perversões sexuais, Binet estipulou-se um certo discurso clínico de normalização, cujos sentidos de normalidade e de perversidade estariam muito arraigados à ideologia das ciências da época. Desse modo, o discurso científico sobre o sexo se iniciou submetido a uma taxonomia e a uma valoração dos modos de configuração do desejo e das práticas sexuais. (SILVA, 2013, p. 16)

Nesta mesma linha de classificação de perturbações da vida sexual humana como perversões e desvios sexuais, foi criado, por Richard von Krafft-Ebing, o *Psychopathia Sexualis*, um livro que tratou sobre os mais diversos comportamentos

sexuais humanos, ao longo de uma série de novas edições, constantemente atualizadas, inclusive após o óbito de seu criador. Porém, “a teoria de Krafft-Ebing, que começou como uma descrição das degenerações do instinto sexual, foi gradativamente se relativizando ao longo dos anos para uma teoria da sexualidade humana”. (SIMIÃO, SIMANKE, 2021, p. 181)

Ainda que o fetichismo possa ser compreendido como patologia, tanto Binet quanto Krafft-Ebing compreendiam certo nível de fetichismo como natural à experiência sexual e amorosa humana. Esta expressão “natural” seria um maior encantamento do sujeito por certa parte do corpo do seu parceiro desejado, de forma a ignorar ou amenizar possíveis incômodos, objetivando a reprodução da espécie. “O fetichismo erótico pode ser entendido, então, como o passo inicial e mais geral do processo mental de seleção sexual do par amoroso pela qual a própria função do instinto sexual dos humanos tem início”. (SIMIÃO, SIMANKE, 2021, p. 182)

Ao ser diferenciado o fetichismo erótico do patológico, o caráter de normatização da sexualidade humana no discurso clínico e médico é mantido. Levando em consideração como o apelo sexual de objetos ou partes do corpo afetam o processo da reprodução é avaliado o nível de normalidade ou degeneração. Porém, uma vez que os fetichistas em sua maioria não apresentavam sofrimentos acerca de como se dava sua relação com o sexo, Freud passou a questionar o caráter patológico da condição.

Um ponto curioso notado por Freud foi o fato de que esses pacientes raramente se queixavam de qualquer tipo de sofrimento psíquico, apesar de saberem que seus comportamentos fetichistas eram anormais. Na verdade, o que acontecia era justamente o contrário, pois eles declaravam que se sentiam plenamente satisfeitos com seus respectivos fetiches, sendo que, em muitos casos, até os louvavam como um modo de enriquecimento da vida sexual. (SILVA, 2013, p. 31)

Neste ponto, finalmente, temos uma aproximação da forma que as comunidades fetichistas brasileiras percebem, atualmente, a condição fetichista. O discurso fetichista brasileiro atual defende que o fetichismo é apenas mais uma forma de experienciar a sexualidade humana, tal como a homossexualidade ou a masturbação. Sujeitos podem se compreender fetichistas, uma vez que o fetichismo pode ser constituinte de sua identidade ou personalidade, porém experiências fetichistas não necessariamente determinam tal posição.

O possível sofrimento enfrentado por pessoas fetichistas, na maioria dos casos, ocorre por consequência da relação desses sujeitos com a sociedade e como são percebidos pelos demais. O julgamento, discriminação e, até mesmo, retaliação são os causadores do sofrimento de tais indivíduos. A condição fetichista por si só não é adoecedora ou danosa, porém, a relação da sociedade com os que se encontram em tal posição sim.

O espectro de práticas fetichistas que se encontram sob a sigla BDSM representa apenas uma fração do que pode ser compreendido como fetichismo, não havendo, por exemplo, a inclusão dos fetiches por pés, couro, látex, voyeurismo²², *crossdressing*²³ e outros. Assim como explicado anteriormente, a aproximação de tais práticas, em espaços digitais, possibilitou a criação do acrônimo e constituição desta subcultura. Porém, a inclusão das práticas sádicas e masoquistas sob o termo guarda-chuva do “fetichismo” resulta em conflitos com os discursos médicos.

Atendo nosso foco ao recorte do BDSM, esta reflexão faz-se necessária. Pois, uma vez que, de acordo com o discurso médico, o fetichismo é um tipo diferente de perversão que o sadismo e o masoquismo, não faria sentido colocá-los como um tipo de fetichismo. Esta discordância pode ser encontrada também dentro dos discursos fetichistas brasileiros mais antigos, onde há a distinção entre BDSM e fetichismo.

Neste recorte, o BDSM não se trata de jogos de poder, preferência sexual ou dinâmicas eróticas, é um estilo de vida que demanda seriedade, comprometimento e dedicação. Muitos dos dinos mais clássicos, já citados anteriormente, consideram a categorização do BDSM como fetichismo um erro que beira a ignorância.

Porém, as comunidades e praticantes mais recentes possuem a compreensão do fetichismo como o apelo sexual provocado por partes do corpo, objetos ou contextos. Neste entendimento, a restrição de movimentos, própria do bondage; as sensações próprias das práticas de disciplina, dominação e submissão; e a relação com a dor e humilhação, presentes no sadismo e masoquismo; podem ser compreendidos como fetiches.

²² Fetiche que envolve o prazer em assistir outras pessoas tendo relações sexuais ou em contextos erótico-sexuais.

²³ Prática que envolve o ato de vestir-se com roupas associadas ao gênero oposto.

5.2 FANTASIA

A multiplicidade de sentidos do termo “fantasia” também transparece no uso adotado pelos praticantes. Enquanto, popularmente, é possível encontrar com facilidade o uso da expressão “fantasias sexuais”, o discurso psicanalítico²⁴ compreende a palavra de outra forma e os fetichistas a fazem de uma terceira forma.

Podemos identificar no discurso popular o uso da expressão “fantasias sexuais” como referência a encenações de personagens, profissões ou contextos como técnica de aprimoração da prática sexual. No mercado erótico, por exemplo, é comum a comercialização de fantasias eróticas de enfermeira, bombeiro, policial, estudante, animais domésticos, super herói, etc. Assim, o uso popular da palavra “fantasia”, quando atrelada ao contexto erótico ou sexual, possui um sentido de representação de certos comportamentos, comuns ao imaginário popular, acerca de certa figura com a intenção de apelo erótico.

Não é raro que ocorra também no discurso cotidiano o uso da palavra como sinônimo para fetiche. Levando em consideração, por exemplo, a prática de *pet play*, um fetiche que envolve a encenação e o comportar-se como determinado animal, é comum a leitura de determinadas expressões e práticas sexuais como fantasias eróticas.

Porém, no discurso psicanalítico, os sentidos de fantasia são articulados em outra direção. A fantasia é o recurso psíquico de tamponamento do Real, que possibilita ao sujeito constituir-se numa realidade. Visto que nem tudo é possível ou viável no mundo real, para o sujeito não mergulhar em suas angústias e frustrações, ele encontra alívio no sonhar e imaginar: “com a fantasia, há certa brecha no plot do mundo real, mas as costuras com a realidade sempre estão suspensas em algum canto das suas construções, prontas para serem reutilizadas por seus criadores”. (SOUZA, REBELLO, 2022, p. 1033)

A divisão de papéis e o uso de “fantasias” se ligam à idéia da atividade BDSM como uma “cena” interpretada por atores. “Fazer uma cena” é se engajar numa atividade sexual BDSM particular, que faz parte de um BDSM

²⁴ Na psicanálise, há uma multiplicidade de entendimentos do termo fantasia, mas me ateno aqui às formas trabalhadas por Souza, Rebello e Cavalcanti. (SOUZA, REBELLO, 2022; CAVALCANTI, 1999)

play. A comunidade de ativistas e praticantes às vezes também é conhecida como “a cena BDSM”. Através da idéia de cena entende-se que uma atividade sexual no BDSM possa ser “ligada” e “desligada”, e que ela não é a vida real, mas existe à parte dela. (ZILLI, 2007, p.65)

Ou seja, a fantasia não é o oposto de realidade; propriamente, não há realidade para a experiência humana que não esteja entrelaçada à fantasia. Uma não é negação da outra. Porém, a fantasia deve ser sempre inalcançável. O prazer em desejá-la encontra-se na impossibilidade de sua realização. Uma possível realização da fantasia não seria prazerosa como o seu desejo.

Nesta lógica, arrisco dizer, que a experiência BDSM opera em algum lugar entre a realidade e a fantasia. A sessão ocorre como uma encenação inspirada na fantasia, porém ciente dos riscos inerentes à prática cotidiana. Ainda assim, a sessão mostra-se como um momento deslocado do cotidiano e com riscos reduzidos de afetá-lo, semelhante a como ocorre no processo de leitura.

A imaginação, na leitura, é a experiência de fuga do real, uma alienação compartimentada, a qual permite o sentir em um método um tanto descentralizador: colocar a atenção, a sensorialidade e os anseios do eu no lugar dos personagens e, sobretudo, reavaliar as realidades e as narrativas que o cercam, sem que isso interfira na vida real do leitor, a não ser que esse o permita. (SOUZA, REBELLO, 2022, p. 1022)

Ao construir um espaço-tempo, em que pode sentir os sentimentos e emoções da prática sem sofrer consequências em sua vida cotidiana, o praticante de BDSM é capaz de articular os sentidos e signos próprios da realidade e, mantendo-os ou pervertendo-os, jogar com o erotismo provocado pelo desejo pela fantasia.

E, descrever toda sorte de fantasias eróticas é uma pretensão impossível de se realizar, uma vez que a imaginação humana flui e reflui, nos pondo em contato com padrões bizarros de comportamentos que nada tem a ver com a previsibilidade dos eventos reais do mundo concreto.

Interessante é que as fantasias não se submetem a padrões rígidos de controle e por isso mesmo não é fácil afastá-las a nosso bel prazer. [...] Há fantasias padronizadas, como há fantasias mais comuns a um determinado sexo. Há fantasias que obedecem aos ditames culturais, como há fantasias que fogem a todos os padrões previsíveis. (CAVALCANTI, 1999, p. 29)

Dessa forma, temporariamente, a sessão ganha o caráter de realidade ao promover um afastamento do cotidiano, tal qual o carnaval como descrito por Bakhtin em que este evento “é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência”. (BAKHTIN, 2010, p. 07) Ou seja, enquanto a sessão

ocorre, assim como o carnaval, seus adeptos tomam as posições, poderes, comportamentos e características adotadas como são na realidade que se apresenta naquele momento.

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem* uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. [...] Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da *liberdade*. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente. (BAKHTIN, 2010, p. 06)

Neste contexto, outro sentido de fantasia ganha espaço. As chamadas fantasias carnavalescas são as indumentárias típicas do momento festivo que contribuem para a personificação dos indivíduos. Curiosamente, é possível perceber tal poder presente também nas vestimentas típicas do fetichismo, como roupas de couro, látex, lingerie, correntes, chicotes, coleiras, etc.

Calças de couro, coturnos, máscaras de borracha e tantas outras peças de roupa tornaram-se “uniformes” obrigatórios das “cenas” S&M. Casas especializadas e festas típicas muitas vezes exigem o chamado “dress code”, tão importantes são os trajes. Mas existe um outro fator que torna a vestimenta fundamental, ao mesmo tempo em que a define como mais um dado de diferenciação com a sexualidade “normal”: toda a roupa é erotizada. [...] enquanto os “baunilhas” se despem para o sexo, os adeptos do S&M vestem-se para fazê-lo. (LEITE, 2000, p. 33)

O poder transformador nas roupas e acessórios de materializar uma nova realidade e invocarem outra possibilidade de personalidade ou existência para o indivíduo. Após o extinguir de toda relação de poder existente no cotidiano, pelo carnaval ou pelas dinâmicas BDSM, as vestimentas constroem novas forças.

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. (BAKHTIN, 2010, p. 35)

Assim como as palavras, os objetos carregam múltiplos sentidos, logo podem ser compreendidos como textualidades de segundo grau (ALVES, 2021). Irei abordar, mais a frente no capítulo, tal caráter discursivo de objetos, em roupas e acessórios, e sua relevância para o discurso fetichista brasileiro atual.

5.3 SEGURANÇA E RISCO

No discurso BDSM, é recorrente a preocupação com a segurança. Porém, os sentidos de segurança e risco, assim como os sentidos dos demais signos, encontram-se em constante disputa e negociação. As instituições jurídicas, médicas, intelectuais e outros espaços de poder definem os sentidos hegemônicos a serem adotados.

Em conflitos de risco, a questão central do poder é de definição. É a questão de quem, com que recursos legais e intelectuais, passa a decidir o que conta como “risco”, o que conta como “causa”, e o que conta como “preço”. A questão de determinar quem é responsável, e quem tem que carregar o fardo de pagar pelos danos, foi transformada em uma batalha sobre as regras de evidência e as leis de responsabilidade. E a razão para isso é que, no fundo, o verdadeiro duelo se dá entre a idéia de que alguém é responsável e a idéia de que ninguém é responsável. (BECK, 2006, p. 08)

Beck (2006) descreve que a sociedade de risco não compreende situações e decisões como essencialmente seguras, mas sim todo risco como uma consequência que passa por decisões previsíveis e controláveis. O sentido de segurança não habita o mesmo lugar do sentido de não haver riscos, mas estes, sendo calculáveis e reduzidos, passam a ser lidos como aceitáveis. Dessa forma, a ideia de segurança se torna inviável, cabendo apenas uma aproximação de tal ideal uma vez que os indivíduos escolhem a quais riscos se sujeitarão.

Ao pensar em progresso e na pós-modernidade, as inovações e novidades que surgem a cada dia apresentam riscos ainda não conhecidos, dotando o conhecimento de um valor indispensável para mensurabilidade dos riscos. Porém, a disparidade do acesso a tais conhecimentos não é a única desigualdade que afeta o processo de aceitação a quais riscos os indivíduos irão sujeitar-se.

Novamente, pensando em poder, os parâmetros que irão avaliar os riscos presentes em tal situação vão depender das informações apontadas como relevantes. Os riscos presentes na abertura de uma nova empresa, por exemplo, podem ser avaliados por um empresário a partir dos aspectos financeiros, de gastos, investimentos e lucros, porém, há toda uma população que será impactada por questões ambientais, trabalhistas e urbanas. Dessa forma, em toda situação há uma multiplicidade de fatores de risco e, certamente, alguns não serão levados em consideração.

A principal questão é sobre a aceitação do risco e as suas condições. A aceitabilidade do risco depende se aqueles que perdem também recebem os benefícios. Não sendo esse o caso, o risco será inaceitável para aqueles afetados. E se mesmo o benefício estando na disputa - como no caso de alimentos geneticamente modificados - ele não será suficiente para demonstrar que o “risco residual” seja, estatisticamente falando, muito improvável. Um risco não pode ser considerado por si só. Ele está sempre emoldurado pelo critério usado na sua avaliação e influenciado pelas suposições culturais que o cercam. (BECK, 2006, p. 09)

Dentro dessa lógica, nos deparamos com expressões médicas como “comportamento sexual de risco” e “sexo seguro”, ambas relacionadas ao risco de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Estas últimas, representando o risco associado às práticas sexuais, devem ser controladas e reduzidas, assim como previsto discursivamente por Beck (2006). Com este objetivo, surgem as possibilidades de “sexo seguro”:

Atividade sexual sem penetração, como masturbação, sexo nas coxas (onde o pênis não penetra a vagina ou o reto), carícias, massagem ou beijos.

Uso de barreira, como o preservativo masculino ou feminino, durante o sexo vaginal ou anal para impedir que o HIV entre no sangue. Isto é conhecido como sexo com proteção.

Só praticar sexo sem proteção quando ambos os parceiros sabem que não são portadores de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e não correm risco de infecção por sangue infectado, uso de drogas injetáveis ou transfusões de sangue contaminado. (BRASIL, [20- -], p. 02)

Por “comportamento sexual de risco” podemos compreender dentro do discurso médico: a falta do uso de preservativos, a multiplicidade de número de parceiros sexuais e a exposição a situações que podem aumentar as chances do não uso de preservativos, como o consumo de drogas. Logo, podemos perceber que o discurso médico compreende como risco nas práticas sexuais a contaminação por ISTs.

Popularmente, também é possível identificar o uso de camisinhas como necessário à prática sexual para evitar uma gravidez indesejada, sendo assim mais uma possibilidade de compreensão discursiva associada aos riscos presentes na prática sexual.

Ainda que as práticas BDSM, e fetichistas no geral, sejam compreendidas como parte do comportamento erótico e sexual, os sentidos de risco e segurança presentes no discurso BDSM brasileiro atual são muito mais amplos que os previstos nos discursos médico e popular ao tratar de práticas sexuais. Por ele são

compreendidos os riscos de contaminação por ISTs e de uma gravidez indesejada, porém, há muitos outros riscos além dos que podem ser causados por penetração sem o uso de preservativos ou por troca de fluidos corporais.

A noção de segurança nas práticas BDSM passa pelo entendimento de que nada é totalmente seguro, sejam relações sexuais, práticas fetichistas ou ações cotidianas, logo, tornar uma prática segura consiste em tentar reduzir ao máximo as chances de consequências negativas. Neste movimento, os fatores considerados não são apenas os previstos pelo discurso médico, eles são estendidos a danos corporais, como hematomas, e efeitos psicológicos como insegurança, medo, depressão ou ansiedade.

Dessa forma, é possível identificar uma negociação do discurso BDSM brasileiro atual com o discurso médico ao compreender os riscos previstos na prática sexual, mas também ir além, ao envolver outros conhecimentos médicos em sua extensão. Assim como também há certo atravessamento pelo discurso clínico ao serem consideradas condições e contextos que podem vulnerabilizar o estado mental dos envolvidos.

Já o conceito de sociedade de risco (BECK, 2006) é corroborado pelo discurso BDSM brasileiro atual, por meio do entendimento que não há uma segurança integral, mas sim a redução de consequências negativas. Além de ser possível identificar como a posição do indivíduo afetado por tal situação determina os riscos a serem calculados, uma vez que os riscos presentes em uma prática sexual sadomasoquista, por exemplo, diferenciam-se dos riscos em uma prática sexual não-sadomasoquista.

Neste contexto, são desenvolvidas algumas bases morais para guiar as práticas fetichistas (assim como a, já citada anteriormente, SSC). Um exemplo que dialoga diretamente com a noção de riscos e a consciência da responsabilidade de lidar com os mesmos é a base conhecida como RACK - *Risk Aware Consensual Kink* (“prática fetichista consensual com consciência dos riscos” em tradução livre minha) em que seus adeptos compreendem a seriedade dos riscos envolvidos nas práticas que optaram por praticar e se responsabilizam por estes.

5.4 SADISMO E MASOQUISMO

O que compreendemos hoje, no discurso fetichista, por BDSM, inicialmente, era nomeado apenas como sadomasoquismo. Uma imensa amplitude de práticas, dinâmicas e desejos, das mais diversas, eram compreendidas sob esta única palavra ou sob o par sadismo e masoquismo. Aqui, realizo a análise de como tais termos, essenciais ao entendimento do que é BDSM, surgiram e sua multiplicidade de sentidos.

Dentro do discurso médico, a atribuição de sentido para as palavras sadismo e masoquismo ocorre com a publicação do *Psychopathia Sexualis* escrito por Krafft-Ebing. O psiquiatra classificou tais comportamentos como desvios sexuais caracterizados pelo desejo sexual de sentir ou causar dor e humilhação e obter prazer por meio de sua prática.

Referindo-se a autores cuja obra literária seria tomada como exemplar do comportamento descrito pelo termo, Krafft-Ebing recorre aos nomes de Sade e de Sacher-Masoch para construir suas categorias diagnósticas de condutas sexuais aberrantes, seja pela excitação condicionada pela dor e/ou humilhação imposta ao parceiro, no caso do sadismo, seja na satisfação obtida pela via preferencial da submissão, do próprio sofrimento físico e moral e da exaltação imoderada do objeto amado, como ocorre no masoquismo. (PEREIRA, 2009, p. 383)

A criação do termo sadismo foi inspirada no Marquês de Sade, autor de “120 dias de Sodoma” (1904) e outras obras que relatam personagens que sentem prazer ao infligir dor e humilhar terceiros. Enquanto o termo masoquismo foi inspirado em Sacher-Masoch, autor de “A Vênus das Peles” (1870), obra em que o personagem principal sente prazer ao servir a figura dominante de sua parceira e que essa lhe cause dor.

Quando um médico dá o seu nome a uma doença, trata-se de um ato ao mesmo tempo linguístico e semiológico dos mais importantes, na medida em que se liga um nome próprio a um conjunto de signos, ou se faz com que *um nome próprio conote signos*. (DELEUZE, 2009, p.18)

Ainda que o trabalho de Krafft-Ebing fosse imensamente respeitado e valorizado no campo médico e, até certo ponto, reproduzido no discurso clínico, essa metaforização inicial do que seria sadismo e masoquismo passa a enfrentar algumas discordâncias a partir do início do século XX.

A literatura a respeito da perversão evidencia que há uma ruptura entre o discurso psiquiátrico e o psicanalítico, justamente no que se refere à compreensão do fenômeno perverso. A psiquiatria lida com tal fenômeno

como se fosse uma doença, passível de ser tratada e até mesmo curada. Freud, por sua vez, percebe nele um traço característico do ser humano, afirmando que a agressividade é inerente ao mal e, portanto, não pode ser curada ou exterminada. (PERACHI, ROYER, PASQUALATTO, LAURINDO, 2014, p. 72)

Assim como ocorria com o termo fetichismo, os sujeitos diagnosticados como sádicos ou masoquistas não viam em suas preferências sexuais uma condição patológica. A angústia e mal estar que, em alguns casos, sentiam eram decorrentes de um moralismo que os colocava como errados. “A própria categoria clínica de ‘perversão’ só foi incorporada tardiamente ao vocabulário médico, sendo que esse termo da língua comum confundia-se com a noção popular de ‘depravação’.” (PEREIRA, 2009, p. 382)

De forma semelhante a como Freud questionou a perversidade presente no comportamento e desejo sadomasoquista, os indivíduos que se encontravam sob tal denominação, por meio de suas experiências e convivência com seus pares, passaram também a questionar o caráter doentio e criminoso de suas preferências. O uso dos termos foi mantido, porém seus sentidos foram ressignificados.

As palavras “sadismo” e “masoquismo” são criações das ciências médicas e estas não abrem mão de seus inventos. Os adeptos as tomaram para si, tanto por imposição exterior como por desafio e para assumir uma diferença. E por estes termos remeterem diretamente a obras “libertinas e libertárias” e não a trabalhos “normalizantes e punitivos”, são ainda mantidos por esta cultura, embora com um sentido muito mais específico. (LEITE, 2000, p. 11)

No Brasil, Wilma Azevedo exerceu um lugar de autoria no discurso sadomasoquista. Por autoria, compreendemos a função que determinado sujeito de discurso assume na estabilização de sentidos diante de uma heterogeneidade. Isso diz respeito ao modo como o sujeito está inscrito, de certa forma inconscientemente, numa rede de memória (ORLANDI, 2020, p.72). A partir dos sentidos médicos de sadismo, a autora cunhou as noções de sadismo maldoso, psicopático e erótico, e masoquismo compulsivo, alienado e erótico. As formas eróticas das condições tratam das expressões saudáveis, seguras e éticas de tais preferências sexuais, enquanto as demais formas estariam associadas a comportamentos criminosos, doentios e perigosos.

Assim, ainda que Azevedo (1996) tenha mantido o uso de tais palavras, observa-se em seus textos deslocamentos, metaforizações e polissemias. Por meio

da sua obra, ela acabou por negociar novos sentidos com seus leitores e inaugurar um discurso sadomasoquista brasileiro.

Quero passar para o leigo (que como eu, antes dessas descobertas, temia a palavra Sádico) conclusões, para desfrutar suas tendências eróticas sem culpas, sem medos, sem auto-recriminações. Insisto para não se preocuparem com suas fantasias. Recuperem-se dos medos que muitos têm procurado inculcar naqueles que sabem fazer de sua vida afetiva-sexual um mundo “diferente”. Contanto que as criatividade não cheguem a ultrapassar nenhuma **ética, lei ou limite de equilíbrio**, usufruam suas tendências, pois já foi provado que realizar as fantasias sexuais melhora o desempenho em outras áreas das atividades diárias. (AZEVEDO, 1998, p. 23)

É possível identificar que, até a transição do século XX para o XXI, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, os desejos relacionados às dinâmicas de dominação e submissão eram compreendidos como parte do comportamento e desejo sadomasoquistas. A servidão e a obediência, assim como o controle e o comando ainda não eram algo à parte, encontravam-se incluídos nos sentidos de sadismo e masoquismo.

I define SM as the knowing use of psychological dominance and submission, and/or physical bondage, and/or pain, and/or related practices in a safe, legal, consensual manner in order for the participants to experience erotic arousal and/or personal growth. [...] Because SM varies widely in manner and intensity, people use several terms to describe it. “Bondage and Discipline” (B&D) should rationally refer to the dominant restraining the submissive in some fashion, then “training” them to behave in certain ways. However, it more commonly refers to “lighter” SM, and not the more “extreme” sadomasochism. Unfortunately, no uniform opinion exists regarding where the line lies between the two. Another term sometimes used is “D&S” or “DS,” referring to “Domination and Submission.” This is more to the point. “SDS,” for “Sexual Domination and Submission,” had been proposed and is actually quite good, but “SDS” has unfortunate political implications. A new overall descriptive term rapidly gaining currency is “BDSM,” which incorporates Bondage & Discipline, Domination & Submission, and Sadism & Masochism. (WISEMAN, 1996, p.27)

Somente no final dos anos 90, nos EUA, e início dos anos 2000, no Brasil, que o acrônimo BDSM passa a ganhar espaço e os sentidos de sadismo e masoquismo se aproximam dos adotados, atualmente, pelas comunidades e praticantes de BDSM brasileiros. A multiplicidade de sentidos na obra de Azevedo (1996) é reduzida a apenas sua versão erótica. Há uma forte negação ao entendimento de que sádicos e masoquistas podem ser criminosos, doentes ou imorais, assim como houve nos anos 1970 e 80 com os homossexuais.

Porém, na mesma medida em que há uma melhor definição do sadomasoquismo como uma relação de prazer com a dor e a humilhação,

obrigatoriamente consensuais, o erotismo associado à submissão e dominação é afastado. O desejo em servir uma figura dominante ou em deter o poder sobre uma pessoa submissa passa a não possuir relação com o desejo sadomasoquista. Tais dinâmicas passam a ser compreendidas como jogos de poder.

5.5 PODER

Assim como citado anteriormente, é possível identificar, no discurso BDSM brasileiro, uma disputa de sentidos no uso da expressão “jogos de poder” uma vez que a presença da hierarquia ou a falta dela são questionadas nas práticas sadomasoquistas. Porém, um sentido cristalizado é a correlação desta expressão com as dinâmicas de dominação e submissão, onde o poder de escolha é cedido pelo *bottom* ao *top*.

A terminologia original da língua inglesa, *top* e *bottom*, denota uma falsa posição hierárquica ao separar o praticante que se encontra na posição superior do que está em posição inferior. As posições, no discurso BDSM brasileiro, não carregam sentido associado ao valor dos praticantes, em que um seria mais valioso, digno ou merecedor que outro, mas sim associado a atividade e passividade. O *top* é o indivíduo ativo, na sessão ou cena, ou seja, quem aplica a prática e/ou comanda a dinâmica, enquanto o *bottom* é a figura passiva, que responde à dinâmica e é alvo da prática. Para que ocorra a sessão ou cena, são necessários indivíduos desejantes de estarem em ambas as posições sendo assim complementares e igualmente necessários.

A origem dos termos deu-se no contexto gay estadunidense em que o homem na posição de *top*, durante a relação sexual, é o que conhecemos, nas comunidades gays brasileiras, como ativo, enquanto o em posição de *bottom* é conhecido como passivo; respectivamente, o penetrante e o penetrado. Porém, como no contexto brasileiro os praticantes SM (sdomasochistas) são, em sua maioria, heterossexuais, sem correlação de gênero com as posições, a associação entre ativo e passivo com a ação de penetrar ou ser penetrado não encontrou aderência e o uso dos termos se manteve como no original, sem traduções.

Aqui cabe a análise de que os termos *top* e *bottom*, ainda que à primeira vista passem a impressão de uma relação de poder, são dotados de grande fluidez. O

indivíduo que, em certo momento, prática ou sessão, encontra-se como *top*, em outro, pode estar como *bottom* e vice-versa. Além do não essencialismo do poder associado a determinado gênero, etnia, classe, idade ou corporalidade.

Pode-se dizer que o S/M é a erotização do poder, a erotização das relações estratégicas. O que me choca no S/M é a maneira como difere do poder social. O poder se caracteriza pelo fato de que ele constitui uma relação estratégica que se estabeleceu nas instituições. No seio das relações de poder, a mobilidade é o que limita, e certas fortalezas são muito difíceis de derrubar por terem sido institucionalizadas, porque sua influência é sensível no curso da justiça, nos códigos. Isso significa que as relações estratégicas entre os indivíduos se caracterizam pela rigidez.

Dessa maneira, o jogo do S/M é muito interessante porque, enquanto relação estratégica, é sempre fluida. Há papéis, é claro, mas qualquer um sabe bem que esses papéis podem ser invertidos. Às vezes, quando o jogo começa, um é o mestre e, no fim, este que é escravo pode tornar-se mestre. Ou mesmo quando os papéis são estáveis, os protagonistas sabem muito bem que isso se trata de um jogo: ou as regras são transgredidas ou há um acordo, explícito ou tácito, que definem certas fronteiras. Este jogo é muito interessante enquanto fonte de prazer físico. Mas eu não diria que ele reproduz, no interior de uma relação erótica, a estrutura de uma relação de poder. É uma encenação de estruturas do poder em um jogo estratégico, capaz de procurar um prazer sexual ou físico. (FOUCAULT, 2004, p. 270)

A palavra poder ganha novos contornos e sentidos no discurso BDSM indo em sentido contrário aos sentidos hegemônicos. Enquanto no discurso acadêmico e intelectual, o poder é percebido como exercido socialmente por certos grupos sobre outros e há um atravessamento das diversas relações de poder com indivíduos, constantemente, afetando e sendo afetados por estas, nos discursos sadomasoquista e BDSM o poder é exercido de um indivíduo sobre o outro de forma consciente e consentida. A relação de poder social e coletiva é manipulada e negociada para a prática privada e entre indivíduos.

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2017, p. 284)

Por meio das diversas práticas possíveis às dinâmicas de dominação e submissão, é possível identificar certa percepção dos praticantes de BDSM de como se dão as relações de poder em nossa sociedade. Práticas que jogam com papéis de gênero, idade, posse, corporalidade e até etnia²⁵, quando associadas às dinâmicas de dominação e submissão, representam e pervertem as formas como se dão as relações de poder na sociedade brasileira. Dessa forma, parece haver não

²⁵ São exemplos de cada, respectivamente: femdom, *ageplay*, *petplay*, *sizeplay*, *raceplay*

apenas uma consciência da existência de tais relações de poder, mas também uma compreensão de seu potencial erótico.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. (FOUCAULT, 2017, p. 131)

Enquanto nos espaços acadêmicos e intelectuais ocorre a problematização do poder como opressão do homem sobre o homem, o discurso BDSM permite uma materialização de tais discursos sob novos efeitos. Assim, o sadomasoquismo e o fetichismo demonstram seu potencial não apenas como perversão (da norma) sexual, mas também como perversão das relações de poder. Por meio do discurso falado e gestualizado, os praticantes BDSM atribuem sentidos de poder, ou de sua falta, condizentes ou discordantes com as instituições sociais.

5.6 CORPOREIDADE E OBJETOS

A identidade do sujeito do discurso BDSM brasileiro não se dá apenas pela identificação com os desejos e fantasias fetichistas que englobam as práticas BDSM, dá-se pela materialidade do discurso, principalmente aquele que atribui sentidos por meio da gestualização e da corporeidade. O praticante de BDSM é reconhecido como tal pelo seu corpo, o uso que faz dele e suas experiências.

O corpo no BDSM é uma das muitas formas de carregar sentidos durante uma sessão, cena e, até mesmo, na interação com a comunidade. Em sessão, o *bottom* possui uma série de poses a serem reproduzidas que podem significar submissão, entrega para o ato sexual, disponibilidade para *impact play*²⁶, servidão, etc. De forma semelhante, o *top* possui uma série de técnicas para manuseio de acessórios e instrumentos que influenciam na forma que a dor será causada, em seu efeito visual ou sonoro, as marcas que serão deixadas, nos cuidados posteriores, etc. Assim, a gestualidade demonstra conhecimento, experiência e responsabilidade, tornando o corpo inegavelmente discursivo.

²⁶ Prática fetichista que envolve realizar impactos sobre o corpo do *bottom* utilizando acessórios como chicote, palmatórias, chibatadas, etc. Diferencia-se do *spanking* que utiliza apenas as mãos como objeto de impacto.

Portanto, ao analista cabe perscrutar os corpos, compreender suas paráfrases e polissemias, ler os enquadramentos posturais, mas também as descomposturas; o traço de altivez e de apelo, ameaça, imponência ou humildade e inibição; o riso aberto ou o sorriso tímido e disfarçado, a ironia dos lábios; os olhares de encanto e de ira, os franzis do rosto, a voz que emana, as vestes, a indumentária [...]. (ALVES, 2020, p. 31)

O corpo também carrega sentidos fora dos espaços de prática ao demonstrar, por exemplo, resistência à dor ou propriedade. Uma pessoa que circula, nos espaços de convivência fetichistas, com marcas alongadas pelo corpo, cortes ou queimaduras de corda, por exemplo, carrega “troféus” de suas experiências como *bottom*. Esta demonstra para os demais sua vivência BDSM, seu desejo por tais práticas, sua resistência a elas e à dor, a habilidade do *top* que as realizou, ter sido desejado por uma figura dominante e/ou sádica, etc. Certas marcas possuem maior “transparência” em seus sentidos ao terem seu significado cristalizado no discurso BDSM brasileiro, como é o caso das cicatrizes em formatos de letras ou ícones causadas por queimaduras da prática de *branding*. Historicamente, tais marcas são feitas menos pela intenção de causar dor, ainda que esta possa existir, e mais para demarcar o corpo de um *bottom* como propriedade de um *top*, assim como costuma ser feito com gado e outros animais de grande porte²⁷.

Para os praticantes de BDSM, então, as práticas dolorosas que deixam marcas, algumas reversíveis, como as deixadas por instrumentos como chicotes, floggers, cintos, palmatórias, outras irreversíveis, como o branding e a escarificação, são utilizadas não apenas na busca de prazer sexual, mas também na construção de uma identidade. Sejam marcas reversíveis ou não, elas são exaltadas e exibidas com orgulho, porque elas remetem a uma experiência real vivida no corpo, um corpo sob o qual os indivíduos têm agência. (PINTO, 2024, p.89)

Porém, os corpos não são passíveis de sentidos apenas por suas marcas e gestos, mas também pelos objetos que carregam consigo, como vestimentas e acessórios. O mais clássico dos acessórios, já citado aqui anteriormente, é a coleira. Usada para demonstrar, na maioria das vezes, que seu usuário pratica na posição de *bottom* e pode possuir um dono, este signo é, facilmente, encontrado não somente no discurso BDSM brasileiro, mas também em comunidades SM gringas antigas e contemporâneas.

Of all pieces of SM equipment, the one with the deepest psychological implications is probably the collar. The collar is an instrument of ownership and control. Therefore, even if the submissive is otherwise completely free,

²⁷ Entre os praticantes de BDSM da ética goreana, é possível identificar cicatrizes resultantes de queimaduras realizadas com a intenção de marcar o corpo da escrava como possuidor de um dono. Para mais informações sobre a subcultura goreana, no Brasil, recomendo a leitura do livro-reportagem “PRAZER, ESCRAVA! a vida das kajiras e mestres goreanos”. (MADEIRA, 2014)

wearing a collar may have intense effects on them. Permitting another person to collar you can be a deeply significant act. (WISEMAN, 1996, p. 327)

Ainda que o uso da coleira seja a forma mais clássica de demonstrar uma relação de posse, tanto nas comunidades brasileiras quanto nas estadunidenses, também é comum o uso de chaves de cintos de castidade como componentes de um look fetichista. Enquanto as coleiras são utilizadas por *bottoms*, as chaves são carregadas por *tops* para demonstrar que possuem o controle sobre a castidade de um *bottom*.

Cabe destacar que o uso de ambos os signos não está restrito a espaços fetichistas, é inclusive comum o uso de “coleiras sociais”, acessórios mais delicados para o uso cotidiano em espaços baunilhas em substituição às coleiras de sessão, mais brutas e chamativas. Porém, ainda que o acessório substituto seja mais discreto, a sua leitura por iguais que conhecem o discurso fetichista ainda é possível.

Com o crescimento das comunidades e popularização das estéticas sadomasoquista e fetichistas, houve a multiplicação de sentidos dos acessórios BDSM o que, em alguns casos, leva a equívocos. O uso da coleira, ainda que seja um clássico do BDSM, não ficou ileso a novos sentidos. No carnaval, por exemplo, vi um folião usando uma coleira tradicional das práticas de *petplay*, o que fez com que eu me aproximasse e perguntasse se ele era um praticante, o que respondeu com extrema confusão. Situação semelhante ocorreu com um amigo dominador que estava em um bar com sua posse e avistou um casal em que a mulher usava uma coleira, inclusive com espaço para encaixar a guia, mas quando abordou os dois para perguntar se eram praticantes de BDSM, foi respondido com a informação de que nem sabiam o que era BDSM, apenas acharam o acessório bonito.

Assim, percebe-se que nenhum objeto é apenas um objeto, há uma discursividade inerente às funções atribuídas e a seus usos. A multiplicidade de sentidos conscientes e inconscientes estão presentes nestes objetos assim como nas palavras, textos e falas. Não há transparência de sentidos mesmo no objeto mais simples, como nos exemplos citados em que poderiam ser compreendidos “apenas” como um colar ou uma chave, porém carregam sentidos de controle, submissão, prazer, posse, comunidade, obediência, castidade, desejo, etc.

Mais do que coisas que desempenham funções na sociedade, os objetos são dotados de agência, constituem o social, compõem sítios de significância, universos das coisas a dizer, enfim, o universo simbólico em que inevitavelmente o ser humano se torna sujeito. (ALVES, 2021, p. 15)

Cabe também analisar tal multiplicidade de sentidos no uso de objetos em sessão ou cena. O uso de algemas, por exemplo, que a primeira vista poderia estar associado a uma forma de contenção de movimentos de sujeitos criminosos, agressivos ou perigosos, em práticas BDSM ganha contornos eróticos, seja pela restrição de movimentos clássica do *bondage* ou pela perda de poder sobre os próprios movimentos. De forma semelhante, há o uso de mordanças que impedem a fala e limitam a emissão de sons. Apropriadas de um contexto de dominação e controle físicos sobre indivíduos despossuídos de poder sobre seus corpos de forma não consentida, o BDSM traz tais objetos para um cenário em que suas “vítimas” desejam e optam por usar tais acessórios e possuem o poder de determinar o fim de seu uso.

A leitura de um intertexto escravocrata também não pode ser ignorado ao tratarmos de uma série de acessórios e termos utilizados no discurso BDSM brasileiro atual. Alguns dos móveis e acessórios comuns a espaços e práticas fetichistas foram amplamente utilizados no período colonial para controle e punição de pessoas escravizadas, como é o caso do pelourinho e de alguns chicotes. É importante ressaltar que toda prática BDSM deve ser consentida por todas as partes envolvidas, não somente o que será feito, mas também como será feito, nisto estão incluídos os acessórios e móveis a serem utilizados. É inegável que os objetos também remetem a uma memória discursiva, de forma que seus sentidos possíveis, mesmo que em outros contextos, também são evocados.

Há, inclusive, um cuidado muito grande nos efeitos psicológicos e emocionais que podem ser causados por conta de tais sentidos que acessórios, palavras e outros signos podem carregar. Um exemplo mais prático é o desconforto que alguns *bottons* apresentam com a ideia de serem punidos com impactos causados por cintos ou chinelos por remeterem a situações traumáticas de violência de suas infâncias. Ainda que nenhum de nós tenhamos vivido a escravidão, muitos acessórios utilizados nas práticas fetichistas podem ser traumáticos pelos sentidos de violência que carregam histórica e culturalmente.

Porém, obviamente, tais sentidos de escravidão não possuem apenas conotação negativa para os praticantes de BDSM, se não o uso de tais objetos e palavras não encontrariam aderência. Ao fantasiar, por exemplo, com uma figura dominante que obtém total controle sobre seu corpo, movimentos e vontades, o sujeito pode idealizar uma relação mestre/escravo. Neste contexto, os sentidos de escravo encontram-se em uma relação individual e consentida, com objetivo erótico e consequências físicas e psicológicas negociadas e calculadas.

Dessa forma, o sujeito que encoleira ou algema o outro, que carrega a chave de seu cinto de castidade e que marca sua pele com brasa quente reproduz uma posição de poder associada a tais objetos ainda que de forma perversa. Novamente, as relações de poder mostram ser manipuladas pelo discurso BDSM brasileiro contemporâneo, uma vez que seus adeptos não somente consentiram com as posições que assumem como ainda gozam com elas.

5.7 REPRESENTAÇÃO E PRÁTICA

Uma vez que o sujeito fetichista se constitui como tal a partir da experiência prática e não apenas pelo seu processo de autoidentificação, é inevitável pensar sobre certo movimento de representação. Ao possuir um referencial do que é uma figura dominadora ou submissa, o sujeito adota um ideal para lhe orientar influenciando seus comportamentos e ações.

Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. [...] Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 2002, p. 29)

Nos momentos de prática, sejam sessões ou cenas, sempre haverá um público dotado de conhecimentos fetichistas para legitimar o papel do outro, seja como *top* ou *bottom*. A performance apresentada constitui caráter de realidade, ainda que todos os envolvidos estejam cientes que tal postura adotada pelo sujeito naquele momento não faz parte de seu cotidiano, pois, assim como dito anteriormente, o momento de sessão ou cena, temporariamente, ganha caráter de uma realidade maior que a do cotidiano, causando mesmo efeito sob a personalidade ali apresentada.

O “eu”, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. (GOFFMAN, 2002, p. 231)

O reconhecimento que o dominador ou o sádico procura conquistar na posse do poder ou no prazer de causar a dor é tão presente quanto a busca por reconhecimento do submisso e do masoquista que procuram demonstrar avidamente sua submissão e seu êxtase na dor, assim como os demais *tops* e *bottoms* agem pelo reconhecimento de seu parceiro e do público.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 2002, p. 25)

Pois ao aprendermos a desempenhar nossos papéis na vida real guiamos nossas próprias apresentações não mantendo, demasiado conscientemente, uma incipiente familiaridade com a rotina daqueles com quem iremos lidar. E quando chegamos a ser capazes de dirigir convenientemente uma rotina real, isto se deverá, em parte, a uma “socialização antecipada”, já tendo sido instruídos sobre a realidade que justamente se está tornando verdadeira para nós. (GOFFMAN, 2002, p. 72)

Porém, não deve haver dúvidas de que os sujeitos realmente são o que demonstram ser em tais momentos. Pensando a materialidade discursiva, a figura idealizada que orienta os comportamentos é tão real quanto os sujeitos “em cena” ou fora dela. Não há um sujeito “de verdade” do cotidiano e outro “de mentira” quando encenando na prática.

A linguagem se adapta a diferentes contextos e é importante identificar que os sujeitos procuram a prática também pelo objetivo de poderem expressar tal parte de suas personalidades que no cotidiano não encontra compreensão e entendimento por abarcar outros discursos. Ao separar a vida e momentos fetichistas da vida e momentos banais, não são separadas fantasia e a realidade, a mentira e a verdade, mas as diversas expressões e comunicações de um mesmo indivíduo.

A materialidade discursiva da corporeidade, dos objetos e da linguagem confere o caráter de realidade ao que ocorre nas sessões e cenas visto que tais momentos também afetam os indivíduos, a sociedade e suas vidas. De forma semelhante, a como a separação entre real e virtual tornou-se obsoleta e

equivocada por pressupor que os acontecimentos nos espaços digitais não possuem mesmo poder de efeito e sentido que os acontecimentos cotidianos.

Hoje, possuímos uma melhor compreensão que a vida na internet e em outros espaços digitais são tão reais quanto nossas vidas fora deles. A socialização de subculturas, como o BDSM e demais fetichismos, na internet, demonstra o potencial criador e mobilizador da realidade. Relações e carreiras são construídas e mantidas em tais espaços sem a necessidade de flutuação para a realidade offline e/ou baunilha.

Da mesma forma, a realidade presente em sessões, cenas e eventos BDSM são tão reais quanto nosso cotidiano. A prática BDSM ainda que adote novos componentes e referenciais de personalidade e comportamento, não deve ser compreendida apenas como uma encenação, a menos que este ato de encenar, performar ou representar seja compreendido como ato constituinte da interação em sociedade, socialização e comunicação, e, logo, constituição da realidade.

É inegável que não somente tais ações, passíveis de serem compreendidas como representação, são constituintes da realidade, mas também o referencial que idealizado, em teoria, seria inalcançável. Uma vez que há a materialização pelo discurso, o ideal do profissional, fetichista, dominador, sadomasoquista, etc, possui ancoragem na realidade.

Para além da noção de representação que pode haver nos momentos de sessão ou cena, também cabe analisar a expressão popular “na prática a teoria é outra”. Uma vez que o discurso BDSM brasileiro contemporâneo trata sobre a importância do estudo antes da prática, tal sabedoria popular parece refletir uma dicotomia entre estudos e prática semelhante à noção, anteriormente trabalhada, de fantasia e realidade.

Os estudos e teoria ocupam um lugar de preocupação com a segurança, noção também abordada anteriormente, em que, ao entenderem um risco inerente a toda prática, os praticantes tentam, por meio do conhecimento, se preparar para a prática mais cuidadosa possível. Porém, somente o estudo não é o suficiente para a constituição do sujeito praticante e seu conhecimento. Levando em consideração a

expressão, anteriormente citada, faz-se compreensível o caráter de aprendizado adquirido pelo momento da prática.

Logo, é identificável o sentido de que o conhecimento é não apenas a teoria, mas também a prática. Aí sim, a teoria pode ser lida como a representação do que deve/pode ocorrer na prática. Mesmo assim, ambas são constituintes da realidade fetichista que não se dá apenas por um ou por outro.

5.8 PSEUDÔNIMOS E HONORÍFICOS

Nos espaços e interações, reconhecidamente, fetichistas, é comum que os sujeitos façam uso de um nome diferente do seu de registro. Esse movimento visa preservar a identidade e privacidade do sujeito fetichista, uma vez que, na sociedade sexualmente normativa e preconceituosa em que vivemos, fazer parte da subcultura BDSM pode causar consequências negativas no cotidiano de seus adeptos, como retaliações, demissões e até medidas legais.

Alguns casos famosos, no meio BDSM brasileiro, foram citados no capítulo anterior. Sendo, talvez, Wilma Azevedo a praticante sadomasoquista mais antiga, dentre os conhecidos, a fazer uso da técnica. Seu nome de registro é Edevina Ribeiro, porém, ela assume que o nome criado por ela fala mais de sua personalidade fetichista. “[...] Você é Wilma Vil e Má. E é sádica. Vê? Não é muito interessante? – Mas eu não sou sádica. Sou Dominadora, é diferente. E meu nome não é Wilma, ele é pseudônimo. Eu criei Wilma, como crio alguns personagens de meus contos...” (AZEVEDO, 1998, p. 83)

Apesar do ímpeto de chamar esse novo nome de pseudônimo, visto que este é criado para manter o sigilo de certa identidade, como costumava ser feito por escritores, ao longo da ditadura civil-militar brasileira, estes são na verdade um heterônimo. À medida que o pseudônimo é criado, exclusivamente, para proteger a identidade dos indivíduos enquanto exercem suas funções profissionais, como é o caso de escritores, jornalistas e músicos, o heterônimo surge para nomear outra identidade ou personalidade do sujeito.

Para além do uso de pseudônimos e heterônimos, temos também situações como a de Maria da Graça Xuxa Meneghel, conhecida apenas como Xuxa, apelido que foi adotado tanto em espaços profissionais quanto de socialização. Neste caso,

surge outro conceito, o hipocorístico, um apelido, geralmente carinhoso, usado de forma recorrente a ponto de ser mais associado à pessoa do que o seu próprio nome - situação que também ocorre com Pelé, Lula e Popó.

O que, popularmente, chamamos por nome artístico em cada caso se enquadra em um dos três conceitos acima mencionados. Enquanto Larissa de Macedo Machado adotou o pseudônimo Anitta para assinar suas músicas e fazer seus shows, mantendo sua personalidade, tanto profissional quanto socialmente, Luísa Gerloff Sonza utiliza uma redução de seu nome como heterônimo para as mesmas atividades. Ou seja, Luisa Sonza nomeia a personalidade mais expansiva, comunicativa e sedutora da artista.

A partir de tais compreensões, é possível analisar que no meio fetichista brasileiro, no BDSM, mais em específico, os nomes criados tratam-se de heterônimos, visto que estes serão utilizados em contextos de prática e socialização fetichistas onde são permitidos comportamentos, ações e expressões distintas das adotadas no cotidiano destes sujeitos. Uma pessoa que, em seu cotidiano, é decidida, extrovertida, agitada e ativa, nos espaços BDSM, pode se mostrar calma, quieta, obediente e submissa; assim como também é possível seu inverso. Essa mudança comportamental é permitida por um novo ambiente, uma outra realidade, que acompanha um outro e novo nome.

Cabe também analisar como estes novos nomes costumam vir acompanhados de algum honorífico que denota a posição de prática do adepto. Nomes e honoríficos de praticantes *bottoms* costumam ser escritos com a primeira letra na sua forma minúscula, enquanto os *tops* possuem honoríficos e nomes iniciados em letra maiúscula, representando hierarquia e poder. Como explicado no capítulo anterior, cada nicho no BDSM possui um tipo diferente de honorífico, adequado aos praticantes de bondage, Dominação/submissão ou sadomasoquismo.

[...] entendi que nomes acompanhados de palavras tais como Senhor, Senhora, senhorita, sub, Dom, Domme, Lord, Mestre, Master, Mistress, entre outros, identificavam os integrantes do meio BDSM na internet. Esses honoríficos eram nada mais do que formas de tratamento pelas quais as próprias pessoas gostariam de ser chamadas e reconhecidas, mas para os integrantes do meio, era mais um elemento que caracterizava suas identidades fetichistas. (PINTO, 2023, p. 20)

Tais honoríficos parecem reforçar a função dos heterônimos ao evocar uma outra personalidade, identidade ou comportamento. Uma vez que o outro o

reconhece em tal posição, a representação é legitimada ou a nova realidade é reafirmada. A linguagem demonstra, pela materialidade do discurso, que a realidade é palpável e que o sujeito pode se compreender, naquele momento, como mais real ainda que a própria figura idealizada.

Os honoríficos são dotados de efeitos discursivos ao, por meio da fala, fazer a manutenção das relações de poder próprias do discurso BDSM brasileiro. Assim como ocorre no carnaval (BAKHTIN, 2010), o meio BDSM possui regras e normas próprias distintas das presentes no cotidiano. Os heterônimos identificam com qual persona os indivíduos estão se comunicando enquanto os honoríficos demonstram sua posição de poder. Assim, por meio do discurso, a realidade é constituída e expressada.

Cabe analisar como os honoríficos utilizados no meio BDSM foram reapropriados a partir das relações de poder do discurso cotidiano, em que Dom, Senhor, Mestre, escravo, servo, etc, nomeavam as posições em que os indivíduos se encontravam dentro do estrato hierárquico econômico, social, político, cultural e financeiro. Porém, em um movimento de ressignificação, em que não há o esquecimento da memória discursiva, os praticantes de BDSM negociam com os sentidos hegemônicos ao transformar tais signos em atos consensuais e de valor erótico.

A memória discursiva também é essencial para o efeito psicológico e valor erótico atrelados a tais palavras. Ainda que toda ação nas práticas BDSM demandem consentimento, os jogos de poder e de sensações brincam com os diversos sentidos possíveis das palavras.

O servo, por exemplo, deve obedecer todas as ordens de seu Mestre ou Senhor, não cabendo questionamentos, discordâncias ou vontades próprias. Este vive para atender as vontades e necessidades de quem lhe comanda. Este seria o poder “original” da dinâmica Senhor e servo, porém, em contexto BDSM, todos estão cientes que os limites negociados serão respeitados e qualquer um dos envolvidos pode pedir a palavra de segurança caso queira interromper a prática. O que não impede que os praticantes sejam afetados pelos sentidos “originais” das palavras e brinquem com esses efeitos. Frases como “você é meu servo e fará tudo o que eu

mandar”, se utilizam justamente dos efeitos emocionais e psicológicos causados pelos outros sentidos possíveis de tais palavras.

5.9 BAUNILHA

Assim como explicado anteriormente, a palavra baunilha passou por um deslizamento de sentido dentro do próprio discurso BDSM. O termo, atualmente, é utilizado nas comunidades BDSM apenas para classificar pessoas, práticas, roupas, locais e atividades não fetichistas, porém, originalmente, possuía conotação pejorativa servindo como adjetivo para coisas sem graça ou desinteressantes.

Em certo momento, houve uma preocupação com a forma em que foi construída uma rivalidade entre espaços e atividades fetichistas e baunilhas, como se existisse uma superioridade atrelada aos indivíduos que passam mais tempo em atividades fetichistas e isso os tornasse mais fetichistas que os demais. Este estigma contribui apenas com o afastamento dos praticantes novatos e de pior condição financeira, que não possuem tantas experiências ou condições para presença frequente em eventos.

Ainda que a aproximação com a comunidade fetichista continue sendo muito valorizada e a experiência prática do BDSM seja parte essencial para a identidade de um praticante BDSM, hoje há o entendimento que pessoas fetichistas não abrem mão de suas experiências, atividades, momentos, gostos e relações baunilhas. O sujeito fetichista continua a ter contato com o mundo não fetichista, o que não o torna baunilha ou menos fetichista.

É interessante analisar como os sentidos e mundo baunilhas são necessários, inclusive, à construção e constituição da realidade e práticas fetichistas. Se há dinâmicas de Senhor e escravo ou Rainha e servo, no meio BDSM, estas somente ocorrem por, anteriormente, possuírem sentidos na sociedade e relações baunilhas. Toda e qualquer dinâmica ou prática BDSM surge a partir dos possíveis sentidos erótico-sexuais do cotidiano, assim como ocorre a relação fantasia e realidade.

Essa materialidade também se dá pela presença dos sujeitos fetichistas nos espaços físicos da cidade. Uma vez que a grande maioria das cidades brasileiras não possui casas ou bares fetichistas, é inevitável que essas comunidades tenham

de recorrer a espaços comerciais que não foram construídos e desenvolvidos levando em consideração suas necessidades.

A presença física de pessoas fetichistas em espaços planejados apenas para pessoas e interações banalistas é apenas mais uma de tantas demonstrações de como a linguagem, cultura, sociedade e instituições são desenvolvidas levando em consideração uma sexualidade hegemônica e normativa. Porém, a negociação com novos sentidos e expressões irá sempre ocorrer.

Os espaços comerciais serão frequentados por tais pessoas com demandas distintas, talvez até alugados para dias com dinâmicas próprias, como é o caso de casas de festa e boates, para que então, um dia, seja possível a construção de um espaço específico para a socialização de pessoas fetichistas, a realização de suas práticas e presença de aliados e curiosos.

Ainda que façamos parte de uma sociedade que julga e reprime os desejos e comportamentos fetichistas, técnicas e ferramentas serão desenvolvidas para que os sujeitos possam experienciar seus desejos e socializar com os seus pares. O uso dos heterônimos é o exemplo mais clássico de técnica utilizada pelos fetichistas para o afastamento do cotidiano, porém também temos o uso de máscaras e fantasias, edições de fotos e, é claro, espaços fetichistas na cidade.

O tensionamento entre os discursos banalista e fetichista é constante, ocorra ele por meio das palavras, imagens, objetos ou corpos. Seja a nível das instituições de poder, como é o caso da medicina, psicanálise, psicologia e justiça, seja pelos discursos populares de moral ou medo.

5.10 ERÓTICO E SEXUAL

Ao tratar de fetichismo e sadomasoquismo, é inevitável abordar as formas em que o moralismo assombra as práticas erótico-sexuais. Rubin (2012), na década de 80, já demonstrava como o pânico moral associado às preferências e comportamentos sexuais é uma ferramenta política que influencia projetos de lei, missões religiosas e tratamentos médicos que vitimizam, no Ocidente, milhões de dissidentes sexuais.

A esfera da sexualidade também tem sua política interna, desigualdades, e modos de opressão. Como em outros aspectos do comportamento humano,

as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado. (RUBIN, 2012, p. 01)

O movimento de classificar comportamentos sexuais como saudáveis ou doentes, inocentes ou criminosos, tem registro, pelo menos, desde o século XIX, como já demonstrado anteriormente neste capítulo. Porém, cabe aqui também a análise de como ocorre a construção do moralismo popular do que é erótico ou sexual. Como a sexualidade se expressa ou é expressada? Há uma necessidade biológica ou o comportamento é culturalmente construído? Há expressões naturais e pervertidas?

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas. (PRECIADO, 2014, p. 25)

Minha intenção não é responder a tais perguntas, até porque eu não teria espaço o suficiente nesta dissertação, mas dar destaque a como o discurso hegemônico ocidental atribui sentidos às palavras “erótico” e “sexual”, constituindo o moralismo popular, de forma que o discurso BDSM brasileiro contemporâneo expõe suas contradições e opacidade.

Uma vez que, o discurso médico cria a noção de que a prática sexual demanda a interação entre genitálias por meio da penetração, para a reprodução sexual, por meio da relação de poder que a ciência possui no processo de produzir conhecimento, a sociedade adota o entendimento de que, para uma ação ser compreendida como sexo, deve haver a penetração da vagina por um pênis.

Assim, toda a corporalidade do ato sexual é restrita às genitálias das pessoas envolvidas e o tipo de contato possível ou realizado. Uma frase que demonstra bem a limitação do que pode ser compreendido como sexo é: sexo lésbico não é sexo de verdade. Na linha de raciocínio necessária ao entendimento de tal frase, compreende-se que, ainda que possa ter o contato de genitálias e a penetração destas, uma não é capaz de penetrar a outra, logo esta ação não pode ser compreendida como sexo.

Porém, pensando as dissidências sexuais, essa lógica binária do que é ou não sexo, se torna muito mais complexa. Não somente a lesbiandade provoca a reflexão do que compreendemos popularmente como sexo, mas também o sexo anal, oral, a transgeneridade, o fetichismo, o sadomasoquismo e diversas outras expressões da sexualidade humana.

Preciado (2014) apresenta o conceito de contrassexualidade, ao demonstrar que os parâmetros utilizados para definir o que é um ato sexual, ou não, são tão pragmáticos ou aleatórios quanto definir se algo será gostoso ou não, e propõe uma visão muito mais ampla e experimental da sexualidade.

A contrassexualidade supõe que o sexo e a sexualidade (e não somente o gênero) devem ser compreendidos como tecnologias sociopolíticas complexas [...] Com a vontade de desnaturalizar e desmistificar as noções tradicionais de sexo e de gênero, a contrassexualidade tem como tarefa prioritária o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais [...] (PRECIADO, 2014, p. 25)

Dessa forma, o SM se mostra contrassexual antes mesmo da criação do termo, isso porque vai além do esperado pelo sexo normativo ou “tradicional”. O BDSM e o fetichismo como um todo permitem o amplo explorar das experiências sexuais, seja por meio das formas pelo qual ocorrem, pelos acessórios utilizados ou suas técnicas.

Muitas vezes, as práticas fetichistas são lidas, ou experienciadas, como sexo antes mesmo de qualquer nível de nudez ou de contato de genitálias. Isso porque os estímulos possíveis nestas práticas possuem alto impacto erótico e sexual. Há altos níveis de prazer em momentos de intimidade que, dentro dos padrões do sexo normativo, poderiam ser lidos como preliminares ou, até mesmo, sem nenhuma associação com sexo.

Afinal, o que define algo como sexo? Quais são os limiares que definem onde termina o erótico e se inicia o sexual ou pornográfico? Filmes e fotografias eróticas são adjetivadas de tal forma por conta de quê? A presença da genitália é o suficiente para transformar um filme pornográfico em um filme erótico? Pornôs asiáticos que borram as imagens na região das genitálias seriam então eróticos? O apelo artístico é o que determina um ou outro? Um *nude* seria classificado como erótico ou sexual?

Nas principais redes sociais, fotos de genitálias e mamilos são consideradas conteúdo sexual e, por isso, passíveis de banimento. Porém, quando em contexto artístico, são autorizadas pelas plataformas. Afinal, o que é o BDSM? Sexual, erótico ou artístico? Muitas amarrações, poses, marcas, acessórios e vestimentas, definitivamente, possuem forte apelo estético e artístico, mas tratando-se de fetichismo e sadomasoquismo, não seriam sexuais?

O erotismo pode ser considerado esse limiar entre a arte e o sexo, a expressão artística de nossos desejos, prazeres e vontades. Porém, não é claro o limite do erótico para o sexual. Assim como nenhuma palavra possui um sentido óbvio, dado e transparente, o uso de ambos os termos, erótico e sexual, é acompanhado de contextos, interesses e poderes.

Até mesmo dentro das comunidades fetichistas, a divisão entre o que é sexual ou erótico mostra-se muito difusa. Por exemplo, um debate recorrente, entre praticantes de BDSM, é se *dommes* podem fazer sexo em suas sessões. Porém, os desdobramentos desta questão vão em diversas direções. Por exemplo, na prática de inversão ou *pegging*, a *domme* pode penetrar analmente seu *sub*, isso também é considerado sexo? Afinal, esta é uma prática bem recorrente na dominação feminina e ainda assim a pergunta permanece, logo o sexo seria apenas a penetração do pênis do *sub*, na vagina da *domme*?

Wiseman (1996) defende que toda prática sadomasoquista é sexo. Se entendermos como sexo qualquer estímulo físico ou psicológico causador de prazer e consentido pelos envolvidos, concordo com a concepção de Wiseman. Já vi pessoas alcançando orgasmos múltiplos em práticas de *impact play* e outras com sua energia sexual completamente satisfeita após uma longa cena de disciplina.

O prazer sexual está presente nos mais diversos contextos e estímulos, porém, sua avaliação enquanto erótico parece ter uma forte relação com pudor e moralismo. Por possuímos, no Ocidente, uma estreita concepção de momentos e locais adequados ao sexo, qualquer sentimento ou sensação que se assemelhe com estímulos sexuais deve ser higienizado e justificado como erótico, possuindo assim um viés mais artístico, sublime e menos “impuro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O BDSM brasileiro ainda que seja influenciado pelo BDSM estadunidense e o fetichismo europeu, possui suas próprias especificidades. O uso dos termos com origem na língua inglesa deixa clara sua maior influência, porém as escolhas por realizar, ou não, tradução e flexões demonstra que o fetichismo brasileiro não apenas replica o que ocorre nos EUA, mas adapta para a própria realidade. A cultura, história, tradições e comportamentos brasileiros afetam diretamente as expressões das sexualidades fetichistas nacionais.

Por isso, é importante dar destaque ao pioneirismo de Wilma Azevedo ao ser a primeira figura pública a falar abertamente sobre suas experiências sadomasoquistas de maneira a desmistificar tais dissidências sexuais. Aqui dou destaque a ela por sua importância no SM e por ter sido uma profissional da comunicação, porém Glauco Mattoso também foi de grande importância ao influenciar o imaginário nacional com suas centenas de poemas e sonetos falando de podolatria.

Ainda que por trás de pseudônimos, estas figuras deram início, em plena ditadura civil-militar, às literaturas nacionais sadomasoquista e fetichista. Enquanto na década de 1980, nos EUA, as casas fetichistas estavam sendo fechadas por conta da epidemia de HIV, no Brasil ainda estávamos começando a aproximação entre praticantes, um momento muito anterior no processo de comunicação e organização das comunidades BDSM.

Hoje, talvez, estejamos, em nosso país, em um momento de maior popularização destes espaços fetichistas. Ainda que as casas fetichistas continuem restritas às capitais, o simples fato de não estarem apenas em São Paulo e no Rio de Janeiro, parece ser um avanço. Hoje, as cidades de Belo Horizonte, Recife e Curitiba também possuem espaços físicos planejados para a socialização de praticantes de BDSM.

Assim como os momentos vividos pelo fetichismo brasileiro destoam da temporalidade do fetichismo no exterior, nossa comunicação também adotou outras direções. Não somente pelos momentos que começamos a utilizar cada meio de comunicação, mas também as plataformas escolhidas e os modos de usá-las.

Enquanto o *FetLife* não conquistou a mesma adesão no Brasil, desenvolvemos nossos próprios espaços, como o site do Senhor Verdugo, e marcamos presença em ferramentas que são do nosso cotidiano, como os mensageiros *WhatsApp* e *Telegram*.

Todas estas condições, tanto dos espaços físicos da cidade quanto dos espaços digitais, afetam a socialização, e conseqüentemente a comunicação, dos praticantes e adeptos do BDSM. A necessidade pelo sigilo da identidade desses indivíduos sexualmente dissidentes mostra-se como um obstáculo para a compreensão de si mesmos e aproximação de semelhantes. Ainda que esta técnica possa permitir certa liberdade de explorar outra parte de si, há a problemática de sua quase obrigatoriedade por motivos de segurança física e social. Os sujeitos fetichistas não optam pelo uso de um novo nome somente por seu potencial erótico, mas, principalmente, para se protegerem do estigma associado a fetichistas e sadomasoquistas. Dessa forma, sob uma identidade secreta, uma outra parte de si mesmo, diferente da existente no cotidiano, o indivíduo participa de eventos, grupos online e viaja para outras cidades para viver seus desejos.

Em um país com dimensões continentais, como o Brasil, com quase seis mil municípios e mais de 200 milhões de habitantes, é difícil conceber que menos de uma dezena de cidades possui espaços físicos planejados para a socialização de fetichistas. Desejo acreditar que é apenas uma questão de tempo, afinal, temos a maior parada do orgulho LGBTQIAPN+ do mundo - com presença inclusive de grupos fetichistas. Porém, o sadomasoquismo, fetichismo e BDSM sequer são institucionalmente reconhecidos como parte das minorias sexuais, como a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e outros são.

Infelizmente, os órgãos governamentais e as instituições de saúde ainda não coletam nem produzem informações acerca destes grupos e indivíduos. As diversas especificidades das práticas BDSM que englobam homossexuais, bissexuais e heterossexuais, ainda não são estudadas como as práticas sexuais que envolvem de alguma forma a penetração ou contato de genitais. Até mesmo atos comuns no imaginário coletivo acerca do momento sexual, como tapas, puxões de cabelo, enforcamento e uso de *sextoys*, apresentam um déficit de informação das maneiras mais seguras e saudáveis de serem feitos ou utilizados.

Levando em consideração que ao menos uma a cada dez pessoas deve se engajar em experiências sexuais sadomasoquistas em algum momento de suas vidas²⁸, o conhecimento de como realizar tais práticas de maneira saudável e segura deveria ser produzido e disponibilizado para a população de maneira ampla e gratuita, assim como as demais informações acerca de práticas sexuais convencionais e reprodução, visando o bem estar e saúde sexual coletivas. O amplo entendimento de comportamento sexual de risco para além de consequências como gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis colabora com o entendimento da multiplicidade de experiências sexuais restritas não apenas à reprodução e genitalidade.

Porém, ainda não há uma representação política pública dos sujeitos fetichistas e de suas demandas. Talvez parte disso não se dê apenas pela dificuldade em assumirmos publicamente nossos desejos e práticas sexuais, mas também pelos empecilhos que enfrentamos nos meios de comunicação. Além de ter meu conteúdo educativo em redes sociais derrubado inúmeras vezes, tive contato com diversos profissionais, das mais diversas plataformas, que perderam suas contas, com milhares de seguidores, da noite pro dia, sem justificativas ou possibilidade de recurso²⁹. Materiais em texto, imagem e vídeo, extremamente, cuidadosos e profissionais são apagados sob a justificativa de serem violentos, pornográficos, ofertarem serviços sexuais e, em alguns casos, até mesmo, por simplesmente serem fetichistas.

A comunicação desta subcultura passa por muitos desafios no que se refere à educação, cuidado, acolhimento, compreensão, empatia e representatividade. Muitas das informações populares dotam as experiências fetichistas de sentidos de exótico, bizarro, cômico, quando não são lidas como perigosas ou doentias. Enquanto os indivíduos que tentam produzir informações com sentidos positivos sobre si mesmos e seus iguais enfrentam obstáculos e desincentivos constantes.

²⁸ The Kinsey study of 1953 concluded that only about 11% of the population felt self-motivated to try explicit SM-type behavior such as bondage, whipping, and so forth" (WISEMAN, 1996, p.28)

²⁹ A conta no *Instagram* do podcast Chicotadas, programa sonoro sobre fetichismo com o maior número de ouvintes do Brasil, com mais de 10 mil seguidores, foi derrubada, sem aviso prévio. A recuperação do perfil ocorreu após a mobilização de seus ouvintes e apoiadores que fizeram reclamações à plataforma. Disponível em: <<https://www.instagram.com/chicotadaspodcast/>>. Acesso em: 06 mar. 2024.

Unfortunately the media, especially, I'm sorry to say, the adult, erotic media, frequently and falsely portray nonconsensual, violent, and brutal acts as SM. Stories, photographs, videos, and so forth that depict coercion, kidnapping, rape, and torture as part of SM — and that fail to distinguish between the fantasy of nonconsent and the reality of consensual play — are all too common. Most of this crap is made by “mainstream” adult publishers who don't have the slightest realistic understanding of SM. Thus, they mislead their customers. (WISEMAN, 1996, p.34)

Ainda assim, a presença de indivíduos fetichistas e sadomasoquistas na sociedade é inegável. São trabalhadores produtivos, com famílias e pagantes de impostos (e mesmo que não os fossem, não lhes deve ser negado o acesso a direitos). São pessoas dos mais diversos estratos sociais, profissões e origens. Sendo, talvez, justamente isso que dificulta a organização política e alinhamento ideológico.

Again, we see the beginnings of the emergence of a self-aware, organized group of people banded together based on their sexual preference. This movement is growing and getting stronger. Its implications are at least as strong as the gay movement.

Laws banning discrimination based on sexual orientation or sexual preference do not currently explicitly include SM people, and they should. I would have no problem with an SM person teaching in an elementary school, performing surgery, or serving in the military. Indeed, I happen to know that SM people have been doing all of those things, and many more, for quite some time.

I'm told that the National Organization for Women's official position is that SM is inherently incompatible with women's interests. Given that most of the SM women I know identify as feminists, this may be the next area in which we need to raise consciousness. (WISEMAN, 1996, p.53)

É surpreendente perceber que ainda que encontrem-se em uma sociedade neoliberal, que visa sempre o lucro, a aceitação das pessoas fetichistas como dignas de respeito e compreensão não ocorre pela empatia e nem mesmo pelas vantagens econômicas. Os efeitos positivos, para a economia, do acolhimento das sexualidades fetichistas e sadomasoquistas ampliam-se cada vez mais e dessa forma, parece lógico prever que em um futuro breve deve ocorrer um movimento semelhante ao que ocorre com o *Pink Money*, em que uma minoria sexual passa a ser valorizada por conta do seu poder econômico.

This form of sexuality has unusually strong economic implications. SM has been a cottage industry for some time. Women work as dominants, submissives, and switches. (So do a handful of men, who have an almost entirely gay clientele.) Those who do phone sex take dominant and submissive roles. People earn money by making, distributing, and selling SM equipment and clothing such as restraints, whips, clamps, corsets, boots and so on. (And books!)

Besides the costs of regular sex (for lotions, birth control measures, and so forth), SM interested people purchase ropes, clamps, whips, leather gear,

and many other items. It is common for a player to spend several hundred dollars on SM equipment. Outlays of several thousand dollars are not at all rare, especially if elaborate leather or rubber items are purchased. SM-oriented books, magazines, audiotapes, videotapes, and similar materials sell briskly. (WISEMAN, 1996, p. 54)

Uma vez que fetichistas e sadomasoquistas também compõem estratos econômicos e sociais privilegiados, poderia ser de se esperar uma maior facilidade em lidar com as instituições de poder vigentes. Porém, a hierarquia sexual trata de categorizar tais sexualidades e comportamentos sexuais como os mais desprezíveis e reprováveis, anulando quaisquer outras características socialmente valorosas.

Espero que este trabalho e as reflexões aqui propostas sirvam para que outros pesquisadores se interessem pela produção de conhecimento acadêmico sobre BDSM, sadomasoquismo e fetichismo, no contexto brasileiro mais especificamente. Aqui tentei demonstrar o amplo potencial de estudos sobre o tema, com destaque na Comunicação, e como estes irão produzir resultados não somente aos fetichistas, mas também à comunidade baunilha como um todo.

A falta de diálogo e informação sobre o que é o fetichismo, para além do imaginário popular, prejudica não apenas os indivíduos que possuem tal preferência sexual, mas toda a sociedade. Afinal, o sexo não é apenas natural, mas também socialmente aprendido e se não falamos sobre outras possibilidades, para além do sexo normativo, muito se perde. Isso ocorre em diversos níveis, na produção de conteúdo artístico, cultural, informativo, institucional, intelectual, de saúde, entretenimento, lazer, educação, etc.

Estudar sobre sexo e sexualidade envolve possuir um pensamento crítico do que é e está sendo feito, as potencialidades para além do panorama atual e o que as impede. Assim como demonstra Preciado (2014), os sadomasoquistas estão há décadas indo além do comum. Estamos explorando as possibilidades de estimular sexualmente todas as partes dos nossos corpos, procuramos obter satisfação sexual independente de ereção, orgasmo ou nudez, brincamos com os estereótipos de gênero, inovamos nos brinquedos e acessórios sexuais, confundimos as fronteiras do erótico ou sexual.

A Análise de Discurso aparece como uma possibilidade de compreender esses múltiplos sentidos, potencialidades e mudanças. Aqui, apenas dei início a uma

divisão do que pode ser percebido como a comunicação BDSM brasileira contemporânea e realizei uma análise discursiva das principais partes que compõem os quatro níveis identificados. Espero que outros analistas de discurso dêem continuidade e se aprofundem no tema. Ainda temos muito o que abordar e refletir sobre.

A parte teórica da Comunicação também tem muito a se beneficiar de estudos sobre o BDSM. É possível pensar, por exemplo, como ocorre a comunicação entre indivíduos que estipulam uma hierarquia de maneira aberta, transparente, consciente e consentida, o que pode revelar muitas nuances dos processos comunicacionais, como momentos de fala, escuta, ruídos, equívocos e silêncios. As relações de poder estabelecidas entre os indivíduos *top*, *bottom* e *switcher* também podem revelar nuances da comunicação em espaços coletivos e públicos. Dessa forma, espero que este trabalho seja apenas o início de muitos estudos, debates e reflexões que ainda estão por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, W. Análise de Discurso: O desafio da Corporeidade. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.24, 2020.
- ALVES, W. O sentido dos objetos: Análise de Discursos e materialidades In: SOARES, Thiago Barbosa; CRUZ, Mônica da Silva; COITO, Roselene de Fatima (Orgs.) **Novas fronteiras em Análises do Discurso: objetos outros**.1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- AZEVEDO, W. **A vênus de cetim**. 1 ed. São Paulo: Ondas, 1986.
- AZEVEDO, W. **Sadomasoquismo Sem Medo**. São Paulo: Iglu, 1998.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, L. G. de. Subculturas, um conceito em construção. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXX, 2007, Santos. Anais Eletrônicos: Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1118-1.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2024.
- BECK, U. Incertezas Fabricadas. **IHU On-Line**, São Leopoldo, p. 5-12, 22 mai. 2006.
- BIENVENU II, R. V. **The development of sadomasochism as a cultural style in twentieth-century United States**. 1999. PhD - Department of Sociology, Indiana University, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde Ministério da Saúde. **Sexo Seguro**. Rio de Janeiro, [20- -]. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/acao_anti_aids44.pdf>
- BUTLER, J. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CAVALCANTI, M. I. **Fantasiais sexuais**. Revista Brasileira De Sexualidade Humana, 11(1). 2000. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v11i1.656>
- DAVIDSON, A. I. **The emergence of sexuality**. Cambridge, London: Harvard University Press, 2001.
- DELEUZE, G. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- FACCHINI, R. **Comunidades imaginadas: um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM**. Pensata: Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP , v. 1, p. 6-25, 2012.
- FACCHINI, R.; MACHADO, S. R. **Do sadomasoquismo erótico ao BDSM: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização**. In: Seminário Internacional

Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: desdidos atuais dos feminismos: anais eletrônicos. Florianópolis: UFSC, 2013a.

FACCHINI, R.; MACHADO, S. R. **Praticamos SM, repudiamos agressão?**: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro) , p. 195-228, 2013b.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve**, n. 5, p. 260-277, 10 fev, 2004.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GOMES, P. G. **Mediatização**: Um conceito, múltiplas vozes. *Revista FAMECOS* (Online) , v. 23, p. 22253, 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253/14176>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

HEPP, A. **As configurações comunicativas de mundos mediatizados**: pesquisa da mediatização na era da “mediação de tudo”. *Matriz es*, São Paulo: Brasil, v. 8, n. 1, jun./jul. 2014, p. 45-64. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/82930/85964>. Acesso em: 15 jul. 2021.

LEITE Jr, J. **A Cultura SM**. 2000. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo.

MADEIRA, A. M. **Prazer, Escrava!** A vida das kajiras e mestres goresanos. 2014. Livro-Reportagem (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). USP, São Paulo.

MACHADO, S. R.. **De transtornos, tormentos e delícias**: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, p.159. 2017

MELO, M. L. de. **A dor no corpo** : identidade , gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro, p.121. 2010

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PEREIRA, M. E. C. **Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo.**

PINTO, P. E. **Os interditos do desejo:** um estudo autoetnográfico das emoções nas relações de dominação e submissão entre praticantes de BDSM. Dissertação (mestrado)– Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, p. 103. 2023.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, P. B. **TESTO JUNKIE:** Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUBIN, G. **Pensando o sexo.** In: Políticas do sexo. São Paulo: Editora Ubu, 2017.

RUBIN, G. **As Catacumbas:** um templo dos cus. Tradução por Margot. Medium, 27 nov. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/bdsm-ed/as-catacumbas-um-templo-dos-cus-64231ef434d8>>. Acesso em: 21 dez. 2022

SANTOS, A. A História do BDSM: Parte IV. Cena BDSM. 14 ago. 2020. História. Disponível em: <<https://cenabdsm.com/a-historia-do-bdsm-parte-iv/>>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SILVA, F. C. da S. **O desenvolvimento do conceito de fetichismo nas obras de Freud.** Kalagatos, Fortaleza, v. 10, n. 20, p. 13–51, 2013. DOI: 10.23845/kalagatos

SILVA, M. J. da. **Linguagens, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Ceará.

SIMIÃO, A. R. M., SIMANKE, R. T. **Extrato de estudo em História da Psiquiatria:** o fetichismo na Psychopathia Sexualis de Richard von Krafft-Ebing. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 24(1), 164-187, mar. 2021

SOUZA, A. P., REBELLO, L. S. **A fantasia na literatura de fantasia:** considerações sobre o gênero. Conjecturas, Colombia, v. 22, n. 16, p. 1020-1034, 2022. DOI: 10.53660/CONJ-2098-2U07

VERDUGO, S. A História do BDSM. **Senhor Verdugo.** 30 jul. 2008. Disponível em: <<https://senhorverdugo.com/hist%C3%B3ria-do-bdsm.html>>. Acesso em: 19 mar. 2023.

WHO. **ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics.** World Health Organization, 2024. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/en>>. Acesso em: 06 mar. 2024.

ZILLI, B. D. **A perversão domesticada:** estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria. Dissertação (mestrado) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, p.95. 2007.